

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH
Programa de Pós-graduação em Ciência Política

Luíza Lopes Galvão

**A nova direita brasileira chega ao Palácio do Planalto:
uma análise do fenômeno e seus paralelos com a Alternative Right**

Belo Horizonte
2019

Luiza Lopes Galvão

**A nova direita brasileira chega ao Palácio do Planalto:
uma análise do fenômeno e seus paralelos com a Alternative Right**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Área de Concentração: Opinião Pública, Marketing Político e Comportamento Eleitoral

Orientadora: Prof^ª. Dra. Helcimara Telles -UFMG

Belo Horizonte
2019

Folha de aprovação

Dissertação intitulada “**A nova direita brasileira chega ao Palácio do Planalto: uma análise do fenômeno e seus paralelos com a Alternative Right**” de autoria da mestranda Luiza Lopes Galvão, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Professora Dra. Helcimara Telles – UFMG (Orientadora)

Esther Solano – UNIFESP

Juarez Guimarães – UFMG

Belo Horizonte, 22 de fevereiro de 2019

Aos meus avós,
que não tiveram a oportunidade
de concluir o Ensino Médio

AGRADECIMENTOS

Muitas foram as contribuições, diretas e indiretas, para a construção deste trabalho de dissertação e pelas quais agradeço profundamente.

A todos que compõem o corpo docente, discente e técnico do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais. Especialmente agradeço à minha professora orientadora Helcimara Telles, profissional exemplar, por todo o carinho, dedicação e pelas as reflexões e ideias compartilhadas, e ao professor Ricardo Fabrino, que me guiou na etapa inicial do processo do mestrado e por quem nutro muita admiração e carinho.

A todos os colegas da turma de mestrado de 2015, pelas trocas e discussões. Em especial ao grupo de excelentes pesquisadores que tenho a felicidade de poder chamar de amigos, que me acolheram tão bem em Belo Horizonte: Fábio Espíndola, Isabella Lourenço, Laura Rennó, Lucas Gelape, Luciana Andrade, Raquel D’Albuquerque e Stephanie Reis.

À minha segunda família, agradeço a Ellen Teixeira, Verena Than, Gabriel Pacheco, Bernardo Bandeira, Leonardo Menezes, João Dominici, Isis Galvão e Rodrigo Groetaers, in memoriam, por todo amor. Vocês sempre serão responsáveis por parte de quem eu sou.

E, acima de tudo, agradeço à minha família que sempre acreditou, torceu e me ensinou a ter coragem, em especial aos meus pais, Carmen e Lúcio, que me ensinaram o valor da educação, o maior bem que podemos construir na vida.

I have come to believe that the whole world is an enigma, a harmless enigma that is made terrible by our own mad attempt to interpret it as though it had an underlying truth.

(Umberto Eco em Foucault's Pendulum)

RESUMO

O estudo apresentado nesta dissertação pretende contribuir e dialogar com a literatura da ciência política que se ocupa em analisar o fenômeno das direitas no país que, nos últimos anos, tem ganhado visibilidade na arena de debate público, defendendo um “orgulho direitista” que não era observado no cenário nacional até meados dos anos 90. Entendemos a ampliação da imagem de Jair Bolsonaro no cenário nacional como um fenômeno que não pode ser completamente compreendido analisando apenas fatores da conjuntura interna do país que, a partir de uma situação de crise econômica, polarização, caos institucional e descrença no maior partido nacional à esquerda, abre uma janela de oportunidade para soluções à extrema direita. Há elementos encontrados nas ideologias e agendas mobilizadas pela nova direita radical que se organiza em torno do Bolsonaro no Brasil que guardam semelhanças com aquelas mobilizadas por fenômenos de direitas radicais encontrados em outros países, notadamente com o movimento que se convencionou chamar, na mídia, de *Alternative Right*. O que nos leva a crer que há um crescimento na adesão a discursos radicais de direita por motivos que ultrapassam os limites das peculiares da conjuntura nacional. A contribuição deste trabalho se dá em dois aspectos: (1) uma análise descritiva da *Alternative Right*, oferecendo um mapeamento inicial sobre esse fenômeno; (2) a verificação de semelhanças entre este fenômeno americano e o discurso mobilizado por Bolsonaro, através da análise de suas postagens no Facebook e Twitter a partir do momento em que ele se torna pré-candidato à presidência da república para as eleições de 2018 e desponta em segundo lugar nas pesquisas de intenção de voto no país.

Palavras-chaves: Novas Direitas, Direita Radical, *Alternative Right*, Jair Bolsonaro

ABSTRACT

The study presented intends to contribute and dialogue with the political science literature that deals with analyzing the phenomenon of rights in the country that, in recent years, has gained visibility in the arena of public debate, defending a "right-wing pride" that was not observed in the national scenario until the mid-1990s. We understand Jair Bolsonaro's image on the national scene as a phenomenon that can't be completely understood by analyzing only factors of the country's internal situation, such as economic crisis, polarization, institutional chaos and disbelief in the largest national party on the left. All of it together opens a window of opportunity for the far right. There are elements found in the ideologies and agendas mobilized by the new radical right that is organized around the Bolsonaro in Brazil that keep similarities with those mobilized by phenomena of radical rights found in other countries, notably with the movement that is conventionally called in the media of Alternative Right. This leads us to believe that there is a growth in adherence to right-wing radical discourses for reasons that go beyond the limits of the peculiarities of the national context. The contribution of this work is in two aspects: (1) a descriptive analysis of Alternative Right, offering a mapping of this phenomenon; (2) the verification of similarities between this phenomenon and the speech mobilized by Bolsonaro through the analysis of his posts on Facebook and Twitter from the moment he becomes pre-candidate for the presidency of the republic for the 2018 elections and comes second in the polls in the country.

Keywords: New Right, Right Radical, Alternative Right, Jair Bolsonaro

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Evolução da preocupação, na opinião pública acerca dos temas saúde, educação e corrupção, ao longo dos anos	67
Gráfico 2 - Percentual do conteúdo de vídeo, foto, texto e link das postagens analisadas.....	95
Gráfico 3 - Lista dos oito substantivos que mais se repetem no conteúdo de texto analisado	95
Gráfico 4 - Os 4 grandes eixos de conteúdo	96
Gráfico 5 - Volume de likes das postagens separados por 4 eixos temáticos, analisados a partir de 5 recortes: muito baixo, baixo, médio, alto, muito alto	106
Gráfico 6 - Volume de compartilhamento das postagens separados por 4 eixos temáticos, analisados a partir de 5 recortes: muito baixo, baixo, médio, alto, muito alto	107
Gráfico 7 - Volume de comentários das postagens separados por 4 eixos temáticos, analisados a partir de 5 recortes: muito baixo, baixo, médio, alto, muito alto.....	107
Gráfico 8 - Os onze principais conteúdos que se repetem.....	108

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Percentual de votos válidos de partidos de extrema direita	35
Quadro 2 - Características das Antigas e Novas direitas radicais	44
Quadro 3 - Resultado eleitoral de 2018 de candidatos representantes da nova direita brasileira	71
Quadro 4 – Linha do tempo	80
Quadro 5 – Trajetória eleitoral de Jair Bolsonaro	89
Quadro 6 - Os 5 vídeos mais compartilhados nas redes de Jair Bolsonaro.....	115

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 “IDEIAS E SOMENTE IDEIAS PODEM ILUMINAR A ESCURIDÃO”: AS FAMÍLIAS E MATRIZES IDEOLÓGICAS DAS DIREITAS	17
1.1 A importância da ideologia na distinção dos campos esquerda e direita	18
1.2 As duas matrizes de pensamento que organizam o pensamento das Direitas: Liberalismo e Conservadorismo	22
1.2.1 Liberalismo	23
1.2.2 Conservadorismo	28
CAPÍTULO 2 “WE ARE THE ONES THINKING THE IMPOSSIBLE”: NOVAS DIREITAS RADICAIS	33
2.1 As Direitas Radicais no Mundo	34
2.2 Alt-Right: “We are the ones thinking the impossible”	45
2.2.1 Origem e significado do nome	46
2.2.2 Defesas ideológicas	51
2.2.3 O que é a Alt-Right pela leitura da própria direita radical	52
2.3.4 Quem são os alt-rights e como se tornaram visíveis	55
CAPÍTULO 3 “MENOS MARX, MAIS MISES” E A CRISE POLÍTICO-INSTITUCIONAL: A CONJUNTURA QUE ABRE AS PORTAS DO PALÁCIO DA ALVORADA PARA A DIREITA RADICAL	58
3.1 Breve trajetória das ideias das direitas no Brasil	60
3.2 A emergência da nova direita no conturbado cenário de crise político-institucional: do Impeachment às eleições de 2018	63
3.3 A nova direita brasileira: a produção cultural que alimenta a militância	72
CAPÍTULO 4 “BRASIL ACIMA DE TUDO, DEUS ACIMA DE TODOS”: O DISCURSO DE BOLSONARO NAS REDES.....	82
4.1 As Redes Sociais: Plataforma de Análise.....	83
4.2 Procedimentos da Pesquisa.....	86
4.3 Quem é Jair Bolsonaro?	88

4. 4 Análise das postagens	91
4.4.1 Principais aspectos e grupos de conteúdo da amostragem	94
4.4.1.1 EIXO 1: O problema do sistema.....	97
4.4.1.2 EIXO 2: O problema da segurança.....	100
4.4.1.3 EIXO 3: O problema do estado grande e autoritário	101
4.4.1.4 EIXO 4: A falsa divisão do país em grupos segmentados – nacionalismo como solução	104
4.5 Os conteúdos analisados.....	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS	121
APÊNDICE 1	132
ANEXOS	133

INTRODUÇÃO

O que motivou, inicialmente, o desenho deste projeto foi uma vontade de somar esforços ao corpo de pesquisadores que começava, de maneira mais importante, a partir de 2015, a renovar o interesse da academia de Ciência Política Brasileira pelo tema das direitas.

Compreender o fenômeno da emergência das novas direitas é importante porque atores de direita têm exercido uma força competitiva em processos eleitorais em vários países, mobilizado a opinião pública, e com isso, influenciando as agendas políticas internacionais e nacionais. Esse fenômeno também se relaciona com mudanças culturais na sociedade, uma vez que, utilizando-se de táticas comunicacionais inovadoras, ressignificam símbolos e afetos. Importa estudá-lo, sobretudo, porque seus discursos colocam em cheque conquistas sociais alcançadas no passado recente (TATAGIBA, 2017). O que faz com que os estudos dessa área sejam, além de teórica, politicamente relevantes.

Tradicionalmente a ciência política se dedica à observação de variáveis institucionais e condições materiais que exercem influência sobre os indivíduos, para dar conta de explicar processos, porque esses elementos são mensuráveis de uma maneira que as motivações ideológicas, afetos e formas de atuação comunicativa não são.

As abordagens tradicionais, contudo, evidenciam limites para a apreensão dos processos em curso atualmente na medida em que nos deparamos com uma incapacidade de compreender e antecipar mudanças sociais que, de certa forma, se relacionam com a nossa incapacidade de explicar processos (TATAGIBA, 2017).

Importa, portanto, nos dedicarmos a trazer elementos que nuancem premissas e nos ajudem a compor um conjunto de ferramentas explicativas mais elaborado, a fim de conseguirmos dar conta de um fenômeno que além de recente é complexo e multifacetado, retomando um interesse pelas ideologias que servem de matéria-prima para conformar os novos discursos que se apresentam, lançando esforços no sentido de compreender táticas comunicacionais, mantendo em mente que subjetividades orientam o engajamento na vida pública e as escolhas políticas.

Para além da natureza do fenômeno das novas direitas, as pesquisas sobre esse assunto se deparam com o desafio colocado pela ainda escassa literatura nacional sobre o tema. A academia brasileira não tem tradição de estudos sobre a direita (TATAGIBA; TRINDADE; TEIXEIRA,

2015). Existe uma desproporção de trabalhos e pesquisas que contemplam as correntes ideológicas, os discursos e as organizações de esquerda em comparação com a direita, indicando que, durante um longo período de tempo, no Brasil, não se entendia como relevante o eco que os valores defendidos pela direita alcançavam na sociedade. E a mesma tendência nacional que culminou em uma parca literatura sobre esse campo pode ser observada também na literatura acadêmica na América Latina em geral (BOISARD, 2013).

O fenômeno do expressivo aumento da relevância das novas direitas no cenário brasileiro salta aos olhos quando lançamos uma atenção mais cuidadosa para o ruidoso jogo de xadrez político nacional recente. E, para caminharmos em direção a uma maior compreensão deste fenômeno, é preciso que consigamos ter em vista um panorama mais abrangente do que o construído pelas peças nacionais deste xadrez.

Jair Bolsonaro mobiliza símbolos ideológicos de famílias de direita revisitados em sintonia com outras movimentações de direita radical no mundo e este trabalho pretende contribuir na direção de tornar isso visível.

Um entendimento que guia este trabalho é o de que os processos comunicativos não só fazem parte da política como são o meio/as vias através do qual fazemos a política (apesar de muitas vezes esse entendimento ser mantido ao largo das análises uma vez que, apesar de eles serem possíveis de serem observados, são difíceis de serem “quantitizados”, principalmente em relação à tradicional lógica do “quantos por cento” isso influencia no processo).

O objetivo principal dessa dissertação é verificar quais são as características do discurso do Bolsonaro. Os objetivos secundários são (a) verificar se existem paralelos entre essas características e a *Alternative Right*, (b) verificar se os elementos que vem sendo levantados pela literatura acadêmica da área para caracterizar as direitas radicais são encontrados no conteúdo apresentado por Bolsonaro, (c) verificar se é explícita a inclinação ultraliberal no conteúdo que torna visível em suas redes sociais e, por fim, (d) verificar se o seu discurso pode ser compreendido como o de uma nova direita.

Para responder à pergunta guia dessa pesquisa, qual seja, “quais são as características do discurso do Bolsonaro?”, levantamos, a partir de uma prévia observação e análise do cenário político, as hipóteses de que, sim, (1) existem paralelos entre o conteúdo de seu discurso e as características da *Alt-Right*, (2) existe um aceno explícito a um projeto de governo ultraliberal e (3) o discurso de Bolsonaro é representativo da nova direita brasileira.

Para verificar se as hipóteses levantadas são válidas (inteira ou parcialmente), utilizamos metodologias mistas e complementares que agregaram 1) análise bibliográfica; 2) a mineração de dados na internet por meio de raspagem das redes sociais; 3) a organização dos dados em bancos de dados; 4) análise de conteúdo; 5) tratamento estatístico descritivo.

O primeiro passo deste trabalho, a fim de verificar a validade das hipóteses acima, será, portanto, fazer uma revisão bibliográfica com o objetivo de precisar conceitos e mapear a literatura acadêmica sobre Direitas Radicais, *Alternative Right* e Novas Direitas Brasileiras, para conhecermos as suas características.

Tendo em vista a importância das redes sociais na forma de fazer política das novas direitas, foi natural escolhermos analisar o discurso de Bolsonaro através do conteúdo que ele torna visível em suas duas principais redes sociais, *Facebook* e *Twitter*.

Através da análise de conteúdo, analisaremos as principais características do discurso de Jair Bolsonaro durante o período de sua pré-campanha eleitoral, com o objetivo de responder às questões propostas.

O primeiro capítulo deste trabalho tem a função de reavivar uma discussão acerca das ideologias mobilizadas pelos grupos que são localizados à direita do espectro político. Para além de indicadores materiais como crise econômica, desemprego, redução do poder de consumo, fatores imateriais, como as afetos individuais e coletivos, construídos em relação às ideologias, importa na movimentação do jogo político. O ganho de relevância das direitas no cenário global responde a inúmeros elementos contextuais e sinaliza, também, um sucesso em engajar indivíduos através de um conjunto de valores e ideias próprios das famílias de direita.

O segundo capítulo se ocupa de localizar historicamente o que a literatura internacional convencionou chamar de “novas direitas” a partir dos anos 80, reivindicar o uso do adjetivo “radical” para caracterizar os grupos específicos que são de interesse deste trabalho, e fornecer um mapeamento do movimento multiforme de direita alternativa que ganhou enorme expressividade no cenário político a partir de 2016, durante a última campanha eleitoral para a presidência dos Estados Unidos, que vem sendo convencionalmente referido através da expressão *Alternative Right*. A descrição do fenômeno da *Alternative Right*, nessa dissertação é feita, a partir, fundamentalmente, de dois livros: “*Kill all Normies: Online Culture Wars from 4Chan and Tumblr to Trump and the Alt-Right*”, da Angela Nagle, e “*Making sense of the Alt-Right*”, do George Hawley.

O terceiro capítulo apresenta o contexto brasileiro em meio ao qual vimos a emergência de importantes novos atores de direita no cenário nacional e analisa a conexão pouco trivial entre os diferentes elementos que, influenciando uns aos outros, abriram uma enorme janela de oportunidade para que candidaturas de direita radical fossem vitoriosas nas últimas eleições de 2018.

O quarto e último capítulo apresenta a análise de conteúdo do discurso do atual presidente eleito Jair Bolsonaro, pensando a relação desses conteúdos com as características aventadas nos capítulos anteriores.

CAPÍTULO 1

“IDEIAS E SOMENTE IDEIAS PODEM ILUMINAR A ESCURIDÃO”¹: AS FAMÍLIAS E MATRIZES IDEOLÓGICAS DAS DIREITAS

No Brasil, estudos da área de comportamento político têm concordância em relação a um baixo grau de uma compreensão estruturada e sofisticada em relação aos conceitos de direita e esquerda.

Reis, 1988, apontou que as preferências ideológicas dos brasileiros são mais ancoradas em imagens simplificadas da conjuntura do que propriamente em compreensões políticas refinadas. Compreensões abreviadas e genéricas das ideias de “povo”, “governo”, “pobres”, “ricos” e “oposição” parecem embasar as preferências dos brasileiros, o que dificilmente não contribui para que a política nacional seja conduzida com um caráter populista (SILVA, T. 2017).

Castro, em 1994, também mostrou que o eleitorado brasileiro seria mais conduzido por características pessoais dos candidatos em disputa, do que por ponderações ideológicas mais pragmáticas e estruturadas.

Historicamente, cerca de 1/5 dos brasileiros declara não saber o significado dos termos direita e esquerda; somados aos centristas, temos um número de cerca de 50% de indivíduos na sociedade que não se posicionam em nenhum dos lados do contínuo (SILVA, T. 2017).

Contudo, é preciso não supervalorizar essas informações já que, mesmo que não seja de maneira refinada, direta e consciente, os cidadãos fazem, sim, uso de um sistema estruturado de crenças políticas (FELDMAN, 2013), se balizando de alguma forma por códigos, símbolos e valores que orbitam em torno dos campos direita e esquerda.

Em 2011, Popp e Rudolph pontuaram a diferença entre a existência de uma “ideologia simbólica” e uma “ideologia operacional”. Enquanto a última categoria de fato contribui para estabelecer distinções no espectro político e reduzir as incongruências dos posicionamentos políticos, a primeira, muito relacionada a conexões identitárias e simbólicas, acaba por distorcer as posições espaciais nas pesquisas. O caráter simbólico de uma ideologia está relacionado aos

¹ (MISES, 2017, p. 213).

afetos individuais, à sensação de pertencimento e, em alguma medida, ao orgulho de se posicionar espacialmente em determinada localização no espectro político.

A ideologia dos cidadãos não é determinada essencialmente por valores (INGLEHART & KLINEMANN, 1976). Há um forte componente emocional que precisa ser levado em conta na análise. Mais do que ser uma escolha racionalmente estruturada, a identificação ideológica se dá em um aspecto sentimental. Há uma aproximação sentimental baseada em sensações positivas ou negativas relacionadas a símbolos que são identificados como pertencentes ao universo da direita ou da esquerda.

Como sabemos, rótulo de “direita” teve sua reivindicação de uso aumentada nos últimos anos. Se, como apontam algumas pesquisas², não há sinais de que a população operacionalmente se identifique com a direita, no sentido de apoiar determinadas pautas e programas defendidos pelos atores que se organizam nesse campo político, é importante que seja feita uma reflexão sobre os motivos que produziram, então, esse crescimento de identificação na ordem simbólica.

Para isso, um olhar mais atento aos símbolos e conjuntos de ideias mobilizados pelas principais matrizes ideológicas que organizam as famílias das direitas importa.

A seção I deste capítulo se ocupará de definir o que entendemos por ideologia e como as mudanças históricas produziram transformações nos conceitos de direita e esquerda, e a seção II se ocupará de expor um breve panorama dos dois grandes campos ideológicos que historicamente são mobilizados por atores de direita: o liberalismo e o conservadorismo.

1.1 A importância da ideologia na distinção dos campos esquerda e direita

A tese do “fim da ideologia” foi compartilhada por muitos analistas a partir do momento em que se firmou a perspectiva de que havia um triunfo inquestionável de um sistema econômico balizado por uma vertente pragmática e socialmente responsável da ideologia liberal.

Daniel Bell, em 1960 (p. 397), foi sintético ao ponderar que:

“Few “classic” liberals insist that the state should play no role in the economy, and few serious conservatives, at least in England and on the continent, believe that the Welfare State is the “road to serfdom”. In the Western world, therefore, there is today a rough consensus among intellectuals on political issues: the acceptance of a Welfare State and the desirability of decentralised power; a

² SOLANO, Esther. et al. O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil. 2018.

system of mixed economy and pluralism. In that sense, too, the ideological age has ended”

Os anos 50, com o largo crescimento do PIB em muitos países industrializados, forneciam insumo para que a ideia de “fim da ideologia” fosse defendida (DUNCAN, 1987). A combinação de prosperidade econômica com o crescimento do Welfare contribuía para a redução das diferenças econômicas e políticas (BUTLER & STOKES, 1974) e, de alguma maneira, permitia que uma sensação de consenso em relação às políticas a serem adotadas por governos existisse, tornando muito difícil propor algo que estivesse em diametral oposição a tal consenso médio.

As ideias radicais teriam perdido sua força no Ocidente³ uma vez alcançado o equilíbrio entre sistemas institucionais e princípios econômicos que colaboravam com o crescimento econômico e permitia o desenvolvimento individual das capacidades dos cidadãos da melhor maneira que já havíamos experienciado enquanto sociedade. O Estado de Bem-Estar Social, uma alternativa ao centro, que combinava liberalismo e socialismo, parecia uma unanimidade.

Na segunda metade do século XX, as sociedades industrializadas atingiram, com o Welfare, uma estrutura econômica mista de objetivos reformistas. A esquerda teria aceitado os perigos do poder excessivo do Estado e a direita teria aceitado a necessidade de um Estado que assegurasse direitos para a classe trabalhadora.

Contudo, pesquisas de behavioristas americanos já indicavam que a tese do fim da ideologia não se apoiava em fortes evidências. Estudos de votações nominais e discursos de atores relevantes do cenário político estadunidense apontavam que existia uma dimensão extrapartidária que aglutinava opiniões sobre os mais variados assuntos da vida política e social (DA SILVA, 2017): os construtos ideológicos.⁴

O conceito de ideologia que trabalhamos aqui se refere, portanto, a um conjunto de convicções estabelecidas e relacionadas entre si, com uma certa constância e permanência ao longo do tempo e que, sendo um conjunto, se diferem e se contrapõem de outros sistemas de crenças (KNIGHT, 2006).

Ideologias são mapas conceituais para compreendermos o universo de disputas políticas, contendo conceitos centrais, adjacentes e periféricos, sendo os conceitos centrais aqueles aspectos inegociáveis como, por exemplo, o que significa liberdade para o liberalismo ou o que significa

³ Seymour Lipset, Edward Shils e Raymond Aron, por exemplo, compartilhavam desta perspectiva.

⁴ Em Knight, 2006, aprendemos que Duncan McRae talvez tenha sido o pesquisador pioneiro, em 1952, a trabalhar com os construtos ideológicos de forma quantitativa.

igualdade para o socialismo (VINCENT, 2017) e, dessa forma, nos oferecem ferramentas para apreender a realidade e refletir sobre ela.

A origem do uso do conceito direita-esquerda é bem conhecida. Refere-se aos situacionistas e opositoristas que se dividiram espacialmente, ocupando cadeiras à direita ou à esquerda, dentro da Assembleia Nacional da França, em 1789, para demonstrar seu apoio ou oposição ao governo. Na esteira do tempo, e em diferentes países, os significados atribuídos ao binômio em questão tomaram formas variadas, o que faz com que a tarefa de encerrá-lo em uma definição para os propósitos deste trabalho não seja trivial.

No início do século XIX o significado dos dois termos passou a se relacionar com uma distinção entre as ideologias liberal⁵ e conservadora, e, ao longo do século, a entrada da perspectiva marxista de maneira inquestionável nos debates políticos e a amplificação do movimento operário fez com que o significado de esquerda passasse a incorporar a ideia de defesa da classe proletária. Já no final do século, os debates desenvolvidos sobre a socialdemocracia e a experiência da revolução russa de 1917 fizeram com que a burguesia, abraçando a defesa do capitalismo, fosse deslocada para a direita e, no início do século XX, com o despontamento do keynesianismo e o ganho de fôlego para as políticas redistributivas dos estados de bem estar-social terminaram por empurrar, de vez, o liberalismo para a direita. (TAROUCO E MADEIRA, 2013).

A entrada das chamadas “questões pós-materialistas” (INGLEHART, 2007) no debate político na segunda metade do século XX e o ulterior colapso do bloco soviético fizeram com que a delimitação mais contemporânea dos limites dos conceitos direita e esquerda se tornasse ainda mais complexa, principalmente porque, como bem aponta SILVA, T. (2017), as propostas de ordem econômica, na qual residia a principal diferença entre os espectros políticos, não é constante nos conflitos sociais em diferentes regiões.

Há um caráter abstrato na noção de direita-esquerda já que, ao contrário de outros termos que povoam o léxico político, esses não se referem a uma corrente de pensamento particular ou fazem a defesa de uma pauta específica e bem delimitada em todo e qualquer tempo e lugar. Direita e esquerda são conceitos relacionais e denotam coordenadas opostas em uma escala espacial.

⁵ É ilustrativo lembrar que Mary Wollstonecraft fez sua reivindicação de direitos concedidos aos homens às mulheres com base no pensamento liberal (Birolli e Miguel, 2015), o que serve para exemplificar como o liberalismo serviu para a defesa de direitos das minorias, à esquerda do espectro político.

Na nossa história mais recente, a esquerda é definida como o campo que defende maior intervenção do Estado na economia (HUNTER, 2010) e a direita como o campo que faz a defesa do livre-mercado.

Bobbio, no trabalho possivelmente mais proeminente da área sobre os dois conceitos⁶, desenvolve a sua análise explicativa na metáfora de uma linha contínua, binária e mutualmente excludente, trazendo o conceito de igualdade para explicar a diferença entre os campos. Simplificando o seu argumento, a diferença entre os termos estaria relacionada à distinção no juízo sobre o ideal de igualdade, ao considerá-lo um ideal positivo ou negativo.

“A antítese não poderia ser mais radical. Em nome da igualdade natural, o igualitário condena a desigualdade social; em nome da desigualdade natural, o inigualitário condena a igualdade social” (BOBBIO, 1994). A partir de uma perspectiva liberal, Norberto Bobbio rejeita o relativismo “ideológico”, porque “esquerda e direita” não se refeririam apenas a ideologias, os termos também sustentariam uma série de valores historicamente positivos para a esquerda e negativos para a direita: o conservadorismo e a reação são da direita, enquanto o progresso e a mudança são da esquerda.

Singer, 1999, também traz o conceito de igualdade para propor uma distinção entre os termos. Ele defende que o modo de alcançá-la é o que divide o eleitorado entre a direita e a esquerda. A direita estaria associada à ideia de reforço da autoridade do Estado para promover mudanças igualitárias, para que elas ocorram sem prejuízo à ordem. Já a esquerda estaria relacionada à contestação da autoridade do Estado, na medida em que ele funciona como repressor de movimentos sociais que objetivam promover transformações rumo a mais igualdade.

Novas obras, como o trabalho de Da Silva⁷, advogam a necessidade de uma outra concepção de metáfora espacial que alargue a compreensão de “direita” e “esquerda” e possibilite dar conta da multidimensionalidade dos conceitos, em que os espectros possam se combinar em âmbitos distintos para que possamos nos aproximar da realidade do conjunto de crenças e valores dos indivíduos. Realisticamente, as pessoas organizam suas crenças combinando inclinações progressistas e conservadoras a respeito de temas diversos (SILVA, T. 2017).

⁶ BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda. Razões e Significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora. UNESP. 2011.

⁷ SILVA, Thiago Moreira da. *Para além de esquerda e direita: a multidimensionalidade das crenças no Brasil contemporâneo (1989-2014)*. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Política, Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

A divisão estrutural mais corrente do sistema de crenças dos indivíduos sugere a separação dos âmbitos econômico e social, produzindo um alinhamento espacial de acordo com duas matrizes psicológicas distintas (SILVA, T. 2017). Os alinhados à direita, na área econômica, são os que rechaçam a intervenção estatal em prol do livre-mercado e, na dimensão social, são os que defendem a regulação de comportamentos compreendidos como inadequados, como, por exemplo, o uso de drogas e o aborto.

A moralização da política, principalmente a partir dos anos 90, quando as questões culturais entraram para o centro do debate e passaram a organizar o campo político em volta deles, reestruturou o espectro direita-esquerda em um outro eixo, alinhando progressistas de um lado e conservadores de outro (SOLANO, 2018). A partir de então, complexificando a classificação no espectro político espacial, as pautas morais entraram em disputa em termos de projeto político, dividindo o campo entre progressistas e conservadores que, longe de substituir o espectro tradicional direita e esquerda, o atravessa.

Se a literatura internacional sugere o uso das dimensões econômica e social para compreendermos a estrutura de crenças ideológicas, no Brasil precisamos de um componente adicional: o apoio a uma tradição autoritária (SILVA, T. 2017). Nessa perspectiva, Da Silva sugere uma compreensão dos conservadores nacionais – que compõem parte da direita nacional, mas não são o seu todo – como indivíduos com preferências cruzadas em relação às questões econômicas e sociais e que, sobretudo, valorizam a existência de uma autoridade para a condução política sem prejuízo da ordem, dessa maneira, defendendo a limitação de mecanismos democráticos como greves e alinhando-se a discursos ditatoriais (SILVA, T. 2017).

O agrupamento das famílias de direita é bastante heterogêneo e diverso. De maneira simplificada, porém, pode ser compreendido em apenas dois grandes campos principais, se levarmos em consideração a autodenominação de seus integrantes: o campo liberal e o campo conservador (ROCHA, 2018).

1.2 As duas matrizes de pensamento que organizam o pensamento das Direitas: Liberalismo e Conservadorismo

“There is no external foundation to which ideologies correspond. Ideologies remain tied to ‘theories’; their logic is therefore circular and cannot be tested against the world. Science, on the other hand, has a

specific direction since the theory can be falsified by external foundational facts.” (VINCENT, 2010)

O liberalismo e o conservadorismo, em suas mais variadas vertentes, compõem, desde o século XIX, os pilares de organização de conceitos e visões de mundo que agrupam e movimentam as famílias da direita. Por isso, é razoável que, mesmo brevemente, façamos uma recuperação histórica dessas ideologias. Sobretudo para que seja evidenciado algo que, apesar de óbvio para os familiarizados com o terreno das ideias, é pouco visibilizado em análises apressadas e em discursos amplamente divulgados pelo senso comum: o que entendemos por ideologias são, na verdade, um agrupamento de ideias desenvolvidas por diferentes pensadores que muitas vezes são discordantes entre si, exceto por um agrupamento nuclear fundamental e básico de conceitos e valores.

A localização de um grupo de indivíduos, partido ou movimento à direita passa não apenas pela observância do conjunto de pautas que defendem objetivamente e de seus valores morais, como também pela relação dos símbolos e valores que mobilizam com as correntes de pensamento que são desenvolvidas e modificadas para se adaptarem aos novos contextos. É preciso um esforço no sentido de compreender origens de pensamentos que se formam atualmente observando-os também sob a luz do contexto histórico, e não somente como um conjunto de características isoladas temporalmente.

1.2.1 Liberalismo

“Perhaps the fact that we have seen millions voting themselves into complete dependence on a tyrant has made our generation understand that to choose one’s government is not necessarily to secure freedom.” (Hayek 1960, p. 14).

Quando convocamos a ideia de liberalismo, automaticamente, no nosso imaginário nacional, aloca-se essa ideia à direita do espectro. Contudo, o liberalismo foi, historicamente, a bandeira através da qual foram reivindicadas muitas transformações sociais e culturais à esquerda. E, ainda hoje, notadamente nos países anglo-saxões, o conceito de *Liberalism* se firma à esquerda do espectro em oposição ao conservadorismo.

A diferença conceitual entre Liberalismo e Libertarianismo merece ser pontuada para a compreensão da realidade brasileira uma vez que, inegavelmente, lidamos com uma forte influência cultural e científica estadunidense, seja através da aproximação de nossas próprias

pesquisas acadêmicas que dialogam fortemente com a produção americana – notadamente na área da ciência política – seja no acesso da grande massa às produções musicais, literárias e audiovisuais que atinge de maneira importante, se não a maioria da população, uma parte relevante da parcela mais jovem da população, o que exerce influência sobre as percepções simbólicas do campo semântico liberal.

O substantivo *liberalism* designa, frequentemente, uma tradição que remonta ao utilitarismo inglês na qual a liberdade tem como pressuposto a justiça social e o Estado pode ter um papel importante em sua realização. *Libertarianism*, por sua vez, diz respeito à tradição intelectual que defende o individualismo e o *laissez-faire*, desconfiando fortemente de toda ação estatal (BIANCHI, 2017).

Há, na literatura, um amplo debate sobre as origens do liberalismo. Alguns acadêmicos o relacionam ao contexto de origem dos Estados-Nação, outros ao movimento do Iluminismo, principalmente francês, outros ainda ao desenvolvimento do capitalismo industrial (o que permite que muitas análises conectem a ideologia liberal como a ideologia do capitalismo⁸). Há ainda uma quarta maneira de perceber a origem desta ideologia que é conectando-a com uma tradição europeia de constitucionalismo. Durante o século XIX, a ideia de constitucionalismo era virtualmente identificada como liberalismo, na tradição de pensamento europeia (VINCENT, 2010). Defensores das instituições democráticas e das leis constitucionais, eram, portanto, virtualmente liberais, nessa leitura.

O liberalismo, em vez de uma doutrina única e clara, é uma palavra que agrupa diferentes escolas.

A partir do final do século XIX, esta ideologia é compreendida, grosso modo, como um conjunto de ideias e estratégias que se ocupam de adquirir e defender “liberdade” e “igualdade”, ao mesmo tempo em que valoriza o conceito de individualismo (que poderia ser compreendido como uma doutrina que exalta o valor individual do ser humano). O conceito de igualdade, comumente compreendido como igualdade de direitos perante à constituição e suas leis, e o conceito de liberdade, compreendido em seu viés negativo, qual seja, a liberdade de estar livre de uma coerção arbitrária, seja de pares, seja do próprio Estado, seja de morais religiosas.

⁸ O que vale ser lembrado aqui é que essa linha de abordagem frequentemente falha em notar que outras ideologias também ganharam corpo e força contemporaneamente ao desenvolvimento do capitalismo industrial, a notar, o socialismo.

A condução de uma economia livre aparece, desta forma, relacionada a uma ideia genérica de ausência de coerções e, portanto, desejável. A crença de que uma economia livre é a escolha ideal para uma sociedade que traz satisfação para os seres humanos está fortemente presente nas escolas liberais. Por economia livre entende-se uma sociedade com uma economia onde todos têm relativamente os mesmos direitos para produzir e consumir, o que deixa implícito que o governo deveria resguardar apenas funções mínimas como a manutenção da lei, ordem interna, defesa da propriedade privada e da segurança. Dentre os nomes mais proeminentes na defesa dessas ideias podemos mencionar J.S.Mill, Herbert Spencer, Benjamim Constant, François Guizot, Alexis de Tocqueville.

Há uma vasta gama de defesas liberais e, observando o longo curso da história podemos destacar a defesa de eleições livres e justas, direitos civis e humanos, liberdade de imprensa, liberdade religiosa, livre comércio e defesa do direito à vida, liberdade, propriedade.

Argumenta-se que essa forma de liberalismo morre no início do século XX (VINCENT, 2010).

Podemos constatar uma divisão do liberalismo em dois campos a partir de então. Em uma bifurcação estariam o que na literatura americana ficou conhecido como *New Liberals*, que seriam os liberais de esquerda ou progressistas, aqueles que passaram a compreender o governo como a única força legítima capaz de proteger os interesses da sociedade enquanto um coletivo. Dito de outra forma, os novos liberais americanos seriam aqueles que passaram a defender que a função do governo era não apenas garantir as liberdades e direitos individuais mas também ser um agente para contribuir com o avanço do Estado de Bem Estar Social. Na outra bifurcação encontraríamos os liberais que permaneceram compreendendo o governo e o Estado como uma causa primária de ameaça à liberdade. Estes passariam a ser conhecidos como os “liberais clássicos”, liberais de direita ou libertários (principalmente no jargão político americano).

É de interesse notar, todavia, que, por conta da ênfase prioritária na menor intervenção possível do Estado na vida dos cidadãos, apesar de serem associados à direita majoritariamente, os ideais libertários são também associados aos anarquistas em algumas análises.

No pós-guerra, houve um revigoração de ideias liberais clássicas notadamente pela escola austríaca de economia, cujos mais famosos expoentes são Ludvig von Mises e Friedrich Hayek; escola de Chicago, popularizada por Milton Friedman; e a Escola de Virginia, com o trabalho de James Buchanan e outros pensadores como Ayn Rand e Robert Nozick.

O conjunto de ideias defendidas por estes grupos supracitados tem, por óbvio, nuances e diferenças, contudo, nos anos 90 foram reunidos no guarda-chuva do termo “neoliberalismo” e foram muito propagadas, durante os anos 80 e 90 não pelos liberais, mas pelos conservadores dos EUA e Europa (VINCENT, 2016) entrando como linha de direcionamento central de instituições internacionais como o FMI e o Banco Mundial. E é nessa franja do liberalismo onde bebem os liberais brasileiros contemporâneos, assim como são com os seus conceitos básicos e símbolos fundamentais que grande parcela das novas direitas dialoga.

Há os que argumentam que o neoliberalismo não seria de verdade um “liberalismo”, contudo, parece sensato compreender que a ideologia liberal se desenvolveu e se modificou para o que deu origem ao neoliberalismo.

O conceito de individualismo é central no neoliberalismo. Os valores e moralidades que importam dizem respeito, em primeiro lugar, ao indivíduo (e não à sociedade), porque ele é compreendido como uma unidade primária que antecede à formação social devendo, desta maneira, ser priorizado. A verdade e a moralidade só podem ser extraídas do indivíduo e, em havendo um comprometimento à não-coerção individual, a sociedade caminhará, naturalmente, para uma composição mais igualitária. Todas as pessoas têm igual valor e nenhuma delas deve ser privilegiada pelo Estado (que é, em última instância, o organizador das regras vigentes na sociedade). Muita intervenção estatal é compreendida como ofensa à ideia de liberdade básica e algo que mina a iniciativa individual.

Hayek é claro ao defender que não se deve confundir *liberty*⁹ com um desejo de sentir-se livre. Falta de capacidade ou poder não são compreendidos como restrições ou coerções. Mais capacidade ou poder oferecem mais possibilidades para o uso da liberdade. Essa possibilidade de diferentes usos (ou seja, condição do uso da liberdade) não deve, contudo, ser confundida com a própria ideia de liberdade (VINCENT, 2016).

Dessa forma, num exercício lógico, doenças, pobreza, desemprego e falta de oportunidades não podem ser entendidas como “falta de liberdade” já que não configuram restrições ou coerções intencionais. A liberdade negativa é compreendida por muitos dos proponentes do liberalismo como necessária para a criatividade e o despertar de um senso de desenvolvimento do ser humano. Está atrelada também a uma compreensão de reconhecimento, tolerância e respeito pela diversidade do outro. A liberdade positiva seria compreendida como um

⁹ Há, na sua obra, uma atenção em relação à distinção semântica entre as palavras *liberty* e *freedom*.

caminho que não levaria à diversidade e não estimularia o desenvolvimento e o reconhecimento das conquistas individuais.

Sobre a compreensão de justiça e igualdade, ela foca no ponto de partida e não no ponto de chegada, entre os liberais clássicos. A justiça deve assegurar o máximo de liberdade e espontaneidade aos indivíduos para que persigam os seus interesses pessoais. Dessa maneira, a manutenção de regras procedimentais para que essa condição seja garantida é mister, mas os resultados a que isso levam não são relevantes.

Contudo, é importante notar que em Friedman¹⁰ há a defesa de que o libertarianismo levaria automaticamente a uma sociedade mais igualitária e tolerante racialmente mesmo que os princípios libertários sejam contra o direcionamento de recursos do Estado para a promoção de políticas com o objetivo de minimizar as desigualdades raciais (HAWLEY, 2017).

Na formulação de Hayek (1982), os resultados de uma sociedade marcada pela ordem do mercado não podem ser considerados nem justos nem injustos, já que eles não são o resultado de uma ação intencional.

Em seu mais proeminente livro, “O Caminho da Servidão”, de 1944, há uma sólida defesa de como a distribuição de bem estar na sociedade pelo Estado levaria a inevitáveis desigualdades e injustiças por conta da arbitrariedade do procedimento. As distribuições centralizadas implicam em um plano e os planejadores sempre irão impor os seus princípios sobre a maioria.

O bem-estar de uma sociedade só poderia ser desenvolvido de uma maneira justa, nessa lógica, deixando os indivíduos o mais livre possível para utilizar as suas habilidades e inteligência para os seus objetivos pessoais. A distribuição de riqueza através do Estado seria a base de um falso igualitarismo. O liberalismo se interessa em igualdade legalmente concedida para todos, mas não em igualdade de propriedade ou poder.

Liberdade e democracia, para Hayek, teriam objetivos que poderiam ou não serem os mesmos. Uma democracia protegida e limitada poderia proteger a liberdade, mas, refletindo sobre o caso alemão, ele pondera que o exemplo de milhões de pessoas escolhendo a tirania através de um sistema democrático faz com que precisemos ter cautela na compreensão de que um sistema democrático por si só leva a uma sociedade mais livre.

¹⁰ Milton Friedman, *Capitalism and Freedom*, 40th anniversary ed. (Chicago: University of Chicago Press, 2002), 108–118.

A valorização da economia de mercado, já mencionada, está presente em todos os pensadores da família liberal, apesar de haver diferenças na natureza desse valor¹¹.

Desde Tom Paine, liberais têm entendido a participação no mercado e a propriedade privada como responsáveis por fornecer um senso de responsabilidade civil. A promoção da liberdade e da eficiência não seria necessariamente o efeito desejável primário do mercado, há muitos outros motivos pelos quais ele deveria ser valorizado, a notar, a promoção de paz e ordem, a disciplina individual e a confiança em si. Em um exemplo extremo desse entendimento, podemos citar Ludvig von Mises que defende que o mercado é bom a priori, independentemente de suas consequências para a sociedade (VINCENT, 2017).

1.2.2 Conservadorismo

“In fact, it would be no exaggeration to say that much of the deeply disturbing social and economic change of the last two decades of the twentieth century, in many industrialized societies, was fomented by liberal conservatism and New Right neo-liberalism, particularly in Britain and America. Many have found this a strange contradiction” (VINCENT, 2016)

Em seu sentido mais lato, a palavra conservadorismo se refere à ideia de conservação, “manter algo intacto”. Seria, por definição, portanto, uma família de ideias que recusam mudanças e grandes transformações na sociedade.

Assim como o conceito de liberalismo, o conservadorismo passou a ser mais amplamente utilizado em seu sentido político no século XIX, depois de seu surgimento no contexto da revolução francesa. Na formulação de Kirk, uma premissa essencial do conservadorismo é a “preservação das antigas tradições morais da humanidade” (KIRK, 1986).

O primeiro registro do uso dessa expressão para designar um conjunto de ideias políticas é da França dos anos de 1820, no jornal de Chateaubriand, *Le Conservateur*, que era produzido com o intuito de propagar ideias a respeito da restauração religiosa e política (VICENT, 2016).

¹¹ Apesar de em algumas explicações simplificadas sobre doutrinas econômicas apontarem o keynesianismo como uma doutrina oposta ao liberalismo, Keynes era um liberal. E, como tal, nunca desejou abandonar a economia de mercado. Sua abordagem propunha, contudo, um grau de supervisão Estatal sobre o sistema de mercado para que fosse garantida uma maior efetividade na redução do desemprego e pobreza e, assim, aumentar a capacidade produtiva do capitalismo.

Para além do uso mais senso comum da palavra, no que se refere ao debate político, a expressão, historicamente, se relaciona a uma ideologia que surge contemporânea ao liberalismo e ao socialismo, compartilhando, desta forma, alguns de seus sentimentos.

Enquanto agrupamento de ideias e valores, apenas a noção de conservação é insuficiente para dar conta de traçar os limites dessas famílias que se mostram relevantes para a compreensão dos cenários políticos atuais.

A origem das famílias da ideologia conservadora pode ser identificada no desenvolvimento das ideias de Edmund Burke, frequentemente considerado o fundador do conservadorismo moderno. Seu livro “Reflexões sobre a Revolução na França”, de 1790, tornou-se uma referência para o desenvolvimento das tradições de pensamento conservador que o sucederam, notadamente as críticas às ideias revolucionárias e o caráter utópico dos conceitos de liberdade, igualdade e fraternidade. A sua gênese, portanto, está relacionada a uma reação à filosofia Iluminista e a modificação de estruturas sociopolíticas forjadas pela revolução francesa. Enquanto um conjunto de ideários moderno, o conservadorismo seria um antagonismo ao racionalismo, à emancipação individual, à dessacralização do mundo e aos valores democráticos (VARES, 2016). Muito do que a Revolução Industrial e a Revolução Francesa atacaram foi defendido por conservadores como Burke (NISBET, 2003).

A ideia de revolução é criticada, fundamentalmente, pois há uma compreensão de sociedade, no conservadorismo, que valoriza a “razão prática” em detrimento da “razão teórica”. O conservadorismo é realista no sentido de considerar como possível apenas aquilo que se vê e que se percebe na sociedade. Mudanças forçadas por ideais teóricos e visionários seriam artificiais já que “a mudança, longe de ser um resultado racional, dá-se naturalmente” (VARES, 2016). Mudanças são inerentes à sociedade, na compreensão conservadora clássica, mas elas se dão de maneira natural e lenta. Por conseguinte, as desigualdades, a autoridade e a hierarquia não devem ser submetidas a transformações bruscas baseando-se em uma justificativa “do mundo das ideias”.

A literatura defende que o conservadorismo pode ser ligado tanto a defesas de um estado forte na sociedade quanto a sentimentos libertários (VINCENT, 2016). No século XIX, por exemplo, os conservadores reagiram de maneira ambígua à massificação da industrialização e ao fortalecimento da economia liberal. Havia uma forte corrente anti-industrial e anti-individualista no conservadorismo da época (VINCENT, 2016).

Uma característica importante do conservadorismo é a sua reatividade. Diferentemente de outras ideologias “ativas”, que propõem um conjunto de mudanças positivas, o conservadorismo se apresenta como uma ideologia inerentemente posicional (HUNTINGTON, 1957), na medida em que um traço nuclear de sua existência é o “opor-se a algo”, notadamente, observando-se a história, àquilo que desequilibre ou ameace o *establishment*.

A maior parte das vertentes conservadoras aloca considerável valor nos direitos constitucionais. Contudo, diferentemente do liberalismo, esses direitos não são privados, naturais ou pré-sociais, são concessões legais da comunidade. Dito de outra maneira, os direitos seriam problemas a serem resolvidos dentro de suas próprias comunidades (VICENT, 2016) em se ponderando os valores morais dos seus indivíduos-membro. Podendo-se derivar disso, portanto, que os direitos constitucionais precisam corresponder e dar respostas a anseios e valores das comunidades específicas que organizam e não a princípios morais abstratos universalizados.

Assim como no liberalismo, no conservadorismo o direito à propriedade também é fundamental – e concedido (assim como todos os outros) pela comunidade política – e está relacionado à ideia de liberdade.

Se, no liberalismo, a defesa de um determinado ideal de liberdade é feita tendo em vista uma preocupação com um possível excesso daqueles que impõem legalmente limites aos indivíduos da sociedade, na figura do Estado e seus governantes, no pensamento conservador, a preocupação que move a definição do significado de liberdade é a vulnerabilidade do indivíduo, da família e da propriedade que precisam ser protegidos.

A liberdade não é, dessa forma, um valor absoluto, até porque há o entendimento de que, em demasia, a liberdade poderia ser uma ameaça à ordem social. A liberdade é compreendida, portanto, como conferida ao indivíduo por um Estado que lança mão de sua autoridade de maneira razoável e sólida para garantir um conjunto de direitos legais aos seus cidadãos.

A ideia de um conceito de democracia que proponha um modelo de participação social ilimitada não guiaria a sociedade rumo a maior liberdade, dentro da tradição de pensamento conservador. Se são necessários autoridade e hierarquia, um governo verdadeiramente popular e horizontalizado mostra-se incompatível. Colocar virtualmente todos no poder significaria a emergência de múltiplas individualidades governando, o que produziria uma fragmentação das comunidades e uma atomização das massas, sem um conjunto único de valores no horizonte para guiá-las e organizá-las.

It is worth mentioning at this point that conservatives in general, even those of the more liberal persuasion, have not been overly sympathetic to the value of democracy. For a host of writers, including Burke, Maistre, Charles Maurras, Maurice Barrès, Sir Henry Maine, William Lecky, W. H. Mallock, T. S. Eliot and Christopher Dawson, perfect democracy implied perfect despotism and the destruction of sane political life and liberty. Fear of the mass mediocrity of democracy was also present in the liberal writings of Benjamin Constant, Alexis de Tocqueville, J. S. Mill and Friedrich Hayek, as well as in a wide spectrum of European writers such as Jacob Burckhardt, Friedrich Nietzsche and probably most notably José Ortega y Gasset in his famous book, *The Revolt of the Masses* (1972). It was thus not a fear shared simply by conservatives. (Vincent, 2016, p.77)

A autonomia individual tem pouco a contribuir para o conceito de liberdade conservador, que está mais relacionado à manutenção e segurança de um conjunto de valores estabelecidos como prioritários por uma sociedade, dentro de um Estado estabelecido.

As desigualdades são consequências inevitáveis de uma necessária e desigual hierarquia. Como bem expressa no pensamento de Burke, a ideia de igualdade não passaria de uma “monstruosa ficção” que só serviria para impulsionar movimentos de subversão da paz social propondo a eliminação de uma desigualdade – que seria impossível – fazendo com que a desigualdade real existente seja ainda mais amarga (VARES, 2016).

As posições em relação à economia não são um aspecto diferenciador para a definição do que é o pensamento conservador, se comparado a outras ideologias. Historicamente, encontramos conservadores mais céticos em relação à ideia de uma economia de livre mercado e outros com um posicionamento bastante enfático em sua defesa.

A literatura de língua inglesa frequentemente considera uma subdivisão dos conservadores em 5 grupos: tradicionalistas, românticos, paternalistas, liberais e os conservadores da nova direita¹², sendo os últimos o grupo classificatório mais recente, não aparecendo na literatura da área antes dos anos 1980 (VICENT, 2016).

Delimitar com precisão o que é o conservadorismo da nova direita é uma tarefa problemática principalmente por conta da multiplicidade de membros que ela agrega. Diferentemente das outras categorias, há um alto grau de heterogeneidade e complexidade neste grupo. Análises mais recentes têm alocado, inclusive, o grupo de liberais conservadores como

¹² Para uma descrição detalhada de todos os subgrupos ver Vincent, 2010, p. 73-78.

uma corrente interna ao grupo da Nova Direita, observando, principalmente, escritos de Hayek, Leo Strauss e Michael Oakeshott.

Sobre o surgimento de um grupo heterogêneo de conservadores que não parecia estar bem ajustado sob o guarda-chuva das 4 classificações mais antigas, o que parece consensual é que havia um espalhamento de desilusão relacionada ao medo da inflação nos anos 1970 nas economias ocidentais combinada a uma sensação de que o gerenciamento keynesiano, o *Welfare State* e suas estratégias nacionalistas e corporativas tinham se esgotado. Juntando isso às derrotas eleitorais do conservadorismo paternalista ao longo dos anos 60 e 70, começou a ser gerada uma compreensão de que uma mudança na direção do conservadorismo precisava ser produzida (VINCENT, 2016).

Este novo grupo é visto como um amalgama de conservadores liberais guiados pelas teorias econômicas liberais da escola austríaca (Ludwing von Mises e Hayek) e/ou por ideias libertarianistas extremadas (anarco-capitalismo) (VINCENT, 2016) misturados a uma defesa de estratégias populistas.

Como objetivos dos conservadores da Nova Direita encontramos: a emancipação do indivíduo das correntes da regulação estatal; cortes nos impostos; forte controle do déficit orçamentário; privatização das empresas estatais que detém monopólios (VINCENT, 2016). Percebemos uma confiança ainda maior no mercado na Nova Direita do que poderíamos encontrar em antigos liberais conservadores, o que pode ter sido fornecido a este grupo, com a mistura, no caldeirão de ideias da sociedade, por elementos do anarco-capitalismo, que oferece princípios a este braço conservador para defesas como liberalização de drogas e pornografia para o seu controle pelo mercado, o que seria inconcebível para um liberal conservador.

Assim como os elementos libertários da nova direita podem não ser confortáveis para muitos conservadores, tampouco a agenda neoconservadora, que também está contida no movimento da Nova Direita, o é para os extremados defensores do livre mercado, nomeadamente, as ideias de patriotismo, pureza de raça, disciplina na vida familiar e educação religiosa. Contudo, mesmo que não de maneira harmônica, todos esses elementos parecem coabitar o mesmo *locus* político. Acotovelando-se em direção a uma melhor acomodação de seus elementos, as novas direitas buscam o seu lugar na política, negando, em variadas frentes, projetos que questionem a hegemonia do valor do indivíduo em superioridade ao valor da coletividade.

CAPÍTULO 2

“WE ARE THE ONES THINKING THE IMPOSSIBLE”: NOVAS DIREITAS RADICAIS

O aumento de expressões de indivíduos, organizações e partidos que se localizam radicalmente à direita no espectro político renovou o interesse da academia pelo fenômeno das direitas radicais nas últimas décadas (NORRIS, 2005). A atuação desses grupos fica explicitada quando notamos o crescimento da atuação partidária dessas forças que vem ganhando cada vez mais cadeiras em parlamentos e governos ao redor do mundo (TELLES, 2016).

A literatura acadêmica especializada mostra que essas novas direitas mobilizam repertórios discursivos e performances diferentes das direitas radicais que influenciaram fortemente o cenário político internacional do século XX (MUDDE, 2017), notadamente os movimentos totalitários fascistas, que foram muito estudados e formatam uma imagem estereotipada imediata quando se fala em “direitas radicais” pelo peso e influência que tiveram na história.

Nos últimos anos, novas direitas radicais, aliando-se a um repertório de comunicação e atuação novos, apropriam-se da web 2.0¹³ para fazer política e organizar a sua militância por formas diferentes da tradicional (organização de indivíduos e movimentos via partidos) e conseguem influenciar importantes eleições em democracias consolidadas no mundo como, por exemplo, a eleição de Donald Trump, em 2016, nos EUA, e a votação do referendo *Brexit*, em 2016, no Reino Unido.

Esses dois casos, em especial, foram episódios em que a opinião pública dos cidadãos foi fortemente marcada pela atuação de grupos de direita no debate público digital que vêm sendo referidos como *Alternative Right*.

Entendemos aqui, assim como MUDDE, 2017, que é importante notarmos os fenômenos do *Brexit* e Trump não só como indicadores de apoio à direita radical, mas como indicadores do crescimento de uma “maisntremização” política da direita radical.

¹³ Web 2.0 é um termo utilizado para designar uma segunda geração de comunidades e serviços oferecidos na internet, tendo como conceito a Web e através de aplicativos baseados em redes sociais e tecnologia da informação.

A expressão *Alternative Right* passou a frequentar os noticiários da mídia principalmente estrangeira¹⁴ após as eleições de Trump e foi incorporada também pela produção acadêmica¹⁵ da ciência política. Contudo, ainda há uma produção limitada nacional no sentido de tentar estabelecer mais claramente os contornos dessa “Alt-Right”, que, por vezes, é uma expressão utilizada genericamente para referir-se a um *fenômeno* de direita radical, outras vezes, a um grupo específico.

O ponto pacífico é que essa expressão se refere a ativistas de direita radical envolvidos em diferentes grupos cujas defesas e bandeiras não são homogêneas e têm limites difíceis de serem traçados. Resolvemos, então, neste trabalho, contribuir para organizar características que delimitem o que chamamos de *Alt-Right*.

A seção I deste capítulo se encarregará de localizar o debate sobre as direitas radicais na literatura acadêmica e, a seção II, de contribuir para uma caracterização do que seriam esses grupos de direita alternativa, avançando em direção a uma compreensão um pouco mais específica sobre quem são os indivíduos por trás da *Alt-Right* e quais são as suas pautas.

2.1 As Direitas Radicais no Mundo

A um grupo de indivíduos, partidos e movimentos mais radicalizados oferecendo um conjunto de soluções à direita do espectro político, dedica-se uma variedade de adjetivos na literatura especializada com o objetivo de classificá-los. Extrema-direita, direita radical, novas direitas.

A escolha pela expressão de “novas direitas radicais”, neste trabalho, tem como objetivo defender e deixar em evidência que (1) a direita a que nos referimos não pode ser compreendida como um bloco monolítico ou como um grupo de integrantes de um mesmo movimento; há diversos movimentos radicalizados à direita ganhando volume desde os anos 80, que se sobrepõem e se influenciam mutuamente, por isso o uso do plural; (2) o entendimento de que “extremistas” seriam aqueles que não acreditam que os cidadãos devam eleger seus líderes, como o fazem os aristocratas, teocratas e fascistas, e “radicais” seriam aqueles que aceitam a

¹⁴Como exemplo, o seguinte link: <https://www.nytimes.com/2017/09/19/opinion/alt-right-white-supremacy-undercover.html>

¹⁵ TELLES, H.. A emergência dos *Alternative Right* (AR). Revista Cult, São Paulo, v. n. 234, p. 22-25, maio, 2018.

democracia procedimental, a soberania popular, e se opõem a valores democrático-liberais fundamentais como direito de minorias e pluralismo (MUDDE, 2017); (3) há, sim, uma novidade nesses grupos de direita radical que os diferenciam de maneira substantiva dos grupos de direita radical do período entre-guerras, que foram largamente estudados pela academia, como os nazistas e os fascistas, notadamente a ausência ou não aderência a características bastante específicas que dizem respeito a esses movimentos do século XX situados em um contexto histórico e geográfico bem definidos.

O subgrupo mais relevante dentro do que chamamos de novas direitas radicais é o de vertente populista, que compartilha a defesa de ideologias nativistas e autoritárias, e tem ganhado expressividade eleitoral na Europa, como podemos observar no quadro abaixo.

Quadro 1 - Percentual de votos válidos de partidos de extrema direita

Principais Partidos	País	Percentual de votos válidos nas últimas eleições nacionais que participaram
Partido Popular Suíço (SVP)	Suíça	29,4% (2015)
Partido Popular Dinamarquês (DFP)	Dinamarca	21,1% (2015)
União Cívica Húngara (Fidesz)	Hungria	49,3% (2018)
Partido dos Finlandeses (Finns)	Finlândia	6,9% (2018)
Frente Nacional	França	21,3% (2017)
Partido da Liberdade da Áustria (FPÖ)	Áustria	35,1% (2016)
Partido para a Liberdade (PVV)	Países Baixos	13,1% (2017)
Vox	Espanha	0,2% (2016)
Partido de Independência do Reino Unido (UKIP)	Reino Unido	1,8% (2017)
Lei e Justiça (PiS)	Polônia	37,6% (2015)
Liga Norte (LN)	Itália	17,4% (2018)
Alternativa para a Alemanha (AfD)	Alemanha	12,6% (2017)

Fonte: Elaborado pela autora

Populismo é uma ideologia que compreende que a sociedade se divide em dois grandes grupos que são homogêneos e antagônicos: o povo versus a elite corrupta, e que a política deveria ser guiada por uma espécie de *volonté generale* da população e não por grupos que visam a fins próprios, independente de suas afiliações ideológicas. Para o populista, tanto as elites estabelecidas no poder de direita quanto às de esquerda, se fazem parte do establishment, trabalham para finalidades ilegais (MUDDE, 2017).

Por nativismo, entendemos uma defesa ideológica que engloba um caráter nacionalista e xenófobo. Há a ideia de que o estado de direito que rege a nação deve se dedicar a proteger aqueles que compõem o seu grupo nativo, e defendê-los daqueles que tornam o Estado não-homogêneo (MUDDE, 2017), ou seja, existe uma forte reivindicação de um Estado nacional que sirva somente àqueles que deveriam ser considerados seus cidadãos de fato e, mais do que isso, que reprima os grupos compreendidos como “não-cidadãos” já que eles configurariam uma ameaça.

E, por autoritarismo, estamos entendendo a crença em uma sociedade organizada hierarquicamente, na qual as infrações cometidas à lei e à ordem devem ser punidas severamente, traduzindo-se em um Estado com leis punitivas severas e instituições militares e policiais com mais capacidade de operação e mais poder (MUDDE, 2017).

Essas três características se apresentam como fundamentais na compreensão dos fenômenos mais recentes de direita radical, uma vez que delimitam os formatos ideológicos que vêm ganhando projeção globalmente através do sucesso eleitoral de seus grupos.

É equivocado, como já foi dito, ler o fenômeno da nova direita como algo uniforme. Sem dúvida o *TeaParty*, o fenômeno da emergência das novas direitas no Brasil com Bolsonaro e o Front Nacional francês são irrupções que guardam dessemelhanças. O desafio é conseguir enxergar entre eles, apesar das diferenças, os componentes ideológicos e discursivos em comum que aparecem na esfera pública como uma alternativa política viável, razoável e desejável eleitoralmente, em contraposição aos projetos oferecidos pelo *establishment* de esquerda ou de direita.

Há um mosaico de vertentes de novas direitas. Entre elas, *La Nouvelle Droite* (Taguieff, 1990 e 1993-94), *The New Right* (Hunter, 1991; Mouffe, 1981), *The New Christian Right* (Hunter, op. cit.; Smith, 1992), o neoconservadorismo (Habermas, 1989; Giddens, 1994), a

extrema direita (Ignazzi, op. cit.; Ignazi & Ysmal, 1992; Mudde, 1995, Jackman & Volpert, 1996).

As fronteiras entre elas nem sempre são bem definidas, já que se inspiram umas nas outras, misturam-se e diferem, contudo, há em comum entre elas uma crítica ao modelo igualitário erigido no segundo pós-guerra nas democracias liberais e querem, de uma forma geral, repensar e propor novos parâmetros para as sociedades capitalistas avançadas frente à crise do Estado de Bem-Estar, seja através da justificativa teórica do antiigualitarismo ou de propostas de cortes nas políticas de bem-estar social (ALVES, 2000).

Resta-nos a tarefa de mapear suas origens, apresentar suas características e analisar seus pontos de convergência para que avancemos na compreensão do crescimento da sua adesão nas diversas sociedades contemporâneas ocidentais.

O retorno de uma direita radical ao proscênio da política europeia que, além das características supracitadas constrói as suas pautas em torno de questões culturais da sociedade (BURNI, 2016) é percebido a partir dos anos 80 (ENNSER, 2010; MUDDE, 1996; NORRIS, 2005).

Diversos fatores da conjuntura internacional podem ser mobilizados para justificar a abertura de uma janela de oportunidade para a emergência desse fenômeno.

Desde a derrocada dos regimes fascistas e o profundo enfraquecimento do projeto socialista com a progressiva derrocada do regime soviético na segunda metade do século XX, o binômio economia de mercado & democracia liberal (alicerçada nos ideais dos direitos humanos) estava posto como único caminho possível e, assim, inquestionável. Mesmo regimes que eram militarizados precisavam mostrar credenciais de respeito à democracia e aos direitos humanos pelo menos no âmbito do discurso para serem legitimados. Havia um razoável consenso em relação ao projeto do Estado de Bem Estar Social, que, firmando-se como um projeto viável e bem sucedido de desenvolvimento econômico e social, acabou por tracionar ao centro os grupos de esquerda e direita que entendiam como aceitável tanto o funcionamento capitalista do mercado quanto um nível mediano de atuação do Estado na sociedade provendo serviços públicos e promovendo políticas públicas redistributivas de renda e de fomento às atividades econômicas. O que faz com que a agenda econômica passe a não funcionar mais como um elemento central na diferenciação dos projetos à esquerda e à direita.

Quando observamos as democracias consolidadas do ocidente, notadamente Europa e a América Anglo-Saxônica, a partir dos anos 60, notamos uma condição de razoável riqueza e paz que proporcionou mudanças sociais, como a emergência de uma geração que não se preocupava mais tanto com questões securitárias e econômicas e focava mais em valores pós-materiais, o que Inglehart (1988) defendeu em sua teoria da “revolução silenciosa”, criando elementos para a formação dos chamados novos movimentos sociais que emergem a partir dos anos 70 e trazem para a arena de debate público reivindicações progressistas e à esquerda, referentes a direitos igualitários para minorias, principalmente, mulheres, LGBTs e negros.

A entrada dessas chamadas pautas pós-materiais na política promoveu transformações como uma maior secularização da sociedade e a existência de um novo sistema aceitável de valores sociais que passou a ameaçar os tradicionais papéis sociais de poder hegemônicos dos homens, dos heterossexuais, dos brancos.

As *pautas identitárias* jogam luz sobre novas clivagens sociais nas quais se basear e levar em conta na disputa política pelo poder, para além das antigas clivagens de classe e, dessa forma, o voto deixa de ser um instrumento de confirmação de pertencimento a um grupo social específico e transforma-se em uma afirmação individual de um sistema de valores pessoal, o que acaba por fazer com que o tradicional voto por identificação partidária seja substituído pelo voto motivado por questões sociais (IGNASI, 1992).

Contudo, o contexto de relativa paz e bem-estar do pós-guerra permite não apenas a movimentação de grupos progressistas, que trazem visibilidade para as outras questões de relevância além das classes socioeconômicas, mas também grupos conservadores, como Ignasi (1992) defende em sua ideia de “contra-revolução silenciosa”.

Contemporâneo aos novos movimentos sociais, o *Neoconservadorismo* surge nos anos 70 a partir de uma guinada ao centro de alguns intelectuais frustrados com as perspectivas oferecidas pelo socialismo que organizam este primeiro novo movimento conservador surgido no pós-guerra (BELL, 1980).

Os neoconservadores emergem como um grupo de grande influência nas sociedades ocidentais, especialmente nos Estados Unidos (MUDDE, 2017), se contrapondo ao consenso da época em relação à política econômica Keynesiana, à “era coletivista” e ao rápido crescimento e custo do Estado de Bem-Estar Social, defendendo o reavivamento de princípios liberais do *laissez faire* como o livre mercado, o empreendedorismo individual, a privatização do setor

público e uma redução do tamanho do Estado com cortes na carga tributária dos cidadãos (IGNASI, 92).

Junto às pautas econômicas, os neoconservadores também agregaram respostas à emergência das pautas pós-materialistas, como uma reação à sua mobilização em larga medida pelos movimentos progressistas. As ideias de autoridade, patriotismo, ênfase no papel da família e nos valores tradicionais foram mobilizados por este grupo (IGNASI, 1992) para dar conta de enfrentar os novos anseios e inseguranças sociais produzidos pelas grandes mudanças de crenças e valores e tiveram sua legitimidade afirmada por governos de grande visibilidade como o de Margaret Thatcher no Reino Unido e de Ronald Reagan nos Estados Unidos, nos anos 80 (MUDDE, 2017).

Diversos partidos conservadores-liberais, a partir de então, ganharam força governando ou participando de coalisões de governo. Uma vez que um projeto divergente do que se afirma como consenso começa a ter ganhos institucionais, há, naturalmente, um aumento da intensidade ideológica da pauta política em disputa, provocando uma oportunidade para um aumento de polarização dos grupos em disputa (SARTORI, 1976).

Os sentimentos de pertencimento e identidade sociais foram abalados pela profunda mudança de valores sociais das sociedades pós-industriais, que lidam com uma crescente diversidade social e étnica, valores cosmopolitas, expansão da globalização e de formas de participação diretas da sociedade democrática, ativando uma espécie de reação cultural, uma necessidade de reafirmar os valores tradicionais de fé, nação e família, que criou um terreno fértil para o crescimento de apoio a partidos autoritários, especialmente entre cidadãos mais velhos e sem ensino superior (NORRIS & INGLEHART, 2017). Grupo que configura os chamados “perdedores da globalização” que, além de lidarem com uma incômoda mudança de valores na sociedade, também enfrentam graves problemas econômicos, securitários e de desemprego e não se sentiram beneficiados pelo direcionamento neoliberal majoritariamente adotado pelos partidos do establishment nas últimas décadas (MUDDE, 2017).

Contudo, o discurso calcado numa defesa antiglobalização e em aspectos econômicos foi bem-sucedido apenas em países com elevado grau de desigualdade econômica passando por fortes crises, como Venezuela e Grécia, por exemplo. Na maioria dos outros países, a identificação dos problemas econômicos foi traduzida em aspectos socioculturais e abasteceu o repertório do populismo de direita, fazendo com que as pessoas, mesmo preocupadas com a

situação socioeconômica, enxergassem as questões socioculturais como a chave principal para a origem dos problemas (MUDDE, 2017).

O elemento da *globalização* parece ser importante para a compreensão das reivindicações mobilizadas pelo discurso desta direita radical emergente (KRIESI et al., 2012), se pensarmos que a solicitação de um Estado protetor de fronteiras, de identidades e de mercados nacionais surge quando se percebe que estes estão sendo ameaçados por fronteiras territoriais mais permeáveis e conduções econômicas a partir de instituições que se sobrepõem aos governos dos Estados Nacionais. Esta preocupação acerca da globalização, presente nesses movimentos, não advém de um aumento real de escassez de empregos, o que nos faz inferir que o sentimento antiimigratório está mais relacionado a uma disputa de valores culturais nacionais do que a uma preocupação em relação às condições econômicas individuais (BURNI, 2016).

A maior vitória da direita radical pode ser medida não apenas pelo seu retorno eleitoral, mas, sobretudo, por terem incluído com sucesso os temas de imigração, cidadania e insegurança na agenda política europeia como problemas fundamentais (CRESPO, 2010). A construção de um discurso securitário em torno da defesa de uma identidade nacional é fundamental para compreendermos essa direita que busca a “união” daqueles que são considerados verdadeiros cidadãos contra aqueles que são os inimigos da nação. Ao fim da segunda guerra, a Europa e os Estados Unidos substituíram o inimigo comum “comunista” pelo Islamismo (Idem, 2010).

A configuração do Islã como um inimigo do novo mundo (especialmente depois dos ataques de 11 de setembro) gerou um clima propício para a promoção de um discurso islamofóbico pela direita. Assim, a nova extrema direita justifica a sua aversão ao Islã não em termos racistas de superioridade de uma raça sobre outra, mas em termos de diferenças culturais e identidade. A ideia do nacionalismo se aplica não apenas às áreas do trabalho e economia, mas se estende ao campo cultural. A religião muçumana, dessa feita, é considerada incompatível com a Europa, pois subverte as suas tradições, cultura e raízes (CRESPO, 2010).

Esse tipo de discurso xenófobo se baseia fortemente na ideia de insegurança (seja a insegurança pública ou a insegurança em relação à manutenção de crenças e valores) encontra paralelos no caso brasileiro.

Abro um parênteses para chamar a atenção ao fato de que aqui no Brasil, o nosso inimigo continua sendo o mesmo do século XX, o “comunismo”, que cada vez mais é compreendido de maneira distante do seu significado ideológico, dentro de um contexto histórico-espacial

específico, e passa a ser utilizado como uma palavra vazia para abarcar todo tipo de ameaça a valores e crenças com as quais os indivíduos não desejam conviver e, junto dele, aqueles que ameaçam a segurança física dos cidadãos, os “bandidos”. Comunistas e bandidos (às vezes utilizados retoricamente como sinônimas no nosso contexto nacional) fazem as vezes do Islamismo, discursivamente. Eles compõem o grupo dos “não-cidadãos” ou não-pertencentes à pátria. Observaremos isso mais detidamente no Capítulo IV deste trabalho.

O sentimento de insegurança e o “medo do outro” parecem ser catalizadores de adesão aos discursos da direita radical. Nesse sentido, o fracasso das elites políticas de centro e de esquerda em restabelecer um sentimento de segurança para a população após as profundas transformações sociais mencionadas, alimentou líderes populistas de direita, uma vez que havia um ressentimento social gerando condições favoráveis para o oferecimento de soluções simplistas como resposta (BETZ, 1994).

Respondendo ao vácuo em relação às questões identitárias deixado pelos partidos conservadores abraçados pelos neoconservadores e mobilizando sentimentos contrários ao establishment, surgem os *ENRs* (encurtamento para “European New Rights”), os partidos de nova direita europeus, que não se diferenciam dos neoconservadores apenas por conta de um nível maior de radicalismo e sim também pela característica de colocar sob ameaça a legitimidade do sistema democrático, na medida em que questionam todos os partidos do establishment – não apenas os à esquerda, mas também os à direita, partidos conservadores tradicionais –, o procedimento parlamentar, o princípio da igualdade entre indivíduos (IGNASI, 1992) desafiando pilares básicos dos direitos humanos fundamentais sobre os quais foi construída a democracia liberal, e até mesmo a mídia.

Mesmo que os *ENRs* não façam a defesa de uma organização institucional não-democrática, a legitimidade do sistema como um todo é minada a partir do momento que se evidencia uma forte crítica ao Estado, a incapacidade de lidar com os problemas socioeconômicos de virtualmente todos os líderes políticos *mainstream*, o questionamento do sentido da bandeira da igualdade, sendo compreendida como algo “não-natural” (IGNASI, 92). Logo, existe uma expressividade de valores não-democráticos em suas agendas, por mais que a democracia enquanto um sistema de procedimentos seja valorizada discursivamente.

A esse contexto, juntamos uma crescente falta de confiança em relação aos partidos políticos, o declínio do comparecimento eleitoral e redução do número de filiações partidárias

que, com exceção de casos particulares, parecem ser verificados na maioria das democracias. Existe uma falta de confiança e uma *malaise* vigentes em relação às instituições da democracia de modo geral (TELLES, 2018).

Como apontam as pesquisas acadêmicas, os partidos políticos, na democracia contemporânea, sobretudo os de massa, têm demonstrado dificuldades para mobilizar a militância para as atividades relacionadas às suas organizações internas, o que nos leva a concluir, a partir da observação dos partidos nos países europeus que as condições que tornaram possíveis a sua origem estão desaparecendo (MAIR, 2003; VAN BIEZEN, 2012). O distanciamento do eleitorado dos partidos políticos já possui uma vasta agenda de pesquisa na ciência política, especialmente observando os casos dos Estados Unidos (PUTNAM, 2003; DALTON, 2013) e da Europa (MAIR, 2003; VAN BIEZEN, 2012) e nos faz refletir sobre os efeitos que esse distanciamento pode trazer para a democracia visto que a redução do engajamento partidário pode conduzir à uma redução do comparecimento eleitoral bem como fazer crescer o sentimento de ceticismo em relação a processos e instituições representativas, confluindo para uma crise de legitimidade partidária que poderia derivar em um questionamento da democracia em si enquanto um ideal a ser perseguido (BARON, L., 2016).

O sentimento de *não-partidarismo*, nos últimos anos, se disseminou amplamente entre jovens e também entre cidadãos mais instruídos e politicamente mais sofisticados (DALTON & WATTENBERG, 2001). O voto do eleitor parece ser cada vez menos definido por um sentimento de pertencimento partidário e tampouco a clivagem de classe parece dar conta de explicar satisfatoriamente a escolha do voto (NORRIS, 2005). Dessa forma, há uma volatilidade crescente no comportamento eleitoral, abrindo a porta para que motivações súbitas e ocasionais de apoio a partidos baseados em sentimento de protesto sejam importantes para definir escolhas eleitorais.

A isso, a literatura de comportamento eleitoral chama de “tese do desalinhamento”, que sugere que a direita radical está sendo capaz de capitalizar os protestos políticos mais recentes, beneficiando-se dos descontentamentos em relação aos partidos governantes (Idem, 2005).

Apesar desses elementos não-democráticos, as motivações ideológicas das novas direitas radicais não devem ser confundidas com as ideologias fascistas que movimentaram o cenário político europeu e mundial na primeira metade do século XX, o que justifica inclusive que sejam entendidas como *novas*.

Apesar do frequente entendimento de um “retorno” ao se referir a um movimento de extrema-direita ou direita radical, as novas direitas formam um corpo ideológico e valorativo bastante diferente das extremas direitas que organizaram a arena política globalmente no período entre-guerras.

O fascismo surgiu em um contexto político e social bastante distinto do cenário atual (KITSCHELT, 1995) e é marcado essencialmente pela violência sistematizada pelo Estado, pelo racismo baseado em características biológicas dos indivíduos, pela defesa de uma organização corporativa da sociedade e pela oposição frontal ao liberalismo econômico (BURNI, 2016). Nenhuma dessas características, como veremos, são encontradas no conjunto de ideias das novas direitas.

Tentar estabelecer características em comum para os diferentes grupos de nova direita é necessário uma vez que precisamos delimitar os elementos que unificam esses discursos emergentes e justificam o seu enquadramento na classificação de nova direita e, de maneira não menos relevante, a importância dessas características serve também para justificar a sua “novidade”.

Para isso, nos apoiaremos sobre a taxonomia proposta por Ignasi (1992), que estabelece critérios para a distinção entre novos e antigos partidos de extrema direita europeus, a partir de seus conjuntos ideológicos ¹⁶ para pensarmos, de maneira organizada e simples, diferenças entre antigas e novas direitas radicais.

¹⁶ IGNAZI, Piero. The silent counter revolution: Hypotheses on the Emergence of Extreme Right-Wing Parties in Europe. *European Journal of Political Research*, Vol. 22, Issue 1, Julho de 1992.

Quadro 2 - Características das Antigas e Novas direitas radicais

Antigas Direitas Radicais	Novas Direitas Radicais
Emergência por dentro de grandes partidos do sistema	Emergência através de pequenos partidos outsiders que questionam o sistema ou, mais recentemente, através da Internet
Apoio dos grandes meios de comunicação mainstream	São criticadas pelos meios de comunicação mainstream e as deslegitimam
Elogio do fascismo	Distanciamento do fascismo
Núcleo duro de apoiadores entre jovens pouco escolarizados	Núcleo duro de apoiadores entre jovens com ensino superior
Limitação nas liberdades pessoais e coletivas em prol do Estado	Limitação do tamanho do Estado e valorização das liberdades individuais
Identificação de uma missão nacional expansionista	Não interferência externa
Projeto econômico coeso	Ausência de um projeto econômico coeso, podendo variar de um projeto pró-mercado liberal/libertário a um projeto intervencionista

Fonte: Elaborado pela autora a partir de delimitações iniciais propostas pelos estudos de Ignasi (1992).

Percebemos, portanto, que as características dos partidos de direita outsider que ganham cada vez mais destaque no cenário internacional formam um grupo que se diferencia de maneira considerável das antigas direitas radicais, através da mobilização de defesas ideológicas de linhagens conservadoras diferentes das anteriores. Compreender, portanto, os novos movimentos como apenas o retorno de um antigo discurso fascista e totalitário é uma simplificação excessiva.

Há, decerto, grupos propriamente fascistas em meio ao aglomerado multiforme que se organiza, atualmente, em torno da nova direita. Contudo, não há, até o momento, elementos suficientes que sustentem a hipótese de que esses grupos estejam na liderança desses novos movimentos ou até mesmo que seu conjunto de ideias esteja sendo levado em consideração pelos atores que tem surgido na esfera nacional e internacional como lideranças e porta-vozes da nova direita radical. A seção seguinte retomará esse ponto ao observarmos as características da Alt-Right.

2.2 Alt-Right: “We are the ones thinking the impossible”

“The left is the right and the alt-right is the new left. We are the ones thinking the impossible. We are the ones thinking the unthinkable” (Richard Spencer, 2015)

Se há marcas nacionais em todos os diferentes grupos que têm ganhado destaque à direita da política, são evidentes, também, os vínculos globais desse fenômeno (CHALOUB, PERLATTO, 2016).

As novas direitas radicais estão fortemente marcadas pela atuação de grupos que orgulhosamente se identificam à extrema-direita e que, seja em pequenos partidos não-tradicionais, ou vias organizativas atípicas, correm por fora do *establishment* e, criticando os partidos tradicionais de direita, defendem a construção de uma direita alternativa.

Esses grupos, que se encontraram e difundiram majoritariamente pela internet, levantam pautas diversas e às vezes contraditórias, o que é próprio de um movimento social bastante horizontalizado, sem lideranças formais, recente, e ainda em construção. Os grupos que se identificam com a Alternative Right estão fortemente presentes nos debates públicos digitais dos países europeus que têm visto a direita radical obter avanços eleitorais na Europa e nos Estados Unidos.

Uma pesquisa divulgada pelo Alto Data Analytics¹⁷, que analisou 34 milhões de postagens nas redes durante o primeiro turno da campanha eleitoral de 2018 no Brasil, além de mostrar que Jair Bolsonaro foi o candidato mais citado por essas postagens, agrupando, sozinho, 51% das citações do debate da arena digital (mais da metade do que as citações que se referiam a todos os outros candidatos juntos), notou uma interessante e relevante informação: entre os 16 websites mais compartilhados nos blogs, fóruns e redes sociais durante esse período, figura o *Gab.ai*¹⁸, uma plataforma similar ao *Twitter* que, nos Estados Unidos e Europa, reúne militantes da chamada *Alternative Right*¹⁹.

¹⁷ A pesquisa pode ser verificada em: https://www.alto-analytics.com/en_US/gender-pepe-the-frog-and-personalities-polarize-the-digital-debate-ahead-of-brazils-elections/

¹⁸ Em sua página inicial, há uma mensagem que apresenta o Gab.ai como uma rede social campeã no que tange a liberdade de expressão e a liberdade individual. “A social network that champions free speech, individual liberty and the free flow of information online. All are welcome.”

¹⁹ Essas informações foram observadas em uma reportagem da Agência Pública pode ser vista com mais detalhes nesse link: <https://apublica.org/2018/12/rede-social-de-ultradireita-chega-ao-brasil-com-acenos-a-bolsonaro/>

A rede *Gab* foi criada às vésperas da eleição de Trump nos Estados Unidos, em 2016, e, desde agosto de 2018, quando uma campanha massiva de perfis ligados a movimentos conservadores no Brasil estimulou usuários do Twitter e do Facebook a começarem a participar do Gab, a plataforma tem, nos brasileiros, a segunda maior nacionalidade entre usuários. Como podemos observar na imagem do anexo 1 deste trabalho, o perfil oficial dessa rede fez referência direta à imagem de Jair Bolsonaro.

Segundo uma investigação feita pela Agência Pública²⁰, a adesão em massa de brasileiros ao *Gab* deveu-se parcialmente à exclusão de centenas de contas pelas plataformas Facebook e Twitter²¹ motivada por denúncias de *Fake News* e discurso de ódio, o que gerou revolta e críticas de censura à liberdade de expressão por grupos de direita no Brasil, que se mobilizaram em torno da hashtag *#DireitaAmordaçada*, a qual aderiram, por exemplo, o perfil de Jair Bolsonaro, assim como membros do Movimento Brasil Livre (MBL) e membros do Movimento Brasil Conservador (MBC).

O fato de a plataforma *Gab* ter sido um dos domínios mais compartilhados durante o debate político que se desenrolou na Internet durante a campanha, a despeito de ainda ser extremamente desconhecida pela arena *mainstream* de debate nacional mostra um intercâmbio cultural existente entre os grupos de direita alternativa dos EUA e Europa e uma parcela dos brasileiros engajados com os movimentos de nova direita.

Percepções como essa motivaram este trabalho a olhar para a *Alternative Right*, tentando compreender suas características básicas, a fim de verificar a existência de paralelos com o discurso de Jair Bolsonaro em suas redes.

2.2.1 Origem e significado do nome

Diferentemente de termos como “conservadorismo” e “direita radical”, “alt-right” não tem uma definição clara nem bases filosóficas (MUDDE, 2017). Segundo Nagle, 2017, pode ser definida como um grupo que corresponde a uma direita radical libertária afeita à tecnologia.

²⁰ Fonte: <https://apublica.org/2018/12/rede-social-de-ultradireita-chega-ao-brasil-com-acenos-a-bolsonaro/>

²¹ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/facebook-remove-rede-de-contas-e-paginas-de-apoio-a-bolsonaro.shtml>

A expressão “*alt-right*”, abreviação de “*alternative right*”, adentrou o léxico político no período da campanha eleitoral americana de 2016 e ainda desafia os pesquisadores que tentam alocar este novo grupo no espectro espacial binário das ideologias políticas.

O início da gestação desse grupo pode ser encontrado nos fóruns de discussão 4chan²². A ausência de um discurso libertário mais modulado à esquerda nesses fóruns criou um vácuo preenchido pelo discurso à direita contra o politicamente correto formatados em *memes* de humor produzidos com o objetivo de chocar (NAGLE, 2017).

A lógica da internet traz à tona elementos anárquicos e uma certa cultura de rebeldia contra uma organização formal do Estado – a ideia de auto-organização de indivíduos e de quebra de sistemas, por exemplo, está muito presente na cultura hacker – e isso é algo que se assenta melhor à lógica do *libertarianismo* do que a uma lógica política estruturada pelas esquerdas do establishment, que confere ao Estado um lugar relevante de organizador da sociedade.

O 4chan é uma espécie de grande fórum de discussões baseado em compartilhamento de imagens. Há uma divisão dos fóruns em áreas de interesse que passam por categorias como “Pokemon”, “Literatura”, “Politicamente Incorreto”, “Gifs adultos”, “Tecnologia”. Não há necessidade de registrar um perfil antes de participar das discussões, criando um ambiente de discussões aberto a qualquer pessoa e anônimo. A sua quase totalidade de comentários é submetida sob o nome de usuário “Anonymous”. O fórum foi criado em 2003, inicialmente para o compartilhamento de imagens de animes japoneses e, com o passar do tempo, outros temas de interesse foram sendo incorporados (NAGLE, 2017). Transformando-se em um influente canal de compartilhamento de ideias reconhecido pela criatividade, humor e memes, frequentado principalmente por homens que compartilhavam uma subcultura masculina com identidade “gamer” e discursos misóginos.

As principais referências culturais que aparecem nas discussões são videogames de guerra e filmes como Clube da Luta, Matrix e Psicopata Americano (NAGLE, 2017).

O caráter anônimo, já mencionado, criou um espaço seguro para o compartilhamento de todo e qualquer discurso. Havia ali um amplo espaço para todo tipo de pornografia, mensagens suicidas, pensamentos incestuosos e criminosos, racismo, misoginia. Foi o nicho das mensagens

²² O 4chan é uma espécie de fórum baseado em imagens onde qualquer pessoa pode postar e compartilhar conteúdos. Há diferentes tipos de quadros para contemplar a variada gama de assuntos sobre os quais as pessoas debatem por lá, que variam de anime japonês a política. Os usuários não precisam se registrar antes de começar a participar da comunidade.

de humor afiado e sarcástico que conseguiu sair da bolha do 4chan e ganhar amplitude num espaço mais largo da Internet.

Os traços que ligam a cultura 4chan ao movimento da *Alt-right* são, essencialmente, a oposição ao politicamente correto, ao feminismo, ao multiculturalismo (NAGLE, 2017) e a aproximação a uma ideia de socialização anônima através da tecnologia.

A expressão *Alt-Right* foi cunhada por Richard Spencer²³ e foi abraçada por grupos na internet, tornando-se uma bandeira de resistência principalmente para pessoas que se identificavam à direita e não se sentiam contempladas no movimento conservador tradicional.

No seu surgimento, qualquer pessoa que se localizasse no espectro da direita americana e que não se identificasse com o movimento conservador *mainstream*, fosse libertário, neoconservador, populista radical de direita, conservador não-religioso ou ultranacionalista poderia ser considerada pertencente à *Alternative Right*. O que conectava essas pessoas era a sua relação com as famílias ideológicas liberal/libertária e conservadora (HAWLEY, 2017).

Depois de algum tempo, tornou-se mais claro que o conceito carregava uma forte identidade nacionalista branca, principalmente quando o site intitulado *Alternative Right* foi fundado e se tornou uma plataforma focada em questões raciais e na proposição da criação de um Estado-nação de pessoas brancas na América do Norte.

Contudo, com a popularização do termo, principalmente ao longo de 2016, durante a campanha eleitoral de Donald Trump, o número de pessoas que se identificavam com o conceito foi ampliado para além daquelas que desejam a criação de um Estado étnico branco.

Como a *Alt-right* não tem líderes no sentido convencional, o movimento acabou evoluindo em direções variadas, dependendo de quem estava reivindicando o termo e, assim, sendo remodelado, já que não existe um conselho centralizador que define o que é ou não o movimento (HAWLEY, 2017). Dessa maneira, enquanto a *alt-right* cresce em tamanho, o termo parece estar retornando ao seu sentido original, referindo-se a um grupo mais amplo de indivíduos.

Yianopoulos²⁴ entende que a definição mais ampliada do significado de *alt-right* inclui pessoas que são resistentes à imigração dos mais diferentes tipos de lugares, preocupados com a

²³ Presidente do *National Policy Institute*, um *think tank* de supremacia branca. Responsável, também, pela popularização da metáfora da “pílula vermelha” entre a direita americana, que tem sido central para a retórica da *alt-right*.

segurança das fronteiras e promovem o escárnio ao politicamente correto, ao mesmo tempo em que demonstram identificação com uma ideia de libertarianismo cultural. Greg Johnson²⁵ sugere que o sentido do termo seja ainda mais ampliado para servir como conceito guarda-chuva vago para compreender todas as pessoas que rejeitam o conservadorismo *mainstream*.

Pesquisar o grupo que compõe o fenômeno intitulado *alt right* é deparar-se, de início, com a dificuldade de contornar um dos aspectos constitutivos do movimento: o caráter anônimo (HAWLEY, 2017).

É desafiador compreender esse fenômeno por muitos motivos. É um movimento jovem, tanto no sentido de que é algo novo na cena política, como na idade média de seus apoiadores. É um movimento sem líderes no sentido clássico dos movimentos políticos (HAWLEY, 2017). É, também, em larga medida, horizontalizado e difícil de ser compreendido fora da lógica da comunicação online de mensagens viralizadas.

Diferentemente do caso de outros movimentos, o *meio* através do qual se dissemina a informação e onde se encontra os atalhos cognitivos para que os indivíduos façam sentido do mundo que os cerca não é algo acessório no caso das *Alt-right*. Esse fenômeno, que surge no universo online, não por acaso compartilha muito da lógica da difusão da informação das redes sociais e fóruns digitais.

O anonimato oferecido pelo universo virtual permite que certos discursos mais radicalizados e escandalizadores sejam possíveis de existir. A proteção virtual favorece o atrevimento para que discursos que rompem com o que é socialmente aceito seja proferido. Uma vez que se cria a socialização através do escárnio e da irreverência que rompe com o politicamente correto, é mais confortável, depois, que isso apareça com uma maior adesão nas arenas de debate não-anônimas.

²⁴ Milo Yannopoulos é um escritor e editor britânico, abertamente gay e ultraconservador, que atua nos Estados Unidos. Em 2015, tornou-se editor sênior do site *Breitbart News*, o principal canal de mídia alternativa de direita nos EUA. Em julho de 2016, ele teve seu perfil banido do Twitter acusado pela empresa de orquestrar um abuso dirigido à atriz negra Leslie Jones por sua participação no filme “Ghostbusters”. Famoso por escrever artigos polêmicos, ele tem a sua assinatura em textos intitulados “Não existe viés contra as mulheres na contratação de mulheres para equipes técnicas, elas apenas são péssimas nas entrevistas” e “Você preferiria que a sua filha tivesse feminismo ou câncer?”. Cunhou a hashtag #FeminismIsCancer que ganhou popularidade entre a *alt-right*. E durante o período de campanha eleitoral, ele encabeçou a organização de eventos “Gay for Trump” nos EUA. Não se considera membro da *alt-right*.

²⁵ Editor-chefe da *Counter Currents Publishing*, que tem sido considerada um dos principais pilares de publicação para a *alt-right*.

Hoje, não há nenhum político de referência na mídia *mainstream* americana que se declare como um apoiador da Alt-right (HAWLEY, 2017). Sem suporte na grande mídia, ela consegue de maneira impressionante se fazer vista e produzir uma sensação de que é um fenômeno de larga escala por uma de suas características definidoras mais relevantes: uma competência elevada no uso da Internet (HAWLEY, 2017). O movimento conta com um amplo número de blogs, podcasts, fóruns e webzines que discutem questões políticas e culturais. Para além da criação de espaços na internet, há um exímio domínio da forma de se comunicar nessas plataformas, com uma comunicação direta, rápida, imagética e polêmica que aumenta a probabilidade de viralização dos discursos.

Precisamos ponderar, contudo, que, apesar de não receber apoio na grande mídia *mainstream*, a alt-right tem sido muito visibilizada, mesmo que através de matérias negativas a seu respeito.

Cas Mudde (2017), inclusive, critica a utilização da expressão “alt-right” e entende que a visibilidade oferecida pela grande mídia a este movimento, durante o período da campanha de Donald Trump, foi uma das causas para o seu crescimento de importância no centro dos debates políticos americanos. A cunhagem do termo teria sido, em sua leitura, uma jogada de marketing do ativista supremacista branco Richard Spencer para tornar o seu antigo movimento racista mais sonoro aos ouvidos de um público conservador mainstream.

A maioria dos indivíduos e organizações que são descritas como parte da “alt-right” pela mídia não se autoidentifica desta forma (MUDDE, 2017), todavia, muitas análises os relacionam ao movimento a despeito disso porque tais indivíduos se mostram como vozes que influenciam o movimento e organizam ideias que são consumidas por grupos que se autoidentificam como membros do movimento.

Apesar de não podermos classificar Donald Trump e seus conselheiros como integrantes da chamada alt-right, podemos entender como correta a análise de que este movimento ajudou a empurrar a política americana em direção à direita radical (HAWLEY, 2017 p. 137) e tem influenciado o debate de ideias não apenas nos Estados Unidos.

2.2.2 Defesas ideológicas

A despeito do caráter amórfico do movimento, parece ser um consenso que a alt-right é contra o politicamente correto e o feminismo. Seus seguidores são adeptos de piadas provocativas e, frequentemente, grosseiras e ofensivas, direcionadas aos “inimigos”, tanto à direita quanto à esquerda.

Os inimigos à esquerda, liberais, são chamados pejorativamente de “guerreiros da justiça social” (“social justice warriors” ou SJWs) e, os à direita, conservadores identificados como pertencentes ao establishment, são chamados, em vez de “conservatives”, “cuckservatives” (“Cuck” é o encurtamento de *cuckold*, uma palavra em inglês que se refere a uma pessoa (geralmente um homem) que busca aprovação de outras pessoas (geralmente mulheres) tão desesperadamente que compromete suas crenças e valores ao se envolver em ações apenas para agradar outrem. É uma palavra também associada ao comportamento sexual de homens que têm prazer em assistir suas companheiras mulheres se relacionando sexualmente com outros homens).

O politicamente correto ao qual eles se opõem estaria relacionado ao radicalismo do movimento negro, ao radicalismo das feministas e àqueles que se posicionam favoravelmente à abertura de fronteiras. Em outras palavras, o “anti-PC”²⁶ é, em linhas gerais, uma oposição às principais bandeiras identitárias da sociedade progressista contemporânea.

A contraposição ao politicamente correto se dá baseado na compreensão de que as chamadas “políticas identitárias” defendidas pela esquerda liberal dividem os cidadãos e os colocam uns contra os outros, na medida em que as características que os diferenciam são postas em evidência.

O link genealógico entre os conservadores *mainstream* e a alt-right é fraco (HAWLEY, 2017). "Apesar de a alt-right ter pego emprestado elementos de muitos outros movimentos, deve ser tratado como um fenômeno genuinamente novo, nascido em 2008" (HAWLEY, 2017).

Por óbvio, a alt-right não emerge do nada. Muitos elementos do seu discurso podem ser rastreados e encontrados em diversos movimentos de direita que a precederam. Contudo, principalmente se levarmos em consideração as suas táticas, e a maneira como o seu discurso é produzido dentro dos limites impostos pelo meio de comunicação que utiliza, notadamente as

²⁶ *Anti Political Correctness.*

redes sociais e fóruns online, é difícil considerá-la apenas como uma adaptação visando a sobrevivência de uma linhagem conservadora anterior.

Assim como historicamente encontramos nos conservadores, a alt-right oferece posições ambíguas em relação aos projetos econômicos. Poucos são a favor do *laissez-faire* tradicionalmente defendidos pelos libertários e conservadores liberais e muitos parecem apoiar as medidas protecionistas do atual presidente dos Estados Unidos (HAWLEY, 2017).

Entre as suas principais pautas de preocupação estão o declínio demográfico e civilizatório europeu, a ideia de decadência cultural, a ideia e “marxismo cultural”, o anti-igualitarismo, a islamificação e a criação de uma alternativa ao establishment (NAGLE, 2017).

Os alt-right, não-religiosos e algumas vezes até mesmo anti-cristãos, (HAWLEY, 2017) são explicitamente um movimento de reação contra o conservadorismo estabelecido. Contrapõem-se aos conservadores tradicionais, ou, como passaram a ser chamados, RINO, sigla para “*Republicans in name only*”. Os neocons e os conservadores tradicionais cristãos são compreendidos pela alt-right como tendo falhado em ser suficientemente agressivos para garantir a proteção do Estado americano contra a imigração em massa, a islamificação e o feminismo (NAGLE, 2017). Essa é uma importante característica que distingue de maneira significativa a direita alternativa existente nos Estados Unidos e Europa e o movimento de nova direita brasileiro em formação que tem bom trânsito no campo da religiosidade.

2.2.3 O que é a Alt-Right pela leitura da própria direita radical

“The alt-right is here, and here to stay”
(BOKHARI & YIANNOPOULOS, 2016)

Há duas figuras-chave na popularização do movimento desta direita alternativa principalmente na parte do movimento que abraçou a guerra cultural trumpiana: Milo Yiannopoulos e Allum Bokhari²⁷. Eles desenharam as raízes intelectuais da *alternative right*

²⁷ Allum Bokhari é um escritor americano, consultor político e colunista do site Breitbart News. Define-se tendo uma visão política libertária e sendo de etnia mista, paquistanês-americano. Não se considera membro da alt-right.

mobilizando conceitos ideológicos e escolas de pensamento. Em um artigo para o site Breitbart²⁸ muito disseminado na internet, chamado “*An Establishment Conservative’s guide to the Alt-Right*”²⁹, eles propõem delineamentos para o movimento. O primeiro parágrafo do artigo merece ser citado em sua integralidade:

“A specter is haunting the dinner parties, fundraisers and think-tanks of the Establishment: the specter of the “alternative right.” Young, creative and eager to commit secular heresies, they have become public enemy number one to beltway conservatives — more hated, even, than Democrats or loopy progressives”

No artigo supracitado, os autores fazem uma espécie de taxonomia informal da alt-right baseada em entrevistas com indivíduos auto-identificados como membros.

Dentre os grupos que confluíram para a alt-right, os autores citam: (a) os que se contrapõem ao “feminismo de esquerda” e advogavam por um movimento que reestabelecesse princípios de masculinidade; (b) os isolacionistas, pró-russos e ex-apoiadores de Ron Paul frustrados com o controle dos neoconservadores no Partido Republicano; (c) os neoreacionários (conhecidos como #NRx), que tornaram-se visíveis a partir de debates em uma comunidade online organizada no site LessWrong.com, por uma pesquisadora de inteligência artificial do Vale do Silício³⁰, cujo objetivo era discutir como as últimas pesquisas da área da ciência cognitiva poderiam contribuir para superar o “viés” do pensamento humano, notadamente nas áreas de filosofia e política; (d) os “conservadores naturais”, que corresponde ao grupo majoritariamente composto por americanos médios, brancos e radicais que abraçam a defesa de uma política identitária que priorize os seus interesses³¹ e entendem que a cultura, não a eficiência econômica, é o valor primordial a ser defendido; (e) os jovens rebeldes em busca de transgressão, diversão e desafio a normas sociais que eles não compreendem, não

²⁸ *Breitbart* é a principal plataforma de uma direita que não se identifica com o conservadorismo mainstream dos Estados Unidos. Opõe-se à imigração ilegal, progressistas culturais (notadamente feministas), ao nepotismo de Washington e promovem partidos da extrema-direita europeia. Um de seus editores-chefes, Steve Bannon, dirigiu a campanha presidencial de Trump e serviu como estrategista-chefe na Casa Branca por 4 meses, após a eleição. Steve Bannon declarou apoio público a Jair Bolsonaro durante a campanha eleitoral brasileira.

²⁹ Que pode ser visto em: <http://www.breitbart.com/tech/2016/03/29/an-establishment-conservatives-guide-to-the-alt-right/>

³⁰ Eliezer Yudkowsky.

³¹ Há o reconhecimento do direito à existência de outros grupos como os mexicanos, os afro-americanos, os mulçumanos, e o entendimento de que, assim como eles, as outras comunidades tendem – como deveriam – a reivindicar a priorização de seus interesses.

necessariamente pela identificação ao conjunto de ideologias políticas conservadores, mas “instintivamente libertarianos”; (f) os “1488ers”³², racistas e intolerantes.

Grande parte do artigo tem como objetivo demarcar que existem diferentes subgrupos que reivindicam o pertencimento à Alternative Right e explicitar que, apesar do movimento de fato adotar uma retórica que desafia tabus na sociedade, não é um movimento fascista e extremado. Os autores citam, por exemplo, que os skinheads são comparados equivocadamente aos alt-rights. Skinheads seriam, segundo eles, indivíduos com pouca informação, baixo QI, motivados por instintos de violência, enquanto os alt-rights, pelo contrário, seriam “perigosamente inteligentes”, consistindo majoritariamente de homens brancos com educação superior que simpatizam com a classe trabalhadora branca americana, e que, de alguma forma, possuem um senso de *noblesse oblige*.

A origem do movimento de direita alternativa, para eles, estaria relacionada a pensadores como Oswald Spengler, H.L. Mencken, Julius Evola e Sam Francis, ao movimento paleoconservador americano e à nova direita francesa (*La Nouvelle Droite*).

Esses intelectuais valorizados pela alt-right argumentam que a cultura é inseparável da raça, e por isso existe a compreensão de que algum grau de separação entre as diferentes comunidades é necessário para que as culturas sejam preservadas, afinal, “a mosque next to an English street full of houses bearing the flag of St. George, according to alt-righters, is neither an English street nor a Muslim street — separation is necessary for distinctiveness” (BOKHARI & YIANNOPOULOS, 2016).

Na interpretação desses autores, muitos *milenials* têm dificuldade em compreender que o racismo é algo que realmente ainda existe. Eventos históricos marcadamente racistas estariam, para eles, alocados em um passado muito distante para serem percebidos. Desta forma, eles teriam certeza que os memes que postam e os comentários que fazem não são racistas. E os que são claramente racistas, seriam mensagens irônicas, apenas com o objetivo de provocar e com pouca sinceridade por trás. Todavia, existe a compreensão de que esses conteúdos racistas propagados pela alt-right teriam atraído grupos de fato racistas e intolerantes.

³² A expressão “1488”, utilizada pejorativamente pelos apoiadores da alt-right que não se identificam com este grupo, faz referência a dois slogans Neonazistas. O primeiro é o slogan conhecido como o slogan das 14 palavras “We must Secure The Existence Of Our People And A Future For White Children”. O segundo, uma referência ao número 88 que, em inglês, soa similar a “HH”, abreviação para “Heil Hitler”. De acordo com os autores, muitos alt-rights avaliam os 1488ers negativamente e prefeririam que eles não fizessem parte do movimento.

Eles apontam como uma das principais razões para o surgimento do movimento, a falta de sensação de sentir-se representado institucionalmente pelos “conservadores naturais”.

Nos Estados Unidos, segundo argumentam, os republicanos, desde os anos 80, teriam se ocupado apenas de preocupações relacionadas à economia e à política externa, defendendo uma política econômica nos ideais de Reagan-Thatcher internamente e uma política intervencionista exteriormente, não se preocupando com questões relacionadas à moralidade e cultura, que teriam sido deixadas ao cuidado da esquerda, e, por isso, agora não possuem espaço na academia, na indústria de entretenimento e nos jornais.

Para Yiannopoulos e Allum Bokhari (2016), o movimento seria melhor definido por aquilo que se define contra e não por aquilo que se define a favor. Alguns alt-rights apreciariam a violação de normas sociais apenas pelo valor do choque, outros teriam uma abordagem mais intelectualizada, aproximando-se do movimento por defesas ideológicas, contudo, de maneira geral, os grupos concordariam em relação à necessidade de fazer oposição a uma espécie de vitimismo e hipocrisia do consenso atual sobre os assuntos da sociedade que vem, de alguma forma, tanto da direita quanto da esquerda.

2.3.4 Quem são os alt-rights e como se tornaram visíveis

Pela sua natureza horizontalizada e de interações entre sujeitos não-identificados (anônimos) é virtualmente impossível, por enquanto, apresentar uma estimativa do grupo de indivíduos que a compõe com base em dados que os cataloguem.

O que parece ser verdade é que a alt-right é um grupo formado inicialmente por jovens de classe média, escolarizados, em larga medida com ensino superior, muitos deles desempregados e ociosos, passando uma grande quantidade de tempo na Internet (HAWLEY, 2017).

Em relação à maneira como se fizeram visíveis na grande arena *mainstream* de debate público, os memes parecem ter exercido um papel fundamental.

As informações que chegam até os indivíduos são mediadas e os memes parecem estar funcionando como mediadores de informação para uma parcela jovem da sociedade pouco politizada.

Há uma característica cultural de transgressão que também precisa ser levada em consideração para a compreensão do movimento e a sua atratividade para a parcela mais jovem.

Existem razões diferentes que impulsionam membros da alt-right a se identificarem com o afrontamento do politicamente correto e, uma delas, é a afronta pelo “lolz”³³, ou seja, única e exclusivamente porque afrontar é divertido e provoca irritação e polêmica em determinados grupos, sem necessariamente a racionalização de um objetivo político por trás. É, de certa maneira, um movimento de contracultura (NAGLE, 2017).

A Alt-right conseguiu de maneira bem-sucedida entrar no debate público nacional norte-americano quando ela dominou a arte da “trolagem”³⁴ e dos memes.

Um meme³⁵ de internet é simplesmente uma imagem, um vídeo, uma ideia, uma *hashtag* ou um slogan que se espalha virtualmente e, intencionalmente ou não, oferecem um framing para o conjunto de notícias e argumentos que preenchem a nova esfera pública de debate político.

A partir da viralização de conteúdos que incitam a indignação de uns e o apoio de outros, constrói-se uma polêmica que consegue adentrar – seja por sua defesa ou crítica – diferentes bolhas sociais, o que gera um alcance de divulgação para as defesas de suas ideias que não seria possível de ser alcançado se esse conteúdo ideológico pudesse ser encontrado apenas no interior de suas próprias plataformas de debate. Em outras palavras, os *trolls* de internet funcionam como células responsáveis por infectar ambientes alheios à alt-right com seus conteúdos para que esse conteúdo se dissemine para o restante da Internet.

Comentários em plataformas amplamente utilizadas pelo utilizador médio da internet como YouTube, Twitter e Facebook são o procedimento padrão dos *trolls*, uma vez que um comentário em cada uma dessas plataformas pode ser visto por qualquer pessoa.

A nova direita da Alt-Right apresenta-se como um movimento divertido. Os memes e jargões da internet são mobilizados para alfinetar (e, em consequência, dialogar com) personalidades do *mainstream*, sejam eles políticos, acadêmicos, jornalistas, celebridades.

O site conhecido pela sigla TRS, “*The Right Stuff*”, que publica textos e podcasts de um grande número de contribuidores desde 2012, quando começou as suas atividades, é provavelmente o responsável pela popularização da expressão alt-right, que liderou a promoção da trolagem enquanto *modus operandi* no debate político na Internet (NAGLE, 2017).

³³ A expressão *lolz* refere-se a risada e divertimento, muito usada em fóruns de debate americanos.

³⁴ Do inglês, trolling.

³⁵ A palavra “meme” foi popularizada por Richard Dawkins no livro *The Selfish Gene* (HAWLEY, 2017).

Como podemos verificar por um texto instrutivo sobre como conversar com quem pensa diferente na arena virtual presente no site, o objetivo não é convencer o seu interlocutor sobre um determinado ponto, e sim, apenas espalhar uma mensagem.

“You should assume that you will never manage to convince your ideological enemies of the merit of your position. Rather, the purpose of trolling is to convince people reading your comments of the merit of your position. On many different web forums, lurkers outnumber posters by 10 to 1. The purpose of trolling raids is to convince these anonymous people, not the person you disagree with. As such, you can win hearts and minds even when met with universal opposition”.³⁶

A *alternative right*, dessa maneira, promove o engajamento de massa a partir da estratégia do “tornar-se visível” a todos. Há os que não concordam com as suas mensagens e auxiliam no aumento da visibilidade desse conteúdo através dos comentários de indignação e repúdio (que, pela forma como os algoritmos das redes sociais funcionam acabam amplificando esse conteúdo para os seus amigos e amigos de amigos até, eventualmente, esbarrar em alguém que concorde); há os que se chocam e compartilham o conteúdo pelo absurdo que explicita; e há os que talvez não seriam capturados pelo discurso radicalizado mas, como ele está sendo mal falado pelos indivíduos “defensores do politicamente correto”, com os quais não se identifica, ele torna-se mais inclinado a reverberar o conteúdo pela estratégia do unir-se aos inimigos do meu inimigo.

Em relação a essa estratégia para aumentar o engajamento relacionado a determinados discursos e às táticas utilizadas para “furar as bolhas” na Internet, é interessante que uma lógica semelhante foi explorada por Jair Bolsonaro.

³⁶ Clear Above, “Tips for Trolls,” Right Stuff, February 2, 2016. Disponível em: <http://therightstuff.biz/2016/02/02/tips-for-trolls/>

CAPÍTULO 3

“MENOS MARX, MAIS MISES” E A CRISE POLÍTICO-INSTITUCIONAL: A CONJUNTURA QUE ABRE AS PORTAS DO PALÁCIO DA ALVORADA PARA A DIREITA RADICAL

O “orgulho direitista” é uma grande novidade no cenário político nacional (KAYSELL, 2017), se olharmos pelo menos para os últimos 60 anos. A maioria dos parlamentares e partidos políticos no Brasil, até os anos 90, evitavam a alcunha de direitistas e preferiam ser classificados como centristas (POWER, 2010). A partir do período de redemocratização, no final dos anos 80, não havia conforto para que uma declaração de posicionamento à direita do espectro político fosse feita publicamente. O conceito de direita estava fortemente atrelado ao período do regime militar e, era estratégico eleitoralmente manter-se distante dele, fenômeno que ficou popularizado na literatura como “direita envergonhada” (ROCHA, 2018).

Esse cenário começa a mudar entre os anos de 2006 e 2010, em meio ao auge do Lulismo (ROCHA, 2019), a partir da atuação inicial de um conjunto diverso de atores nas redes sociais, especialmente a rede de Orkut.

A bandeira anticorrupção foi um forte elemento aglutinador para os públicos de direita que passaram a se redescobrir no espaço público (TELLES, 2016) e, por isso, há dois importantes fatores – que receberam grande cobertura midiática – que são componentes fundamentais para a organização desses atores.

O primeiro deles é o escândalo do “mensalão”, que traz o problema da corrupção como uma bandeira palpável para os atores que estavam descontentes através da qual seria possível tecer críticas concretas às escolhas político-econômicas em um período em que o presidente contava com altas taxas de aprovação popular e que a economia caminhava bem. Esse cenário fazia com que virtualmente nenhuma oposição sistemática ao governo fosse possível de ser feita na arena pública *mainstream* (ROCHA, 2019). Tal momento é fundamental para que atores começassem a procurar espaços de diálogo em que pudessem tecer críticas e expor confortavelmente seu posicionamento de oposição e encontraram no anonimato da internet e nos fóruns de debate digitais das redes sociais um terreno profícuo para se conectar com indivíduos que compartilhavam de suas opiniões.

O segundo é o período do processo de Impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff que aconteceu em meio a um conturbado contexto político-midiático que envolvia, dentre outros fatores, dois bastante importantes: o vazamento de informações para a mídia de investigações de corrupção e desvios de dinheiro pela Operação Lava Jato (TELLES, 2016) que manteve vivo na pauta de debate do dia o peso do problema da corrupção; e as mobilizações populares que aconteceram com grande volume de cidadãos em diversas regiões do país e tiveram ampla cobertura da mídia que explicitavam o descontentamento de parte da população com o governo e elevaram a temperatura da crise político-institucional.

O ano de 2014, que marca formalmente o início da crise (TELLES, 2014), pode ser considerado uma pedra angular no processo de formação e emergência da nova direita no Brasil. Foi a partir desse período que grupos mais radicalizados que se organizavam em pequenos grupos em redes digitais conseguiram ampliar as suas audiências e se conectar com outros grupos de insatisfeitos. Uma produção cultural e intelectual “politicamente incorreta” à direita, que estava em marcha desde os anos 90 no país, ganha renovado interesse e há um aumento substantivo na circulação de símbolos e ideias pertencentes às matrizes ideológicas liberal e conservadora.

Militantes, intelectuais e personalidades que orgulhosamente passaram a se identificar com o campo da direita ganham, a partir desse período, espaço na nobre arena de debate *mainstream* no país, rompendo a bolha que os mantinham restritos à atuação em canais, blogs, fóruns e comunidades da internet falando apenas para pequenos nichos.

Neste capítulo, tentaremos organizar e explicitar os fatores que foram relevantes para a emergência de uma nova direita radical no cenário brasileiro que obteve grande sucesso eleitoral. Muitos analistas, no calor do resultado das eleições de 2018 (que apareceu como uma surpresa para muitos) atribuíram a expressiva votação de candidatos à direita a uma “onda” ou a uma espécie de “efeito colateral” da deterioração do sistema político-institucional combalido ou até mesmo a uma estratégia bem-sucedida de produção e disseminação de *Fake News*, notadamente pelo *Whatsapp* e *Facebook*.

Apesar de todas essas questões fazerem parte, em maior ou menor grau, do conjunto de fatores explicativos da emergência dessa nova direita no cenário brasileiro, elas são insuficientes para dar conta do todo e, por vezes, sombreiam um importante fator que este capítulo pretende destacar: uma produção ideológica consistente que vem conquistando corações e mentes de militantes.

Nesse sentido, a difusão de ideários liberais e libertários no Brasil inicialmente por *Think Tanks* estrangeiros a partir dos anos 80 (ROCHA, 2018) e, posteriormente, por indivíduos militantes que autonomamente e horizontalmente criaram Fóruns de discussão na Internet e organizações civis é de fundamental importância para compreendermos com mais nuances o processo de adesão a discursos ultraliberais no campo da economia e conservadores no campo da moral que até poucos anos atrás não recebiam destaque na arena pública de debate.

Para dar conta de trazer essas questões para o debate, esse capítulo se divide em três partes. A primeira seção traz um brevíssimo panorama histórico da circulação das ideias das direitas no Brasil para que tenhamos uma visão mais macroscópica da adesão a valores conservadores e liberais ao longo do tempo. A segunda seção tem a intenção de reconstruir o processo que entendemos ser fundamental para a formação da nova direita como uma potência eleitoral em 2018 a despeito da ausência de uma organização partidária forte que a sustentasse, evidenciando os elementos que se retroalimentavam na caótica conjuntura brasileira do período que vai de 2013 a 2018. A terceira e última seção dedica-se a explicar, de maneira concisa, os esforços feitos por diferentes atores no Brasil para produzir e divulgar um arcabouço teórico que dá sustentação aos discursos adotados pelos membros da nova direita. De maneira concreta, falaremos sobre Olavo de Carvalho, que vem sendo considerado o “guru intelectual” da nova direita brasileira, e suas principais proposições ideológicas, sobre a difusão de ideias ultraliberais promovidas por *Think Tanks* no Brasil, e sobre como a guinada do mercado editorial brasileiro à direita.

3.1 Breve trajetória das ideias das direitas no Brasil

“O (novo) contexto político tem sido marcado pelo aumento da exposição de bandeiras e discursos de direita na opinião pública bem como pelo surgimento de lideranças e grupos políticos que se declaram representantes e porta-vozes dessa nova tendência” (VIANA, 2015)

Há, de maneira clara na história do Brasil, uma constante conservadora que organiza até mesmo os cenários políticos de transição, pelo menos na dimensão que se refere à participação popular. Como Lessa³⁷ nota, o Brasil consegue abolir a escravidão sem nenhum conflito social

³⁷ LESSA, Carlos. Nação e nacionalismo a partir da experiência brasileira. In: *Estudos avançados*. São Paulo: n.22 (62), 2008, p. 244-5

relevante, proclama a sua república sem que seja dada centralidade a nenhuma força ou grupo político extremado para isso, moderniza o Estado “de cima para baixo”, promove a industrialização sem romper com a oligarquia primário-exportadora, atravessa a guerra fria instalando uma ditadura e um estado de exceção que posteriormente é substituído pelo estado de direito sem que os autoritários fossem criminalizados e forja a sua democracia sem colocar em debate as origens do seu autoritarismo.

O liberalismo brasileiro do século XIX resumia-se à ideia de livre comércio apenas, com a manutenção de homens escravizados e sem que fossem aventadas pelas elites reformas sociais. O que fez com que a sua sociedade se desenvolvesse àquela altura em meio a uma contradição entre ideias de mudança e sem que se desejasse romper com a conservação de certas práticas (SOUZA, 2017).

Nos últimos anos do Império, tampouco podíamos dizer que havia sido forjado um consenso entre os participantes dos partidos Liberal e Republicano acerca da escravidão e de reformas sociais já que notávamos resistências conservadoras em ambos.

Até os anos 1920, era difícil conseguirmos identificar organizações partidárias com perfis ideológicos de diferenças nítidas. A fundação do Partido Comunista do Brasil em 1922 lança uma proposta alternativa de projeto para a sociedade e começa a ganhar relevância no cenário do país a partir de então. O discurso comunista organizado de maneira mais sólida e se apresentando como uma alternativa fornece para a direita uma bandeira que, como bem nota Kaysell, 2017, terá uma posição de relevância para a sua identidade e discurso nos anos subsequentes, que é a defesa do anticomunismo (que, nos anos mais recentes, transforma-se em um significante vazio para a direita nacional, agregando liberais, conservadores, religiosos e nacionalistas).

Os anos 30 foram marcados pela proeminência dos Integralistas e suas táticas de mobilização de massa e uso das camisas verdes como uniforme, agravando ainda mais uma identidade anticomunista no seio da sociedade (principalmente entre as forças armadas), e os anos 40, definidos por uma oposição entre varguistas e antivarguistas que se sobrepunha ao espectro direita-esquerda, uma vez que, entre os defensores do varguismo, encontramos uma base nacional-popular, o PTB, e uma conservadora, o PSD, e, na oposição, a UDN, que também englobava direitas e esquerdas (KAYSELL, 2017).

Nos anos 60, a aliança de vários grupos da direita brasileira, à luz da extrema polarização da sociedade em torno das propostas progressistas de João Goulart, principalmente no tocante à

reforma agrária, encerrou o primeiro período de experiência democrática do país, entre 1945 e 1964.

Segue-se o período de governo militar que organiza o espectro direita-esquerda em relação ao apoio ou oposição à ditadura, que dura até 1985. Durante o período de transição lenta e gradual para a democracia, todavia, com a oficialização do pluripartidarismo, nota-se uma divisão da direita em diferentes siglas (MAINWARING, MENEGUELLO, POWER, 2000) e o aparecimento de um traço programático que diferencia as direitas das esquerdas, qual seja, a defesa de políticas compreendidas no guarda-chuva da ideologia neoliberal.

O discurso à direita, nos anos 2000, vem ganhando uma maior centralidade, que pode ser percebida pelo aumento de 25% no número de ex-policiais eleitos como deputados federais ou estaduais em 2014 (SOUZA e CARAM, 2014); pela relevância no espaço público de discussões em torno de projetos como o da redução da maioria penal e da terceirização das atividades fim; pelo lobby das indústrias de armas contra o Estatuto do desarmamento (GÓIS, 2014); e pelas resistências em torno de projetos de descriminalização da homofobia e da inclusão de discussões de gênero no currículo escolar (FAGANELLO, 2017), o que, na literatura, vem sendo chamado de onda conservadora.

Em um esforço de tentar reunir os grupos de direita que atuam através da via institucional hoje, no Brasil, Faganello (2017) aponta três conjuntos mais ou menos coesos, a partir de uma análise dos deputados que compõem o Congresso nacional. (1) A bancada empresarial, organizada em torno de temas que se relacionam com a defesa do livre mercado; (2) a bancada cristã, organizada em torno de pautas morais; (3) a bancada da bala, organizada em torno da questão da segurança pública, principalmente na defesa da redução da maioria penal e a revogação do estatuto do desarmamento. Esses três grupos com atuação institucionalizada e, por consequência, visibilidade nas mídias tradicionais, além de um óbvio apoio popular e força eleitoral, dão corpo a três grandes conjuntos de ideias e pautas que organizam o campo das direitas hoje no Brasil.

Dois fatores principais conformam as aspirações da sociedade em direção ao campo das novas direitas hoje, no país. O primeiro deles é a crise no sistema político-institucional instalada a partir das manifestações de massa de junho de 2013, escândalos de corrupção que abraçam a quase totalidade da classe política brasileira, passando por um processo de impeachment de uma presidenta eleita com a sua legitimidade questionada por uma ampla parcela da população, faz

com que a crença em uma mudança a partir do establishment seja pequena, abrindo uma janela de oportunidade para reivindicações anti-establishment, antipartidárias e anti-democráticas, abrindo janelas de oportunidade para o sucesso eleitoral de *outsiders* (TELLES, 2018; TATAGIBA, 2015). E o segundo, um grande e perceptível aumento nas taxas de violência do país³⁸ que faz crescer a sensação de insegurança e vulnerabiliza a população para estar mais suscetível a uma retórica autoritária que apresenta uma oferta de soluções simples e rápidas, através da eliminação dos indivíduos que se acredita serem os causadores do problema (seja prendendo, matando ou impedindo de entrar no território através de barreiras imigratórias), criando condições para que ganhem legitimidade ideias de defesa da segurança a qualquer custo.

O discurso de Jair Bolsonaro é bem sucedido em capitalizar essas aspirações e angústias presentes na sociedade, como veremos no Capítulo IV. Passemos, então, para a reconstrução do contexto de fragilidade político-institucional que permitiu que os novos grupos de direita fossem fortalecidos.

3.2 A emergência da nova direita no conturbado cenário de crise político-institucional: do Impeachment às eleições de 2018

O processo que abre uma janela de oportunidade para que as novas direitas tenham sido bem sucedidas eleitoralmente em 2018 é complexo e mistura fatores de desestabilização internos com uma construção ideológica e cultural que se liga a movimentos internacionais.

Por mais que argumentemos, neste trabalho, que o processo de fortalecimento das direitas no Brasil é também o resultado de um processo de ganho de amplitude de linguagens, símbolos e valores que orbitam o campo das direitas radicais em uma esfera globalizada, há fortes elementos conjunturais estritamente nacionais que precisam ser organizados a fim de conseguirmos pintar o quadro deste fenômeno com mais nuances.

Um olhar mais detido sobre esses elementos, mesmo que brevemente, nos ajuda a compreender os problemas sociais que estavam sendo visibilizados no período temporal entre 2013-2018 para posteriormente, analisando o discurso do Bolsonaro, avaliarmos como esses problemas levantados pela conjuntura foram capitalizados em sua retórica nas redes.

³⁸ A violência que assola o país se espalha em direção a cidades menores do país, ultrapassando os limites das grandes capitais e regiões metropolitanas, principalmente nas regiões do Norte e Nordeste (ROCHA, 2018).

Pesquisadores da ciência política, já atentos a esse fenômeno, muito antes de ele se tornar visível eleitoralmente, deram conta de esmiuçar as mais diversas variáveis com poder explicativo para a emergência desse fenômeno. Há trabalhos que abordam o crescimento do debate de pautas conservadoras na sociedade através das movimentações partidárias e do crescimento da nova direita nos espaços de representação institucional (CODATO; BOLOGNESI; ROEDER, 2015); outros que abordam o fenômeno pelo viés da difusão das informações na internet (SOLANO; ORTELLADO; MORETO, 2017), outros ainda, que observam o fenômeno através das lentes das manifestações de rua pró-impeachment (TELLES, 2016) e do fortalecimento do conservadorismo através de grupos políticos evangélicos (ALMEIDA, 2018; COWAN, 2014).

Uma breve reconstrução do processo político recente pode nos auxiliar a compreender melhor esse movimento de fortalecimento dos atores da direita a partir dos desdobramentos de eventos de grande impacto político-institucional no período recente.

Seguimos a ela.

Ainda em meados dos anos 2000, antes mesmo do *Facebook* se tornar uma rede social amplamente utilizada pela população brasileira, pessoas descontentes com a condução política e econômica do país, reuniam-se em fóruns de debate na Internet para discutir e formular um pensamento crítico acerca da condução política e econômica do país (ROCHA, 2019). Nesses espaços, elas se reuniam para trocar referências de textos sobre filosofia e economia - e também para reunir esforços para traduzir textos que muitas vezes chegavam em inglês até eles pela internet (Idem, 2019).

Tendo em vista o grande sucesso econômico do governo Lula – e o auge do Lulismo – que, mesmo com o aparecimento, na grande mídia, dos escândalos do mensalão, em 2005, mantinha as taxas de aprovação e simpatia ao ex-presidente Lula altas, era extremamente difícil expor publicamente em espaços *mainstream*, posicionamentos de oposição às linhas-guia de condução do governo (Idem, 2019).

Apesar do desvelamento dos primeiros escândalos de corrupção, por conta do excelente período econômico pelo qual o país passava, o então presidente Lula não apenas manteve sua alta popularidade, como reelegeu a sua sucessora, Dilma Rousseff, em 2010 e, nesse período, a oposição institucional era praticamente inexistente na esfera pública (NOBRE, 2013).

Dessa forma, a internet aparece com um papel fundamental de criar espaços para exposição e publicidade de posicionamentos de oposição ao governo. Indivíduos de direita, então,

começaram a criar conexões e fazer networking (ROCHA, 2019). Os espaços mais anônimos e reservados na Internet, como fóruns de debates das redes sociais, blogs e sites, serviam bem ao propósito de 1) serem confortáveis, pelo caráter de baixa exposição (ou até mesmo de anonimato) para que as pessoas que não se sentiam representadas pudessem expor suas opiniões contrárias ao discurso *mainstream* e minoritárias, à vontade e 2) facilitar o encontro e a conexão entre essas pessoas que eram anteriormente vozes solitárias em seus núcleos sociais e estavam insatisfeitas, seja com a corrupção desvelada seja com as escolhas político-econômicas feitas pelo governo.

Movidos por ideias de crítica a corrupção como principal bandeira visível, esses grupos se organizaram em torno de pautas mais específicas como a defesa da redução do Estado, a crítica ao politicamente correto e à ideia de uma existente “hegemonia” da esquerda nas mais diversas esferas da sociedade.

O primeiro movimento fundado relacionado à nova direita é o Movimento Endireita Brasil (MEB), ainda em 2006, por jovens advogados mobilizados pela insatisfação em relação ao escândalo do mensalão objetivando pedir o impeachment do Lula (ROCHA, 2019).

Em 2009, há a fundação do grupo Estudantes Pela Liberdade (EPL) que demarca a institucionalização da circulação de ideias pró-mercado nos meios universitários, com a promoção de eventos, cursos e palestras em universidades públicas e privadas e, em 2010, começam a surgir pequenas manifestações de direita organizadas por esses grupos que se formaram nas redes de internet em oposição ao governo sem que tivessem destaque na mídia ou grande adesão. A criação da página de Facebook “Revoltados Online” (ROL), por exemplo, data desse ano, e, seu nome, remonta a uma comunidade do Orkut de 2006, criada para aglutinar descontentes com o governo que passaram a expressar inconformidade com a corrupção na política de modo mais agressivo (ROCHA, 2019).

É nesse momento que a temática da anti-corrupção e do antipetismo, que já circulava nos meios digitais desde antes do mensalão, começa a se tornar central no processo de formação da nova direita (ROCHA, 2018).

Em 2013, esses grupos descontentes começam a ganhar mais adesão.

As manifestações de junho, acontecimento nada trivial que tomou de sobressalto a atenção dos cidadãos e pesquisadores, inadvertidamente, se apresentaram como uma janela de oportunidade para os discursos à direita, que, aproveitando a carona da insatisfação antipetista, se

fizeram ouvir em audiências muito maiores do que os círculos restritos onde estavam confinadas até então (DELCOURT, 2016).

Foram nessas manifestações de 2013 que, pela primeira vez, grupos de direita, antes organizados apenas em comunidades da internet, foram para as ruas e se conectaram com grupos maiores de cidadãos que estavam insatisfeitos com o atual governo. Como marco desse momento, podemos elencar simbolicamente 2 acontecimentos: a criação do Movimento Brasil Livre (MBL), por parte da militância que se organizava no EPL, com o objetivo de massificar o movimento, e a troca no comando do Instituto Liberal, cuja presidência passou a ser ocupada por Rodrigo Constantino (SILVA, L. N. DA, 2018).

O ano de 2014 foi um marco importante para a nova direita em formação por dois grandes motivos.

O primeiro deles, porque a campanha a deputado estadual pelo estado de São Paulo (pelo PRP) do empresário Paulo Batista, o “raio privatizador”, forneceu um saldo organizativo positivo para as militâncias e coletivos de direita em São Paulo (ROCHA, 2019). Essa campanha conseguiu reunir em torno de um mesmo projeto político *ultraliberal*, os membros envolvidos com a criação do Libertários (LIBER), partido que teve seu registro conferido em 2010, e a militância dissolvida em grupos e fóruns de debate pró-mercado da internet.

O segundo, porque é o ano que demarca o início da maior crise político-institucional da Nova República.

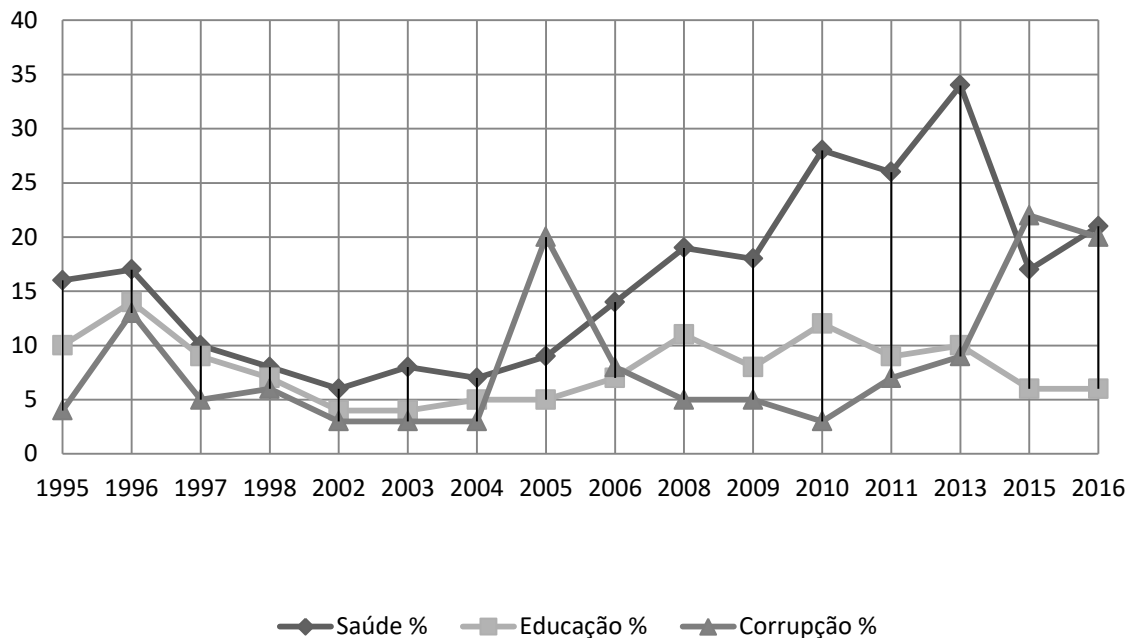
Apesar da grande redução de popularidade da presidente Dilma Rousseff após o período das manifestações de 2013, ela saiu vencedora do processo eleitoral no ano seguinte, para a surpresa dos movimentos de oposição, que davam a sua derrota como certa, visto que a) a intensa cobertura pela mídia das investigações da Polícia Federal intituladas “Operação Lava-Jato”, que fizeram cumprir mais de 1 mil mandados de busca e apreensão e acusaram criminalmente mais de 300 pessoas³⁹, contribuiu para que o tema da corrupção estivesse na agenda do debate público e b) que o escândalo do “petrolão” estampou as capas das principais revistas e jornais de grande circulação do país pouco antes e durante o período da campanha eleitoral.

Não por acaso a corrupção passou a ser percebida pela opinião pública, em 2015, como o principal problema do país, quando, comparativamente, no ano anterior, até antes do processo eleitoral, outras questões preocupantes ocupavam lugar de maior destaque no hall de

³⁹ Fonte: <http://www.mpf.mp.br/para-o-cidadao/caso-lava-jato/atuacao-na-1a-instancia/parana/resultado>

preocupações como, por exemplo, temas econômicos e questões sociais como saúde e segurança pública (TELLES, 2016).

Gráfico 1 - Evolução da preocupação, na opinião pública acerca dos temas saúde, educação e corrupção, ao longo dos anos



Fonte: Produzido pelo Grupo Opinião Pública a partir dos dados do LatinoBarômetro

Um fator de relevância, para fins deste trabalho, a ser levado em consideração na análise dessa crise política, é que a substituição da *política* pela *questão da corrupção* é vista não como um problema institucional, mas como um problema moral (TELLES, 2016).

A moralização do discurso tem raízes em matrizes conservadoras que oferecem lentes duais para lermos o mundo. No momento em que, culturalmente, se constrói uma sociedade dividida de maneira simplista simbolicamente entre *bons* e *maus*, em que nós, os bons, o povo, somos anticorrupção e eles, o establishment, são maus e corruptos, o discurso contra a corrupção é possível de ser transformado em um eixo organizativo suficientemente forte para promover a mobilização às ruas de milhares (e, por várias vezes, literalmente milhões) de pessoas.

Há uma tendência a olharmos para as manifestações contra a corrupção como vazias de pautas “políticas”, entendendo, a partir de uma compreensão liberal de sociedade, que o

questionamento moral é apolítico. Contudo, sob as lentes da matriz conservadora, em que o núcleo e os valores familiares devem estar no centro da política, *caráter* e *moral* são eixos basilares para pensarmos as relações sociais e, conseqüentemente, políticas. Para um conservador, a ponderação de que reivindicações da ordem da moral são esvaziadas de política talvez não façam sentido algum.

A crise política que culmina, então, no segundo impeachment da Nova República e no fortalecimento dos movimentos de nova direita foi iniciada em 2014, tão logo o resultado eleitoral foi divulgado, a partir de um movimento de contestação do resultado das urnas por políticos da oposição⁴⁰ que levantava hipóteses de ilegalidades na campanha e fraudulência de urnas⁴¹, e acentuada ao longo de 2015. Atores que já estavam articulados para fazer oposição ao governo perceberam nesse movimento uma oportunidade de organizar a militância.

Já no início de 2015, com o desdobramento das operações Lava-Jato e a grande insatisfação popular relacionada à crise econômica, MBL, Vem Pra Rua e ROL, juntos, convocaram um grande protesto para 15 de março que foi um sucesso no sentido de aglutinar milhares de pessoas mobilizadas pela revolta contra a corrupção e movidas pelo antipetismo (TELLES, 2016).

Todo o cenário ficou mais grave a partir do momento em que o Tribunal de Contas da União rejeitou, em outubro de 2015, por unanimidade, as contas do ano anterior do governo Dilma⁴². Esse parecer mostra-se como um elemento forte o suficiente para justificar um pedido de impeachment e as “Manifestações pelo Impeachment”, que já aconteciam desde março desse mesmo ano, ganharam energia e volume renovados, atuando como um forte fator de pressão política em meio à conjuntura de crise. A impopularidade da presidente tornou-se inegável a partir de então.

A crise que culmina no impeachment já foi endereçada na literatura da ciência política através de diversos ângulos. As abordagens mais institucionalistas argumentam que o processo de

⁴⁰ Áudios vazados revelam que o ex-candidato à presidência nas eleições de 2014, Aécio Neves (PSDB), responsável pela ação que pedia a cassação da chapa vencedora, entrou com o pedido “só pra gente encher o saco” (sic). Referência da matéria. <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/05/audios-mostram-versao-de-aecio-para-pedido-contra-chapa-dilma-temer.html>

⁴¹ A coluna na Revista Veja de Felipe Moura Brasil (jornalista influenciador da nova direita e admirador de Olavo de Carvalho) exemplifica esse tipo de narrativa especulativa sobre a possibilidade de fraude eleitoral na época <https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/petistas-sabiam-resultado-final-antes-de-dilma-passar-aecio-e-querem-que-eleitor-nao-desconfie-do-tse-de-dias-toffoli/>

⁴² Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/10/tcu-rejeita-por-unanimidade-contas-de-dilma-rousseff-de-2014.html>

crise é um produto, sobretudo, de um movimento de atores internos em tentativa de impedir o avanço da Operação Lava-Jato que ameaçava o sistema político uma vez que atacava virtualmente todos os partidos (LIMONGI, 2017). Outras abordagens compreendem o processo como decorrência de movimentos organizados por grupos políticos em resposta aos ciclos desenvolvimentistas dos anos Lula e Dilma, que promoveram mudanças sociais e novos rearranjos de classe (SINGER, 2018).

Em comum, nas mais diversas interpretações sobre o assunto, há o entendimento de que foi um processo relacionado à *criação* de um ambiente social favorável ao impedimento, construído intencionalmente (PIAIA, 2018).

É inegável, portanto, que foi uma combinação de muitos fatores.

“a crise política foi produto da combinação de alguns fatores institucionais e políticos: o esgotamento do modelo do Presidencialismo de Coalizão, a gestão insulada e burocratizada do Executivo, a redução da base governista e o crescimento da oposição no Congresso Nacional, os escândalos políticos midiáticos de corrupção e uma elite política que demonstrou baixa adesão aos procedimentos democráticos, optando por descontinuar o mandato da Presidente eleita com argumentos jurídicos frágeis. Os resultados dela do ponto de vista político foi o aprofundamento da crise de representação, o fenômeno do antipetismo, apartidarismo e antipartidarismo.” (TELLES, 2016)

Um aspecto pouco frequentemente levado em consideração nas análises sobre esse período, e que é percebido por Telles, 2016, é a ausência de uma reação eficiente na comunicação institucional por parte do governo, em meio ao período mais turbulento da crise, quando uma nova direita articulada com os protestos antigoverno passou a agendar a opinião pública. Isso é relevante de ser mencionado porque, no entendimento deste trabalho, um aspecto importante relacionado ao sucesso eleitoral das novas direitas em 2018, é a demonstração de grande capacidade para se comunicar com a massa da população, através das redes de internet, conseguindo pautar a agenda de problemas e fornecer narrativas solucionadoras desses problemas. Em alguma medida, quando estava sob ataque, o governo subutilizou a máquina de comunicação que tinha a sua disposição, possivelmente por subestimar o impacto que a exposição de narrativas alternativas via governo teria na opinião pública.

A bandeira do *antipetismo* é visibilizada com vigor nesse momento de crise, o que é crucial para retirar o foco e a importância dos outros partidos envolvidos nas acusações. Como

verificamos, a partir de pesquisas realizadas pelo Grupo Opinião Pública, o antipetismo foi um forte fator de aglutinação dos manifestantes que foram às ruas protestar contra o governo em 2015 e 2016⁴³.

A produção de notícias falsas também precisa ser levada em consideração na dinâmica desse processo, já que foi de significativa influência na comoção da opinião pública e insuflou manifestantes que se organizavam em apoio ao Impeachment (PIAIA, 2018). Muitas *fake news* ajudaram na construção de narrativas que serviam para reivindicar o impeachment da Dilma a partir da construção de uma imagem extremamente negativa da presidente. Várias pesquisas já se debruçaram sobre essa questão e mostram, por exemplo, que o uso de robôs em redes sociais como o Twitter ajudou a distorcer o debate público sobre o Impeachment (ARNAUDO, 2017; RUEDIGER et al., 2017) e que a produção de *fake news* faz parte de uma estratégia de comunicação para o crescimento nas redes de grupos de nova direita como o MBL, o Revoltados Online e o Vem pra Rua (ARAÚJO, PENTEADO e SANTOS, 2016).

A pauta pró-impeachment começa a organizar de maneira substantiva a nova direita no Brasil (TELLES, 2016) e, após o afastamento da presidente Dilma, saindo vitoriosos dessa luta, há um fortalecimento das lideranças que encamparam a bandeira do Impeachment que se aglutinaram na formação de três novos grupos político-partidários: a tendência LIVRES, o Partido NOVO e os militantes que se aglutinaram em torno de políticos da família Bolsonaro (ROCHA, 2019).

A visibilização, através das manifestações e das redes sociais, de jovens lideranças militantes até então desconhecidos, amplificou a audiência desses grupos e eles começaram a lançar candidatos para cargos legislativos a partir das eleições de 2016 (Idem, 2019) que, desde então, estão fortemente presentes na arena pública *mainstream* marcando a agenda de debates com pautas ultraliberais e conservadoras e formaram uma sólida base para os atores que chegaram ao poder com votações expressivas em 2018.

O prosseguimento das investigações da Lava-Jato que contaminou com denúncias e condenações relacionadas à corrupção e lavagem de dinheiro virtualmente todos os partidos do *establishment*, abriu uma raia solitária para a corrida de outsiders, nas últimas eleições. A prisão do ex-presidente Lula, que despontava como favorito nas pesquisas eleitorais até o mês de

⁴³ Pesquisa pode ser acessada em: <<http://opiniaopublica.ufmg.br/site/pesquisas/concluidas>>

agosto⁴⁴, e a aniquilação da imagem pública de Aécio Neves⁴⁵, segundo candidato mais votado nas eleições de 2014, retirou da competição os dois principais candidatos dos dois partidos (PT e PSDB) que organizaram, nas últimas 6 eleições anteriores, o eixo da disputa eleitoral do país. Facilitando, dessa maneira, o caminho da vitória para uma candidatura de terceira via.

Quadro 3 - Resultado eleitoral de 2018 de candidatos representantes da nova direita brasileira

Candidato	Cargo	Partido	Número de Votos
Eduardo Bolsonaro	Deputado Federal (SP)	PSL	1.843.735
Janaína Paschoal	Deputada Estadual (SP)	PSL	2.060.786
Flávio Bolsonaro	Senador (RJ)	PSL	4.378.886
Joyce Hasselmann	Deputada Federal (SP)	PSL	1.078.666
Kim Kataguirí (MBL)	Deputado Federal (SP)	DEM	465.310
Fábio Ostermann (ex-MBL)	Deputado Estadual (RS)	NOVO	48.897
Marcel Van Hattem (MBL)	Deputado Federal (RS)	NOVO	349.855

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do TSE

No quadro acima, estão alguns exemplos de candidaturas que foram marcadas por um forte apoio da militância de direita na internet, que se utilizaram, em suas páginas, de conteúdos e discursos semelhantes aos de Jair Bolsonaro, que analisaremos no capítulo subsequente, e que receberam expressivas votações, com destaque para Eduardo Bolsonaro (um dos filhos de Jair Bolsonaro) que alcançou, com o seu número de votos, o posto de deputado federal mais votado da história do Brasil e para Janaína Paschoal (durante o ano de 2018, cotada para ser candidata a vice-presidente na chapa de Jair Bolsonaro) também recordista, como a deputada estadual mais votada da história.

A militância que sustentou a base dessas campanhas vitoriosas, apesar de ter sido gestada nas interações da internet, atuou também fora delas e vem animando arenas de debates com discursos, símbolos e interpretações de mundo de matrizes liberal/liberária e conservadora, e conquistando, ao que parece, cada vez mais apoiadores.

⁴⁴ Fonte: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/08/27/pesquisas-ibope-lula-atinge-pelo-menos-50-em-todos-os-estados-do-nordeste-e-bolsonaro-e-mais-forte-em-rr-ac-e-df.ghtml>

⁴⁵ Fonte: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2018/04/17/reu-por-corrupcao-aecio-e-alvo-de-outras-8-investigacoes-no-stf.htm>

3.3 A nova direita brasileira: a produção cultural que alimenta a militância

A presença cada vez mais forte da direita na cena política brasileira tem se realizado em paralelo a uma maior difusão, no plano cultural, das ideias conservadoras, mobilizadas e difundidas por diferentes intelectuais e personalidades (CHALOUB, LIMA PERLATTO, 2018).

Concretamente, o campo das novas direitas, hoje, no país, abriga uma série de pautas distintas, como defesa de valores cristãos, da família tradicional, da redução da maioria penal e de oposição à agenda de lutas por direitos LGBT e à legalização da maconha e do aborto (ROCHA, 2018). Defende uma menor atuação do Estado na economia em favor do livre mercado; a garantia do direito à propriedade; o direito ao porte de arma de fogo pelos cidadãos comuns e buscam o enfrentamento com a esquerda não apenas no campo político, mas também no campo cultural (Idem, 2018).

Essa nova direita é radical, militante e orgulhosa de sua localização espacial no espectro político-ideológico. Ela forma um conjunto heterogêneo de origens e identidades distintas, sem vínculo aparente para um olhar mais apressado, exceto o claro discurso *antiesquerdista* e mais enfaticamente *antipetista*. Direcionando um olhar mais cauteloso para o fenômeno, percebemos que há outros elementos que unem esses grupos, não apenas entre si, mas também a movimentos estrangeiros como, por exemplo, o *TeaParty*⁴⁶ americano, compartilhando uma identidade libertária, securitária e antissolidária (DELCOURT, 2016). A emergência de uma nova direita no país que se assemelha ao movimento do TeaParty foi reivindicada explicitamente pelo diretor do Instituto Liberal, um dos principais *think tanks* difusores de ideologias de direita no Brasil, em um artigo intitulado “Que venha o *TeaParty* brasileiro”⁴⁷.

Algumas características que se ressaltam nas direitas emergentes brasileiras encontram paralelo no movimento da *Alternative Right*, quais sejam, os discursos de (1) valorização de tradições fundadoras da nação face à perda de valores da sociedade; (2) defesa da classe média frente à coerção dos impostos, através do discurso que relaciona maior liberdade econômica a menor intervenção estatal; (3) oposição à programas governamentais redistributivos de renda (Idem, 2016).

⁴⁶O TeaParty é um movimento social e político dos Estados Unidos, que envolve membros de uma ala radicalizada do Partido Republicano, que é compreendido como um grupo relativamente diverso que se alinha na defesa do libertarianismo conservador com táticas populistas e se identificam como ultradireitistas.

⁴⁷ Fonte: <http://reaconaria.org/colunas/alexandreborges/que-venha-o-tea-party-brasileiro/>

Como foi argumentado na seção II, o processo que explica a emergência eleitoral dessa nova direita é uma mistura de fatores que se retroalimentam, notadamente os de desestabilização internos, apresentados acima, junto a um processo de construção ideológica e cultural que se liga a movimentos internacionais (movidos, não apenas por interesses organizados de cima para baixo, mas em um processo complexo que se relaciona com voluntarismo individual dos cidadãos).

Uma construção em marcha de um conjunto de novos conceitos, símbolos e visões de mundo que visam a fornecer explicações e resoluções para os problemas que enfrentamos enquanto sociedade, antecede em muito as campanhas eleitorais de 2018 ou mesmo as de 2016. Ela pode ser percebida quando dedicamos um olhar mais atento ao conjunto de ideias que vêm circulando com cada vez mais força nos debates das arenas públicas – principalmente os das arenas digitais – que propõe, em última instância, a) uma nova maneira de compreendermos o papel do Estado, defendendo que ele tenha funções ainda mais reduzidas (o que estamos chamando neste trabalho de *ultraliberalismo*), misturado a b) uma defesa da recuperação de valores morais do passado (conservadorismo).

Esse conjunto de ideias vem ganhando grande circulação através de intelectuais, *youtubers*, jornalistas, blogueiros, militantes digitais e lideranças nas ruas que se lançaram em uma hercúlea tarefa de promover transformações culturais na sociedade e “subverter o sistema”.

Essas ideias, como será possível observar nas partes que se seguem deste trabalho, são fortemente influenciadas por símbolos partilhados pelas direitas radicais de outros países e caracterizam a nova direita brasileira.

Alguns pesquisadores já estão trabalhando para fazer o mapeamento da gênese dessa nova direita. Um recente trabalho que se destaca é a tese de doutorado de Camila Rocha⁴⁸ (2019) que se propõe a levantar os motivos pelos quais podemos entender que esse grupo corresponde a um amálgama ideológico ultraliberal-conservador (premissa de que se vale esta dissertação) que foi fortalecido no debate público digital (notadamente nas redes sociais, em grupos do Facebook) entre os anos de 2006 e 2010.

A novidade dessa direita encontra questionamentos na literatura. Alguns pesquisadores defendem que a nova direita nacional não seria mais do que uma antiga direita elitista,

⁴⁸ ROCHA, 2019. “Menos marx, mais mises”: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018).

anticomunista e antissocial com uma roupagem contemporânea (SECCO, 2014), e que a sua originalidade se resumiria a utilização de repertórios de ação associados à esquerda (SOLNICK, 2012).

Contudo, entendemos nessa dissertação que há, nesses grupos de direita, um novo repertório discursivo aliado a novas táticas de atuação que justificam compreendê-los como uma *nova* direita, ainda que seja possível identificar diversas continuidades com as linhas gerais de defesa ideológica das direitas que estiveram presentes no cenário político brasileiro anteriormente.

A defesa despudorada do *ultraliberalismo* e o “pôr em evidência” discursivamente os posicionamentos relacionados às questões econômicas é uma primeira grande diferença em relação aos grupos conservadores de direita que lograram êxito eleitoral anteriormente no país.

Em um trabalho seminal sobre conservadorismo no Brasil, Pierucci (1987), mapeando os apoiadores das direitas radicais urbanas no município de São Paulo, concluiu que a ideia de “liberalismo econômico” não tinha grande audiência entre a massa da população eleitora dos políticos de direita e, por isso, os representantes dessa linhagem levantavam as bandeiras de pautas moralistas a fim de ampliar a sua audiência e apoio na massa da sociedade.

Além disso, ele também concluiu, nesse mesmo trabalho, que a) as bases populares da direita radical se organizavam em torno da defesa de um maior intervencionismo do Estado na economia, b) não eram mobilizados por símbolos liberais *anti-welfare* e c) aprovavam gastos com serviços públicos.

A compreensão de que a defesa de pautas morais funcionava, em larga medida, como uma estratégia eleitoral eficiente para fazer sombra às pautas de ordem econômica que não tinham tanto apoio no seio da sociedade foi enraizada na literatura acadêmica desde então e, por isso, ao observar que o discurso pró-mercado e em defesa explícita da redução do Estado foi utilizado com sucesso pela nova direita nas eleições de 2018, este trabalho argumenta que uma das novidades em relação a esse novo grupo heterogêneo de direita é a proposição de um novo entendimento sobre o papel do Estado.

Resta ainda inconclusivo se a defesa do Estado mais enxuto foi um dos principais fatores motivadores de voto na nova direita para uma grande parcela de eleitores de 2018 ou se apenas para uma parcela minoritária.

Solano, 2018, em sua pesquisa com simpatizantes de Jair Bolsonaro, por meio de entrevistas em profundidade, não identificou, entre os principais argumentos levantados para se identificar com o então candidato à presidência, o discurso pró-mercado e de redução do Estado.

Contudo, é certo que essa pauta foi amplamente visibilizada nas páginas de internet dos candidatos dos partidos que formam, hoje, o núcleo duro representante da nova direita brasileira, quais sejam, “o NOVO, o PSL e o PSC” (ROCHA, 2019), incluindo a do atual presidente Jair Bolsonaro, como veremos no Capítulo IV.

1. Produção de Ideias

Para compreendermos o que impulsiona essa produção de ideias, é importante termos em vista o processo de crescimento do número de *think tanks* de viés liberal e libertário no Brasil a partir dos anos 80, o trabalho de produção intelectual de alguns autores e a disseminação dessas novas ideias seja pela via tradicional do estímulo a edição de mais livros sobre essa temática, seja pela via mais nova do contágio pela comunicação das redes que, sensibilizando indivíduos, os impulsionou à atuação política militante.

Como uma pequena ressalva, antes de prosseguirmos, destaco que não é um intuito deste trabalho observar essas movimentações sob a ótica de que foram processos pensados por grupos que inicialmente tinham um plano de fazer crescer no país um movimento novo de direita ou, menos ainda, que esses movimentos foram pensados estrategicamente há anos com a finalidade clara de criar um contexto que favorecesse vitórias eleitorais da direita. Os processos sociais são mais complexos do que isso. A produção de ideias também. Diferentes elementos de um mesmo contexto se influenciam mutuamente e qualquer grande transformação social é provocada por múltiplos fatores, nunca determinada unicamente por um planejamento bem acabado de um grupo de influencia qualquer, mesmo que ele possua grande capital econômico ou político.

Nos últimos anos, tornou-se mais visível na arena pública *mainstream* a presença de atores que se reivindicam orgulhosamente de direita e, com uma retórica virulenta, se contrapõem a concepções sociais e históricas do país, propondo uma nova narrativa sobre a verdade de fatos variados.

Em comum entre eles, há um entendimento de que a grande mídia mente, de que a “verdadeira” história sobre eventos nacionais e mundiais traumáticos não foi contada para o

grande público como, por exemplo, o momento do golpe militar de 1964 aqui no Brasil, ou o fenômeno do nazismo na Alemanha, para usar dois exemplos que já se tornaram gastos, de tanto usados nos debates promovidos por esses atores, e de que há uma “hegemonia” do pensamento progressista de esquerda nas principais arenas de debate e produção de conhecimento no país.

Muitos desses atores também se reivindicam conservadores e parecem determinados a trabalhar para aumentar as fileiras do conservadorismo no Brasil. Não é necessário ser um observador da realidade meticuloso para dar-se conta do aumento do volume de publicações dos autores desse campo nos últimos anos. Diversos livros que têm como mote valorizar a Operação Lava Jato, criticar a corrupção no país, criticar os governos Lula e Dilma e argumentar que “você foi enganado”⁴⁹ pela história que os professores ensinaram na escola ou pelo que a mídia disse, avolumam-se nas vitrines das livrarias e frequentemente aparecem cotados em listas de livros mais vendidos.

“a presença desses intelectuais é particularmente perceptível na expansão e na consolidação de um nicho específico do mercado editorial, voltado para a difusão de ideias de direita. É praticamente impossível entrar hoje em uma livraria no Brasil e não encontrar exposta nas prateleiras um tipo de literatura abertamente de direita, com livros como *O Mínimo que você Precisa para não ser um Idiota* (Olavo de Carvalho), *O País dos Petralhas e Objeções de um Rottweiller Amoroso* (Reinaldo Azevedo), *Esquerda Caviar, Privatize Já!* e *Contra a Maré Vermelha* (Rodrigo Constantino), *Lula é Minha Anta* (Diogo Mainardi), *O Brasil tem cura* (Rachel Sheherazade), *Não é a Mamãe e Que horas ela vai?* (Guilherme Fiuza), *Guia do Politicamente Incorreto da História do Brasil* (Leandro Narloch), *Pare de Acreditar no Governo* (Bruno Garschagen), *O Mito do Governo Grátis* (Paulo Rabello de Castro) e *A corrupção da inteligência: intelectuais e poder no Brasil* (Flávio Gordon). Alguns desses livros – com destaque especial para a obra de Olavo de Carvalho, *O Mínimo que você precisa para não ser um Idiota* – atingiram índices altos de vendagem, evidenciando a capilaridade dessas ideias entre diferentes segmentos da sociedade brasileira.” (CHALOUB, LIMA, PERLATTO, 2018).

Uma defesa articulada entre (1) uma agenda econômica liberal e (2) a sustentação de um conservadorismo moral, em diferentes tons de cinza, aparece na produção desses intelectuais da nova direita (CHALOUB, LIMA PERLATTO, 2018).

⁴⁹ Tardáguila, Cristina; Otavio, Chico. *Você Foi Enganado - Mentiras, Exageros e Contradições Dos Últimos Presidentes do Brasil*. Editora Intrínseca. 1ª Ed., 2018.

Parte da defesa que fazem em seus livros diz respeito também a agenda do “politicamente incorreto”. Em 2009, a publicação bem sucedida do “Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil” marca um movimento importante do mercado editorial em direção a autores desse campo e, a partir de 2015, período auge das manifestações pró-impeachment, o P.I. transforma-se em um fenômeno editorial (DI CARLO, KAMRADT, 2018).

Esse fenômeno do crescimento da reivindicação do uso de um discurso politicamente incorreto também é visto nos Estados Unidos. Essa reivindicação é frequentemente usada por grupos que se amparam na primeira emenda da constituição estadunidense (que defende a liberdade de expressão) para argumentar em defesa de discursos de cunho misógino, machista, violentos, racistas (Idem, 2018).

Um desses intelectuais, por conta da relevância que possui na construção de pressupostos que Jair Bolsonaro utiliza, atualmente, em seus discursos, merece ser visto em destaque.

2. Olavo de Carvalho

“E eu sou o Guru dessa porcaria? Não sou Guru de merda nenhuma”. (CARVALHO, O, 2019)⁵⁰

“Deus uniu ideias de Olavo de Carvalho ao patriotismo do presidente”⁵¹. Mesmo que nenhum outro fato, na pesquisa deste trabalho, indicasse a importância de compreendermos quem é Olavo de Carvalho para a nova direita brasileira, bastaria essa frase, proferida pelo atual chanceler de governo, Ernesto Araújo, para fazer necessário nos debruçarmos brevemente sobre esse escritor que vem sendo apontado por diversos ministros e pessoas próximas a Jair Bolsonaro como o “guru intelectual”⁵² desse movimento emergente que reúne características ultraliberais no plano econômico e conservadoras no plano moral.

Olavo de Carvalho tornou-se mais conhecido entre os leitores brasileiros, a partir da criação do site chamado “Mídia Sem Máscara”, em 2002, no qual ele veiculava textos de diversos autores sobre política, economia e filosofia críticos ao pensamento marxista.

⁵⁰ Fonte: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/01/17/interna_politica,1022171/olavo-de-carvalho-chama-parlamentares-do-psl-de-semianalfabetos.shtml

⁵¹ Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/27/politica/1545925083_475905.html

⁵² Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/27/politica/1543319632_709659.html

Ele influenciou diversas personalidades e influenciadores que têm destaque na arena pública de debate como, por exemplo, Felipe Moura Brasil (jornalista ex-colunista da Veja e comentarista da Jovem Pan), Bruno Garschagen (autor do best-seller “Pare de Acreditar no Governo” e colunista da Gazeta do Povo), Danilo Gentili (comediante e apresentador de talk show no SBT), Flávio Gordon (escritor do livro “A Corrupção da Inteligência – Intelectuais e Poder no Brasil” e colunista da Gazeta do Povo), Nando Moura (Youtuber com mais de 3 milhões de seguidores), Lobão (músico), Alexandre Frota (deputado federal) e Joyce Halssemann (deputada federal), segundo declarações públicas individuais dos próprios.

Seu livro mais conhecido, “O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota” é um fenômeno de vendas. Segundo Carlos Andreazza, editor da Record, já em 2016, após o período auge das manifestações pró-impeachment, tinham sido vendidos quase 320 mil cópias⁵³, o que é um enorme feito, se pensarmos que as tiragens médias no Brasil não passam de 5 ou 10 mil exemplares (SILVA, L. N. DA, 2018)

A premissa fundante do conjunto de ideias propostas por Olavo de Carvalho, presente, pela primeira vez, de maneira detalhada, em seu livro “A nova era e a revolução cultural: Frijtof Capra e Antonio Gramsci” publicado em 1994 e depois reintroduzida de diferentes formas em todas as suas obras subsequentes, consiste na ideia de que há uma “*revolução gramsciana*” em curso no Brasil desde o início da década de 1990, o que foi popularizado, no entendimento mais corriqueiro dos debates de direita, como “marxismo cultural”.

Há, no entendimento de Olavo de Carvalho e no de diversos outros atores expoentes desse campo, uma interpretação comum da história recente do Brasil que vê em uma pretensa influência hegemônica do pensador comunista Antonio Gramsci a variável explicativa central para grande parte dos problemas do país (PUGLIA, 2018).

O argumento simplificado consiste na ideia de que a esquerda, compreendendo que a implantação do comunismo pela via de uma revolução armada não seria possível (ou seria ineficiente), e aprendendo, ao se debruçar sobre a produção de Gramsci, que a cultura, os valores e a moral são a base que sustenta os sistemas de relação social e o sistema econômico em uma sociedade, coloca em marcha um planejamento para promover transformações no tocante a esses aspectos (cultura, valores, moral) para conseguir atingir o seu fim último: a destruição do capitalismo.

⁵³ Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897>

“A geração que, derrotada pela ditadura militar, abandonou os sonhos de chegar ao poder pela luta armada e se dedicou, em silêncio, a uma revisão de sua estratégia, à luz dos ensinamentos de Antonio Gramsci. (...) A conversão formal ou informal, consciente ou inconsciente da intelectualidade de esquerda à estratégia de Antonio Gramsci é o fato mais relevante da História nacional dos últimos trinta anos⁵⁴. É nela, bem como em outros fatores concordantes e convergentes, que se deve buscar a origem das mutações psicológicas de alcance incalculável que lançam o Brasil numa situação claramente pré-revolucionária”. (CARVALHO, O. 1994)

Está no cerne desse pensamento a ideia de que existe um corrompimento moral da sociedade, a partir do momento que a esquerda volta-se para o plano de promover uma revolução gramsciana. Nesse sentido, esforços teriam sido feitos para alocar dentro da burocracia do Estado e nas instituições produtoras de conhecimento (como as universidades), assim como nas grandes empresas de comunicação, indivíduos que compactuavam desses supostos valores corrompidos que colocam em risco diversas instituições fundamentais para a sustentação de uma sociedade saudável como a instituição da família. Se, na compreensão conservadora, a família é a célula nuclear para a sustentação da estrutura da comunidade, se há um enfraquecimento na ideia de família, há, por derivação, um enfraquecimento de toda a estrutura que sustenta, também, as relações econômicas daquela sociedade.

A ideia de “aparelhamento do Estado”, crítica comumente direcionada ao Partido dos Trabalhadores por opositores de direita, na retórica desse campo da nova direita, ganha uma dimensão extra. Para eles, tal suposto “aparelhamento” teria como objetivo não somente tentar manter-se no poder por mais tempo como seria uma evidência de tática para promover a revolução gramsciana.

Ao articular os acontecimentos da história recente sob as lentes narrativas da teoria gramsciana, constrói-se uma construção de realidade em que, uma vez que os inimigos da esquerda lograram, nas últimas décadas, conquistar a hegemonia no plano político e cultural nacional, os intelectuais de direita passam a se ver como vítimas marginalizadas pelo establishment intelectual (PUGLIA, 2018).

As ideias de Olavo de Carvalho animaram fóruns e comunidades de internet no Brasil antes mesmo do Facebook se tornar uma rede social popular no país. O que reunia, num

⁵⁴ A título de curiosidade, está posto explicitamente no programa de governo do Bolsonaro apresentado ao TSE que os últimos 30 anos de governo no Brasil foram guiados pela esquerda.

momento inicial, pessoas de diferentes backgrounds nas comunidades de redes sociais de internet do Olavo de Carvalho era, sobretudo, segundo entrevistas feitas com participantes desses grupos por Camila Rocha (2019), o sentimento de não sentir-se representado em meio a públicos dominantes que eram percebidos como sendo homogeneizados pela esquerda (ROCHA, 2019) por conta da suposta estratégia gramsciana adotada nos últimos anos.

Para Wilson Gomes, 2019⁵⁵, a produção de Olavo de Carvalho seria uma compilação do discurso da direita americana, que é antiestatista radical, defende intransigentemente o porte de armas, critica o “politicamente correto”, é antiglobalista, odeia a mídia liberal e se vê atacado por ela junto a “doses de antipetismo e *antimarxismo*”.

Quadro 4 – Linha do tempo ⁵⁶

Ano	Acontecimento
1983	Fundação do Instituto Liberal do Rio de Janeiro (IL-RJ)
1984	Fundação do Instituto de Estudos Empresariais
1986	Fundação do Instituto Liberal do Rio Grande do Sul (IL-RS)
1987	Fundação do Instituto Liberal de São Paulo (IL-SP)
1988	Primeira edição do Fórum da Liberdade
1993	Realização da reunião anual da Sociedade de Mont Pèlerin no Rio de Janeiro
1994	Publicação do livro “A Nova Era e a Rev. Cultural” de Olavo de Carvalho
1996	Publicação do livro “O Imbecil Coletivo” de Olavo de Carvalho
1998	Publicação do livro “O Imbecil Coletivo” de Olavo de Carvalho
2002	Criação do site “Mídia Sem Máscara” pelo Olavo de Carvalho
2004	Criação da comunidade do Orkut “Olavo de Carvalho”
2006	Criação da comunidade do Orkut “Liberalismo Verdadeiro”
2006	Criação do Movimento Endireita Brasil (MEB)
2007	Criação do Movimento Cansei
2006	Fundação do Instituto Millenium (IMIL)
2007	Fundação do Instituto Mises Brasil (IMB)
2007	Criação do Partido Libertário (Líber)
2009	Fundação do Instituto Ordem Livre
2009	Fundação do Estudantes Pela Liberdade (EPL)
2010	Rodrigo Constantino começa a escrever coluna no jornal “O Globo”
2013	Criação do Movimento Brasil Livre (MBL)
2013	Publicação do livro “O mínimo que você precisa...” de Olavo de Carvalho

⁵⁵ Fonte: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-bolsonarismo-borbulhante/>

⁵⁶ Linha do tempo adaptada de diversas fontes com maior influência do trabalho de ROCHA (2019).

2013	Publicação do livro “Esquerda Caviar” de Rodrigo Constantino
2014	Campanha do Raio Privatizador em São Paulo
2014	Reestruturação do Movimento Brasil Livre (MBL)
2014	Bernardo Santoro ingressa no Partido Social Cristão
2015	Fundação do Partido Novo
2015	Criação da tendência LIVRES no Partido Social Liberal (PSL)
2015	Kim Kataguiri é considerado pela Revista Time um dos 30 jovens mais influentes do mundo
2016	Kim Kataguiri começa a escrever uma coluna no jornal online da “Folha de S.P.”
2016	Lançamento de candidaturas partidárias da nova direita
2017	Criação do Partido Patriota
2017	Publicação do livro “Quem é esse moleque para estar na folha?” do Kim Kataguiri
2018	Ingresso de Jair Bolsonaro no Partido Social Liberal (PSL)
2018	Eleição de Jair Bolsonaro

Fonte: Elaboração própria

Tendo observado, mesmo que de maneira superficial, a produção de ideias mobilizadas pelo campo das novas direitas, ressaltamos que o envolvimento voluntário de cidadãos foi relevante para fazer crescer esse movimento no Brasil que culminou com a eleição de Jair Bolsonaro à presidência.

Muitos cidadãos decidiram envolverem-se politicamente não porque foram remunerados financeiramente ou porque objetivavam algum tipo de retorno fora da política. A importância de tal observação se dá para que evitemos interpretar de maneira simplória o envolvimento de atores, reduzindo as suas motivações a recompensas pessoais de outra natureza que não política. Fazer isso seria reduzir a crença no potencial dessas ideias em tocar genuinamente os cidadãos e motivá-los à luta política.

CAPÍTULO 4

“BRASIL ACIMA DE TUDO, DEUS ACIMA DE TODOS”: O DISCURSO DE BOLSONARO NAS REDES

“Impossível mudarmos o Brasil sem quebrarmos as suas engrenagens”
(Bolsonaro, 2018)

Jair Bolsonaro mostrou-se, no cenário da campanha eleitoral de 2018, um polo capaz de sensibilizar forças e movimentos da nova direita brasileira, que se aglutinaram em torno de sua candidatura à presidência da república. A capacidade que sua campanha teve para mobilizar cidadãos nas ruas e pautar a agenda de debates, durante o período que precedeu a eleição, foi impressionante se pensarmos que, diferentemente de Donald Trump, nos Estados Unidos, Bolsonaro não contou com o apoio de um grande partido.

O *bolsonarismo* é maior do que o próprio Jair Bolsonaro. As ideias, valores e conceitos que ele articula em sua retórica, e que se mostram capazes de sensibilizar milhões de cidadãos, têm uma relevância ainda maior do que o seu próprio personagem, para a compreensão do atual estado da arte da política no Brasil.

Dessa forma, buscamos categorizar e analisar os principais eixos sobre os quais a sua retórica se estrutura, a fim de avançarmos em direção a um entendimento mais refinado sobre as ideias que arregimentam corações e mentes localizados à direita do espectro político brasileiro, na nossa atual conjuntura.

Acreditamos que essa compreensão é parte importante do quebra-cabeça que os estudos acadêmicos da área de novas direitas têm tentado montar objetivando compreender os fatores explicativos da emergência de uma direita radical com expressividade eleitoral no nosso cenário nacional.

Na seção I deste capítulo, observaremos brevemente que a Internet e a comunicação nas redes sociais não são mero detalhe quando pensamos na difusão de informação na nossa sociedade brasileira contemporânea; na seção II, esclareceremos os procedimentos desta pesquisa, expondo as suas etapas e métodos; na seção III, há uma apresentação panorâmica da

biografia política do atual presidente e, por fim, na seção IV, há o detalhamento dos achados da pesquisa.

4.1 As Redes Sociais: Plataforma de Análise

O mundo tal como ele é experienciado é um mundo que nos chega através de representações, e não o mundo em si mesmo. Essas representações são construídas através de processos comunicativos (BERGER, LUCKMANN, 1979). A pesquisa social se apoia em dados sobre o mundo que são construídos socialmente e, portanto, em dados que são construídos nos processos de comunicação (BAUER; GASKELL, ALLUM, 2002).

Cada vez mais, as redes sociais se impõem como um canal extremamente relevante (se não o principal) de mediação nos processos de comunicação contemporâneos. É importante levarmos em conta que essas redes, neste trabalho, aparecem apenas como plataformas de análise e não como um objeto de interesse central. Contudo, por conta de seu caráter relativamente novo nas lógicas sociais, uma breve reflexão sobre as redes de internet podem agregar valor a alguns argumentos que este trabalho levanta. Por isso, iniciamos o capítulo final com um olhar atento a elas.

A grande influência que a internet exerce nas relações sociais e políticas já está bem consolidada na literatura, de modo que é dispensável nos atermos de maneira alongada nesse argumento. A campanha vencedora do ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, em 2008, por exemplo, no universo do marketing político, já se tornou um clássico. A primavera árabe, o *15M* espanhol e o *Occupy Wall Street* estão se tornando icônicos na literatura de movimentos sociais por terem conseguido promover grandes mobilizações através de redes de internet. As próprias manifestações de junho de 2013, aqui no Brasil, também são um exemplo indiscutível da influência e da potência mobilizadora das redes na intervenção política.

As tecnologias digitais vêm cada vez mais recebendo um papel destacado na geração de novas formas de sociabilidade, de criação de identidade e na moldagem do comportamento político e social (AMADEU, BRAGA, PENTEADO, 2011). E, como defende Silveira, S.A. 2011, notadamente a internet, entre essas tecnologias, se mostra como a maior expressão de um período histórico que incentiva diuturnamente a *ultraindividualização* e que oferece ao indivíduo

uma sensação de completa liberdade em seu uso e de possibilidades virtualmente infinitas na produção de discursos anônimos.

Aqui no Brasil, em especial, precisamos ressaltar algumas informações importantes sobre a relação da população com as redes sociais.

Pesquisas etnográficas recentes que explicam a relação de grupos sociais com novas tecnologias defendem que as mídias sociais frequentemente funcionam para reforçar formas de conservadorismo (COSTA, 2016; MILLER ET AL, 2016; SPYER, 2018). Chega-se a essa conclusão percebendo que, principalmente para as populações mais pobres que conquistaram a inclusão digital nos últimos anos (e que sofrem com a precarização do trabalho, o paulatino enfraquecimento dos vínculos de proteção social desse mundo laboral, e com as migrações regionais que modificaram a lógica e a segurança da vida em comunidade), a possibilidade de criar laços através das redes sociais é uma alternativa para que suas redes de apoio coletivas tradicionais continuem existindo (SPYER, 2018).

A análise que caminha no sentido de dizer que a internet globalizou ainda mais a informação e encurtou as distâncias entre as pessoas, transformando o mundo em uma “aldeia global” em que as pessoas conseguem facilmente se conectar com aqueles que pensam de maneira parecida, criando conexões com quem está fisicamente distante (RAINIE e WELLMAN, 2012), tornou-se corriqueira nas áreas das ciências sociais e da comunicação.

Esse ponto de vista, contudo, parece não dar conta de compreender a funcionalidade das redes de internet para as populações de mais baixa renda que utilizam essas redes de maneira diferenciada das populações mais escolarizadas que vivem nos grandes centros urbanos do mundo.

O estudo etnográfico de Spyer, 2018⁵⁷, que lança luz sobre a como se dá a relação da população de uma cidade de 15 mil habitantes no interior do estado da Bahia com as redes sociais traz *insights* interessantes de serem mencionados para fins de reflexão deste trabalho, uma vez que Bolsonaro atingiu, através de suas redes, não apenas os grandes centros urbanos, mas também uma parcela significativa do eleitorado pobre que vive em cidades de interior no Brasil.

Algumas observações desse estudo que merecem ser mencionadas são: 1) a elevação do poder de consumo nas classes mais baixas, que se dá paulatinamente a partir dos 10 últimos anos, permite que as famílias mais pobres consigam ter acesso a computadores e celulares através do

⁵⁷ Spyer, Juliano. *Mídias Sociais no Brasil Emergente*. UCL Press, 2018.

crédito; 2) ter um computador e um celular passa a ser um distintivo social, na medida em que denotam sucesso financeiro; 3) participar das redes sociais e, conseqüentemente, postar nas redes sociais com frequência passa, de maneira lógica, também a funcionar como um distintivo social na medida em que só quem pode fazer postagens frequentes é quem tem um computador ou um celular em casa à disposição; 4) encurtar distâncias através das redes não é um objetivo perseguido pelas pequenas cidades, antes o contrário – pessoas que moram em cidades pequenas e se sentem constantemente sob a vigilância de parentes e vizinhos buscam o *caráter anônimo* das redes e a atuação em *chats privados* como uma possibilidade de atuar mais livremente no mundo; 5) existe uma “febre” em relação ao uso das redes, pois a comunicação através da internet (e pacote de dados) é muito mais barata do que a comunicação através de ligações telefônicas convencionais; 6) debates sobre a coletividade e assuntos políticos em geral não são feitos na arena pública das postagens do Facebook (ou seja, na *timeline*), apenas nas conversas do *chat* do Facebook e nas mensagens de *Whatsapp*. Isso acontece por vários motivos, dentre eles porque, nas cidades pequenas e pobres, existe a forte possibilidade de retaliação política de um determinado grupo que domine a região. Dessa forma, as redes (ou pelo menos a parte pública das redes) funcionam para essas populações apenas como um meio de *reafirmção de valores* e demonstração de status.

Essas observações são importantes porque, apesar de não ser uma tarefa desta dissertação analisar o público-alvo e a audiência do conteúdo discursivo publicado nas redes sociais do Bolsonaro, todo discurso público – e, principalmente, de campanha eleitoral – pressupõe a existência de uma audiência. Sensibilizar-nos para o fato de que uma parcela importante das pessoas que foram atingidas pelos símbolos discursivos nas redes do Bolsonaro têm formas diferentes de lidar com essas plataformas pode ser positivo para gerar reflexões que estimulem outros trabalhos de pesquisa que sejam impactados por este.

Os brasileiros ocupam rankings altos no que diz respeito à quantidade de horas gastas online (HOLMES, 2013) e são a segunda população mais ativa em mídias sociais no mundo⁵⁸. A maneira como os diferentes indivíduos se relacionam com os conteúdos dessas redes importa para compreendermos mais a fundo qual a potência de impacto dos discursos que chegam até eles.

⁵⁸ Fonte: <https://www.statista.com/statistics/268136/top-15-countries-based-on-number-of-facebook-users/>

4.2 Procedimentos da Pesquisa

Para responder à pergunta guia dessa pesquisa, qual seja, “quais são as características do discurso do Bolsonaro?”, e as principais perguntas que dela se derivam como, “Há paralelos entre essas características e a *Alternative Right*?”, “Verificamos os elementos que vem sendo levantados pela literatura acadêmica da área para identificar as direitas radicais no conteúdo apresentado pelo Bolsonaro?”, “É explícita a inclinação ultraliberal em seus discursos?”, e, por fim, “Pode ser considerado um discurso à direita novo?”, levantamos, a partir de uma prévia observação e análise do cenário político, as hipóteses de que, sim, (1) existem paralelos entre o conteúdo de seu discurso e as características da *Alt-Right* e (2) existe um aceno explícito a um projeto de governo ultraliberal.

O primeiro passo deste trabalho, com o objetivo de verificar a validade das hipóteses acima, foi fazer uma revisão bibliográfica com a fim de precisar conceitos e mapear a literatura acadêmica sobre Direitas Radicais, *Alternative Right* e Novas Direitas Brasileiras, como se vê nos capítulos anteriores I, II e III.

Tendo em vista a importância das redes sociais na forma de fazer política das novas direitas, foi natural a escolha de analisar o conteúdo discursivo de Jair Bolsonaro nas redes. A nossa amostragem consiste em postagens de suas duas principais redes sociais, *Facebook* e *Twitter*, que foram organizadas e tratadas juntas, em um mesmo banco de dados. Essa opção foi feita após uma observação inicial dos dados coletados: o conteúdo postado no *Facebook* praticamente não se distinguia daquele que foi postado no *Twitter*, de modo que tratar os conteúdos em dois bancos diferentes não iria nos trazer nenhum *insight* relacionado a uma possível mudança discursiva em função da diferença de plataforma.

O nosso recorte temporal para a coleta é todo o período de pré-campanha eleitoral de Bolsonaro, que se inicia no dia 8 de março de 2018, logo após a sua filiação ao PSL, e prolonga-se até o dia 6 de agosto de 2018.

Os dados para a montagem do banco foram minerados através das ferramentas *Netvizz* e *Software R*.

Trabalhamos entendendo cada postagem individual como uma unidade de análise, de modo que, se temos 879 postagens, o nosso *n* é igual a 879. Coletamos, correspondente ao período de tempo delimitado, 424 tweets e 455 postagens de facebook.

Para cada postagem, foi feita uma identificação dos principais conteúdos que estavam ali presentes no discurso. A organização de categorias temáticas foi feita a partir de uma primeira observação do conteúdo do material, e não o oposto. Identificamos 27 tipos de conteúdo mais presentes, que serão listados na próxima seção. Algumas dessas categorias trabalham juntas na construção da retórica do Bolsonaro e, por isso, foram agrupadas em um momento inicial, como ficará mais claro na sequência. Entendemos que uma análise inicial dos principais grandes eixos estruturantes do seu discurso nas redes seria profícua para conseguirmos enxergar melhor o todo.

É importante notar que categorização das postagens de acordo com seus temas não se deu seguindo a lógica 1 postagem, 1 categoria. Uma mesma postagem pode ter sido identificada com várias categorias (e a grande maioria foi). De forma que, somando o percentual de presença dos temas, não se chega a 100%.

As postagens foram analisadas a partir do conteúdo apresentado em seus vídeos, textos e imagens. Não faria sentido fazer uma análise separada para imagens e textos, uma vez que o enorme maior volume de postagens refere-se a vídeos e as postagens que são constituídas apenas de texto não avolumam 4%.

A análise de conteúdo, método de análise de texto utilizado dentro das ciências sociais empíricas (BAUER, M., 2004), foi a escolha que nos pareceu mais adequada, avaliando o nosso desenho de pesquisa. Embora a maior parte das análises clássicas de conteúdo culmine em descrições numéricas de algumas características do corpus do texto, considerável atenção se dá a aspectos de “tipos”, “qualidades” e “distinções” do texto antes que qualquer quantificação seja feita. Dessa forma, a análise de texto é uma ponte construída entre o formalismo estatístico e a análise qualitativa de materiais. Ou seja, no divisor “quantidade/qualidade” mostra-se como uma técnica híbrida que aglutina características dos dois universos (Idem, 2004).

Esse método reduz a complexidade de uma coleção de textos. Há uma classificação sistemática e contagem de unidades, para além de uma descrição curta de suas características. É uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetiva.

A análise de conteúdo, como defende Kaplan (1943) é a “semântica estatística do discurso político” e implica, muitas vezes, em um tratamento estatístico das unidades do texto, o que será apresentado nas próximas seções.

“Poderíamos distinguir dois objetivos básicos da análise de conteúdo ao refletir sobre a natureza tríplice da mediação simbólica: um símbolo representa o mundo; esta representação remete a uma fonte e faz apelo a um público” (BUEHLER, 1934, in Bauer).

É a partir dessa identificação de quais símbolos são arregimentados para produzir o seu discurso de apelo ao público que pretendemos caminhar no sentido de compreender um pouco mais o fenômeno das novas direitas que, no Brasil, é personificado na liderança de Bolsonaro.

4.3 Quem é Jair Bolsonaro?

Nem sempre Jair Bolsonaro foi um personagem político identificado com os discursos de apelo moral, como o vemos hoje. Como mostra uma pesquisa⁵⁹ realizada pela BBC Brasil, que analisou mais de 1500 discursos proferidos pelo atual presidente, quando ainda era deputado federal na Câmara, ao longo de mais de 20 anos, há uma mudança significativa em seu discurso a partir de 2011. Antes dessa época, Bolsonaro tinha os assuntos relacionados à defesa e valorização das forças armadas como principal matéria de construção de sua retórica.

A polemização com a “esquerda”, com o PT, e com assuntos relacionados ao Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais (LGBTI) não foram temáticas que construíram a sua imagem política num momento inicial. Uma possível hipótese explicativa que podemos levantar para essa mudança é a identificação de um determinado “filão” eleitoral conservador insatisfeito com o governo já naquela época, e uma guinada discursiva como tentativa de ampliar a sua audiência que antes era muito fechada ao nicho dos militares.

Somente em 2011, portanto, Bolsonaro projetou-se nacionalmente. E o fez, entrando de maneira veemente no campo das pautas morais e identitárias, contrapondo-se a movimentos de esquerda articulados no país, criticando um material desenvolvido pelo Ministério da Educação contra a homofobia, chamando-o de “kit gay”, que, na sua defesa, estimularia a promiscuidade e comportamentos homossexuais (CIOCCARI & PERSICHETTI, 2018).

Observando o seu desempenho eleitoral, a partir do início de sua trajetória política, percebemos que, de fato, há um crescimento vertiginoso no número de votos na primeira eleição que vem na sequência de sua mudança de discurso, comparado a um platô de estabilidade

⁵⁹ Reportagem completa disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42231485>

formado pelo conjunto dos 6 resultados eleitorais anteriores. Em 2014, ele foi o deputado federal mais votado no estado do Rio de Janeiro, com expressivos 464.565 votos.

Quadro 5 – Trajetória eleitoral de Jair Bolsonaro

Ano da eleição	Mandato	Número de Votos
1988	Vereador (PDC)	11.062
1990	Deputado federal (PDC)	67.041
1994	Deputado federal (PPR)	111.927
1998	Deputado federal (PPB)	102.903
2002	Deputado federal (PPB)	88.945
2006	Deputado federal (PP)	99.700
2010	Deputado federal (PP)	120.646
2014	Deputado federal (PSC)	464.572
2018	Presidente (PSL)	57.797.847

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações do TSE

É válido apontarmos aqui também que Jair Bolsonaro é conhecido por ser um dos primeiros parlamentares brasileiros a explorar de maneira mais profissional as redes de internet. Já em 2010, Bolsonaro criou uma conta no Twitter e, em 2013, criou a sua *Fan Page* no Facebook.

No segundo turno das eleições de 2018, Jair Messias Bolsonaro, capitão reformado do exército, filiado, atualmente, ao Partido Social Liberal (PSL), foi eleito presidente do Brasil com quase 58 milhões de votos, depois de ter passado por seis mandatos na Câmara dos Deputados Federal, tempo durante o qual não havia despontado como figura política proeminente no debate nacional.

Recordista no Congresso por receber punições por má conduta e, tendo sido processado 4 vezes no Conselho de ética da Câmara Federal⁶⁰, Bolsonaro conseguiu, através do seu capital político, iniciar três de seus filhos na carreira política. Eduardo Bolsonaro, em 2018, reeleito deputado federal por São Paulo, Flávio Bolsonaro, também em 2018, eleito senador, e Carlos Bolsonaro, atual vereador na cidade do Rio de Janeiro.

⁶⁰ Fonte: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/pre-candidato-a-presidencia-bolsonaro-e-recordista-de-denuncias-na-camara/>

Define-se como um “católico fervoroso” e, em 2016, foi batizado no rio Jordão, em Israel, pelo pastor da Assembleia de Deus Everaldo Pereira, atual presidente do Partido Social Cristão (PSC).

A figura do Bolsonaro retratada pela grande imprensa, tanto nacional quanto internacional, é a de um deputado ligado a defesas de pautas polêmicas no Congresso Nacional que dizem respeito a tentar barrar avanços conquistados pelo movimento LGBT e também, em alguma medida, tentar reduzir direitos conquistados por outros grupos de minorias, como os negros – uma vez que ele se posiciona de maneira veemente contra a política de cotas e contra as políticas sociais de redistribuição de renda postas em vigência pelos governos do PT.

Tomando as suas declarações polêmicas que fazem as manchetes de jornais, é possível que se forje a percepção de que o seu conteúdo discursivo direcionado a apoiadores é muito permeado por machismo, racismo, homofobia.

Contudo, veremos nas próximas seções que os assuntos sobre os quais ele mais dialoga em suas redes não são exatamente os mesmos assuntos que reverberam com mais estridência para uma parcela mais ampliada da arena pública.

Compreender o fenômeno Bolsonaro passa, dessa forma, fundamentalmente por mergulhar nas suas redes de narrativas próprias e compreender o que ele torna visível e acessível para a sua audiência.

Principalmente porque, como Lerner e Penteado (2018) mostraram, a partir de uma análise de *clusters* de redes de informação nas redes sociais, as páginas da rede de Bolsonaro são um dos principais difusores da direita nas redes da internet. O que significa dizer que os seus canais funcionam como um dos principais veículos de informação de direita, levando conteúdos que atingem um público amplo e engajado na arena de debate político digital (que acontece, no Brasil, em larga medida, no universo do Facebook e Twitter).

4. 4 Análise das postagens

“As pessoas estão necessitando de uma ideia, é o que eu tenho sentido em todo lugar que vou. Essas ideias iluminam pessoas que estão sentindo que tem algo de errado, mas não sabem exatamente o quê” (Jessé Souza, 2018)

Em entrevista à Revista Cult⁶¹, em 2018, Jessé Souza pôs em palavras, de maneira muito simples, uma sensação bastante palpável para os que viveram o contexto brasileiro no seu conturbado período de 2015 a 2018: a de que havia alguma coisa de errado. Muitos não sabiam exatamente o quê. E, na ausência de chaves explicativas para construir sentido das coisas, em um contexto de crise política e econômica, as pessoas, necessitadas de ideias, ouviram quem estava disposto a (e tinha meios de) dialogar com elas e fornecer explicações simples para compreender a realidade.

A primeira coisa que se nota, após imergir no universo de postagens de Jair Bolsonaro, é que não apenas o seu discurso é eficiente para oferecer soluções simples para os problemas complexos da sociedade (o que já foi amplamente notado pelos analistas), mas, sobretudo, que ele é eficiente para fabricar problemas. Uma parte significativa do seu discurso nas redes destina-se, não a oferecer soluções, mas a apontar os problemas mais emergenciais com os quais a sociedade brasileira precisa lidar.

Abrindo parênteses para uma pequena reflexão sobre isso, propor-se a apontar problemas como tônica principal (em vez de apontar soluções) é de grande valia, pensando estrategicamente em termos de campanha, pois, se Jair Bolsonaro apresenta “novos” problemas sobre os quais os outros concorrentes não estão falando, e ele é bem sucedido em convencer parte do eleitorado de que esses são problemas reais que precisam ser endereçados, esse público, no momento da escolha do voto, não tem outras opções de candidato a não ser Jair Bolsonaro. Essa observação pode parecer trivial, contudo, é importante percebermos que endereçar problemas sobre os quais a concorrência não fala significa estabelecer a sua disputa em um campo em que você joga sozinho.

Pensando concretamente sobre isso, a partir das informações levantadas por este trabalho, se o principal problema com o qual lidamos no Brasil hoje é o “viés ideológico” e o

⁶¹ Fonte: <https://revistacult.uol.com.br/home/jesse-souza-interprete-de-um-brasil-so/>

“esquerdismo”, uma vez que o eleitor em potencial seja sensibilizado para a gravidade e concretude do problema, Jair Bolsonaro aparece no cenário como única opção disponível, uma vez que essa pauta não era endereçada por nenhum outro candidato com viabilidade eleitoral. Logo, evita-se o desgaste (e o esforço) de ter que concorrer no mercado do voto, disputando contra outras soluções disponíveis para os velhos problemas.

Mais do que focar em oferecer como respostas, para uma audiência carente de ideias, um pacote de soluções simples, o discurso de Jair Bolsonaro nas redes apostou em oferecer como resposta um apontamento do que, na sua narrativa, são as “verdadeiras” causas dos problemas sociais.

Crespo, 2010, defende que a maior vitória da direita radical pode ser medida não pelo seu retorno eleitoral mas, sobretudo, por ela estar conseguindo pautar a agenda política com sucesso, através da inclusão de novos temas no debate político principal. Pensando sob essa ótica, é possível, pela reflexão feita acima, entender que Jair Bolsonaro ganha relevância na esfera pública brasileira também por ter conseguido, de maneira eficiente, incluir determinados temas na pauta do dia, a partir da sua estratégia de apontar novos problemas⁶².

A análise do conteúdo da amostragem que coletamos das redes de Jair Bolsonaro, para a qual prosseguiremos mais detalhadamente na próxima subseção, nos permitiu tirar as seguintes principais conclusões, que ressalto de antemão:

- (a) de maneira alternativa ao que algumas pessoas poderiam esperar, tendo em vista que Bolsonaro é um político retratado na mídia *mainstream* majoritariamente por polêmicas que estão inseridas no campo da moral, uma parcela bastante minoritária de seu discurso toca nessas questões;
- (b) a defesa de um programa econômico ultraliberal, que propõe, desde privatizações em larga escala, até a redução de direitos trabalhistas adquiridos, é explicitamente colocada. Não há margem para considerar como verdadeira a hipótese de que Jair Bolsonaro ocultou de seu público as linhas de direção que o seu governo tomaria na área econômica, considerando-se o seu discurso nas redes;

⁶² A denúncia da existência de um suposto “kit gay”, que tornou-se debate *mainstream* durante o período que antecedeu as eleições, talvez seja o exemplo mais explícito e caricatural para este argumento.

- (c) o paralelo entre as novas direitas brasileiras e a *Alternative Right* concentra-se fortemente, segundo Delcourt, 2016, nos discursos de (1) valorização de tradições face à perda de valores da sociedade; (2) defesa da classe média frente à coerção dos impostos, através do discurso que relaciona maior liberdade econômica a menor intervenção estatal; (3) oposição à programas governamentais redistributivos de renda. Todos esses três pontos foram verificados como existentes no conteúdo das redes de Bolsonaro;
- (d) em relação ao paralelo com a *Alternative Right*, uma outra característica que está presente, no conteúdo, analisado é a ideia de oposição ao “Politicamente Correto”;
- (e) a produção de Olavo de Carvalho está fortemente presente na construção dos pressupostos implícitos em diversas formulações encontradas no conteúdo analisado;
- (f) há um forte componente de populismo em seu discurso, tal como ele é definido por Mudde, 2017⁶³.
- (g) os sentimentos identificados como principais aglutinadores das grandes manifestações a favor do impeachment como o *antipetismo* e a vontade de combate à corrupção, como apontado por Telles, 2016, estão contemplados em uma fatia considerável do conteúdo de Bolsonaro nas redes;
- (h) o grupo de conteúdos que organiza no eixo discursivo de crítica ao *establishment* é o que corresponde à maior fatia do seu discurso nas redes;
- (i) o elogio ao militarismo é uma das principais características encontradas no conteúdo analisado, o que diferencia, nesse aspecto, o caso brasileiro de outros casos de novas direitas radicais observadas pela literatura da área;
- (j) diferentemente dos grupos da Alt-Right, que não são religiosos, há frequentes acenos a símbolos e valores cristãos na retórica de Bolsonaro.

⁶³ Populismo, para Mudde, 2017, é uma ideologia que compreende que a sociedade se divide em dois grandes grupos que são homogêneos e antagônicos: o povo versus a elite corrupta, e que a política deveria ser guiada por uma espécie de *volonté générale* da população e não por grupos que visam a fins próprios, independente de suas afiliações ideológicas. Para o populista, tanto as elites estabelecidas no poder de direita quanto às de esquerda, se fazem parte do establishment, trabalham para finalidades ilegais.

4.4.1 Principais aspectos e grupos de conteúdo da amostragem

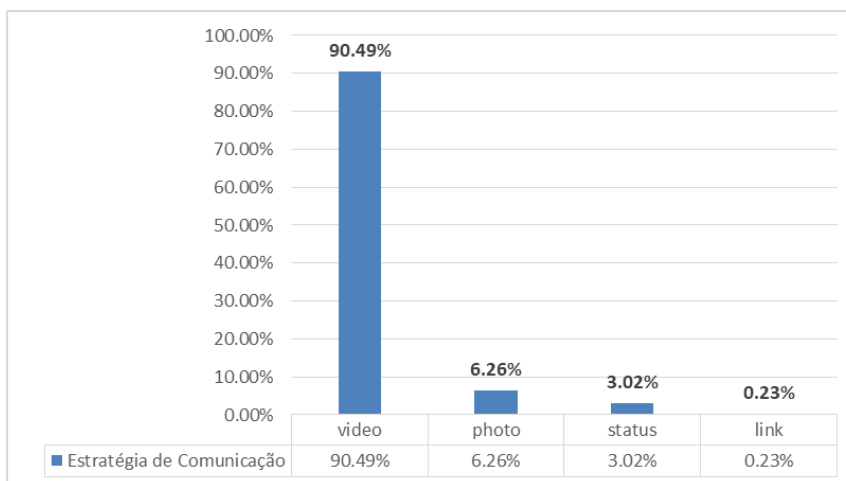
Como já foi dito na seção de procedimentos da pesquisa, a partir de uma observação inicial do conteúdo das postagens nas redes de *Twitter* e *Facebook* de Bolsonaro, identificamos 27 principais tipos de conteúdo. Ordenados, do maior para o menor, em relação ao percentual de presença nos conteúdos analisados, são eles, (1) O “mito” em campanha, (2) Multidões em apoio a Bolsonaro, (3) Valorização dos militares, (4) Crítica à mídia, (5) Suspeita do Sistema, (6) Crítica à esquerda, (7) Patriotismo, (8) Menção à religião, (9) Defesa do simbólico liberal, (10) Crítica ao PT, (11) Crítica à corrupção, (12) Defesa de valores tradicionais, (13) Defesa do armamento da população, (14) Reescritura da História, (15) Populismo, (16) Elogio a países de governo liberal, (17) Crítica às políticas identitárias e ao politicamente correto, (17) Valorização das polícias, (18) Crítica às direitas, (19) Violência contra não-cidadãos, (20) Estado Menor/Menos Impostos, (21) Valorização da direita, , (22) Humor/cinismo, (23) Referência à tecnologia, (24) Denúncia do Problema da Segurança Pública, (25) Denúncia do “Esquerdismo” nas escolas, (28) Um só Brasil.

Algumas dessas características se complementam e se unem quando pensamos nos principais grandes argumentos retoricamente construídos por Jair Bolsonaro. Por isso, entendemos que olhar para essas características, num primeiro momento, em 4 grandes eixos e, posteriormente, de maneira isolada, será mais produtivo.

A quase totalidade do conteúdo das páginas de Jair Bolsonaro é comunicado através de som e imagem, como podemos observar no gráfico a seguir.

Apenas pouco mais de 3% das postagens analisadas oferecem um conteúdo puramente textual (a coluna “status”, abaixo, refere-se às publicações de texto desacompanhadas de vídeo ou foto), e mais de 90% das publicações referem-se a vídeos, muitos deles publicados sem o acompanhamento de legenda alguma. A maioria dos vídeos aparece junto de apenas uma ou poucas frases.

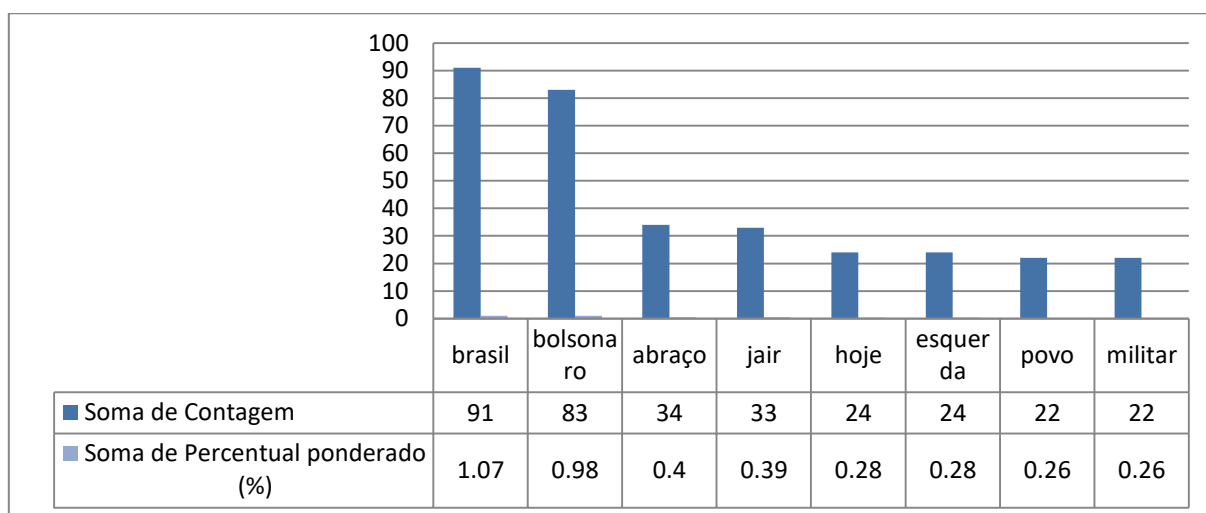
Gráfico 2 - Percentual do conteúdo de vídeo, foto, texto e link das postagens analisadas



Fonte: Elaborado pela autora

Visto que o conteúdo textual é extremamente reduzido, o valor da aparição das palavras nas postagens ganha uma dimensão aumentada, pois são escassas. Dessa forma, logo de início é interessante notar que, na lista das palavras utilizadas com maior frequência (retirando-se as palavras de ligação sem carga simbólica), a palavra “esquerda” figura como a sexta palavra mais utilizada nas postagens analisadas, à frente de palavras como “povo” e “militar”.

Gráfico 3 - Lista dos oito substantivos que mais se repetem no conteúdo de texto analisado

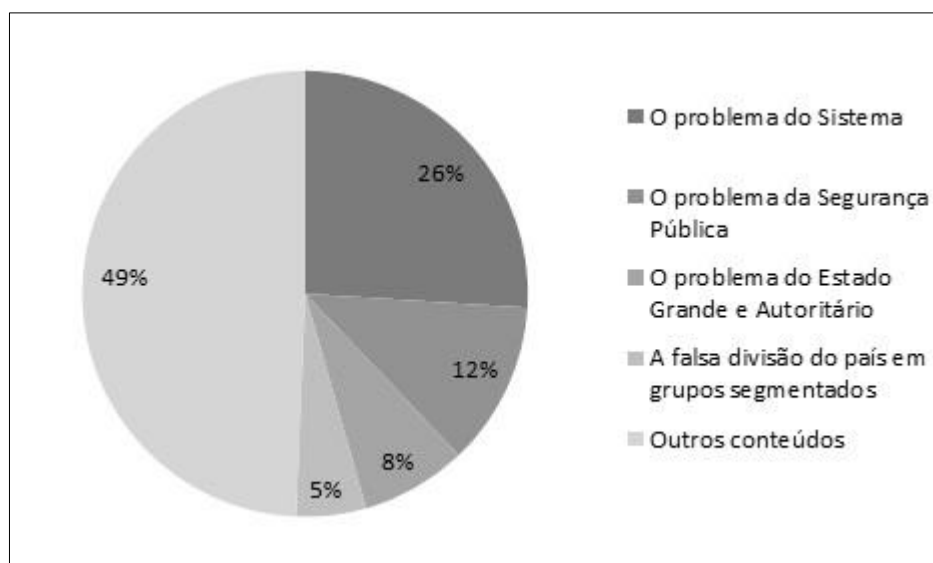


Fonte: Elaborado pela autora

A construção da retórica de Jair Bolsonaro se dá fundamentalmente em cima de 4 eixos principais: “o problema do sistema”; “o problema da segurança”, “o problema do Estado grande e autoritário” e “a falsa divisão do país em grupos segmentados”.

Como podemos ver, se compararmos a totalidade dos conteúdos presentes nesses 4 eixos com o conteúdo total, eles correspondem a pouco mais da metade de todos os assuntos sobre os quais Jair Bolsonaro fala em suas redes. A parte dedicada a “outros conteúdos” inclui todo o resto. Desde postagens com conteúdos de “bom dia”, a vídeos de multidões em carreatas, passando por críticas a políticas identitárias, postagens de humor, menções religiosas, etc.

Gráfico 4 - Os 4 grandes eixos de conteúdo



Fonte: Elaborado pela autora

Como dissemos pouco antes, a estratégia discursiva do Bolsonaro é construída, sobretudo, pela apresentação de problemas aliados a um esforço de convencimento de que eles são reais. Trata-se de uma retórica de convencimento do problema.

4.4.1.1 Eixo 1: O problema do sistema

Os sentimentos *antiestablishment* e *antipartidário* encontrados como um aglutinador de forças da oposição ao governo (TELLES, 2016) encontram eco em 26% do conteúdo veiculado por Jair Bolsonaro em suas redes.

Chaloub e Perlatto, 2018, argumentam que a nova direita radical assume retoricamente o lugar da contestação antissistema que era usualmente reivindicado pela esquerda. Essa característica fica evidenciada, olhando para a retórica de Bolsonaro, quando percebemos que o eixo argumentativo que está presente na maior quantidade de postagens reúne conteúdos que minam a legitimidade do sistema político como um todo.

Reunidas nesse grande grupo, estão as categorias (1) “Crítica à mídia”, (2) “Suspeita do Sistema”, (3) “Crítica à esquerda”, (4) “Crítica ao PT”, (5) “Crítica à Corrupção” e (6) “Crítica às direitas”.

Como um legítimo representante da direita alternativa, Bolsonaro (1) constrói-se tecendo críticas à esquerda e também à direita *mainstream*; (2) diferentemente dos tradicionais representantes da direita no Brasil, que foram eleitos sendo apoiados pela grande mídia, Bolsonaro não apenas critica a mídia como parece estar em campanha para deslegitimá-la diariamente; (3) tece críticas ao establishment, de maneira geral, levantando suspeitas sobre todas as engrenagens do sistema, seja o sistema eleitoral, o congresso, o sistema de alianças partidárias ou os próprios políticos.

Pode ser menos óbvio o motivo pelo qual os conteúdos de crítica à esquerda fazem volume nesse primeiro eixo, por isso explico. Para isso, recorro à memória da narrativa difundida por Olavo de Carvalho, que é amplamente assimilada pelo discurso do Bolsonaro nas redes. Muitas vezes, entre a crítica ao sistema e a crítica à esquerda, há uma linha tênue no discurso do Bolsonaro, afinal, se entendermos que desde os anos 90 está em curso uma *revolução gramsciana* cujo objetivo foi, também, aparelhar e transformar as instituições e o Estado, a esquerda, mais do que corrupta e imoral, é o sistema.

No contexto brasileiro, a relação entre “esquerda” e “establishment” fica ainda mais simples de ser construída (comparando a outros contextos de direitas radicais no mundo) porque a nossa história recente está fortemente marcada pela atuação do maior partido de esquerda nacional, que esteve no poder por mais de 14 anos. Nesse sentido, as críticas à esquerda, além de

demarcarem um claro posicionamento ideológico do ponto de vista político-filosófico, se mesclam à ideia de que “precisamos transformar o sistema”. Os conteúdos aqui agrupados implícita ou explicitamente constroem a imagem de Jair Bolsonaro como uma alternativa ao establishment.

Dessa forma, a “questão ideológica”, que é um fator de relevância no seu discurso, acaba se misturando à “questão do establishment”. E ela aparece explicitamente. Longe de ser escondida por trás de outras questões polêmicas, há um convite explícito aos seus seguidores para que eles entendam que as ideologias políticas estão por trás da formulação de projetos políticos e que as “ideologias de esquerda” são um mal a ser combatido. Podemos perceber isso em postagens como “Tão ou mais grave do que a corrupção institucionalizada pelo PT é a questão ideológica” e em “Paraguai à direita! Parabéns Mário Abdo Benítez. No campo de batalha ideológica, os inimigos da democracia, do progresso e da família devem ser dizimados nas urnas”.

A crítica explícita à mídia é um conteúdo extremamente relevante de seu discurso. Segundo a narrativa de Bolsonaro, a grande mídia é comprada, inventa notícias falsas (as Fake News) e muitos jornalistas não são confiáveis.

Relembrar os seus seguidores sobre a baixa confiabilidade da mídia, grosso modo, em 1 a cada 10 postagens, tendo em vista a sua frequência de postagens diárias, significa tocar nesse assunto nas redes a cada 2 dias. Dessa forma, há uma blindagem construída em torno dele perante os seus apoiadores e nada de negativo em relação a ele, que é exposto pelos canais *mainstream* de comunicação o macula, uma vez que é só “mais uma mentira”.

Como exemplos de postagens com este tipo de conteúdo, podemos citar: “Grande parte da imprensa consegue ficar pior do que sempre foi. A calúnia é o seu norte”; “Imprensa diz que não se governa sem o toma lá-da-cá, logo ela seria favorável à corrupção?”; “Mais um fakenews da imprensa e dos canalhas”; “É fakenews todo dia: a sujeira atinge limites estratosféricos a ponto de tudo que possa ser negativo no mundo, quando não descontextualizam tentam associar boçalmente ao nome do Bolsonaro. Por que será?”; “A Globo mentindo, como sempre”; “A mídia age de má fé novamente”.

Não apenas constrói-se, a partir dessas mensagens, a ideia de que a grande mídia não fornece informações apuradas (e, por isso, merece ser desconsiderada) como se constrói uma narrativa de que ela não fornece informações apuradas propositalmente, de má fé.

Seguindo essa lógica, notícias que trazem informações negativas sobre o Bolsonaro não apenas são desqualificadas como trazendo conteúdos falsos (e não abalando a imagem do candidato) como contribuem para legitimar a própria narrativa de que a mídia trabalha para o *establishment* e age deliberadamente para derrubar qualquer candidato honesto que tenha chances eleitorais.

Uma vez que o entendimento vigente é o que a mídia coaduna-se com os partidos do *establishment*, sejam de direita ou de esquerda, é esperado que ela use todo o seu potencial de massa para veicular qualquer tipo de informação distorcida ou falsa com o objetivo de manchar a imagem de quem não aceitou fazer parte do sistema.

Forma-se, portanto, em *looping*, uma narrativa lógica que se legitima e justifica pela força de seus elementos internos, tornando-se muito difícil questionar a sua validade por fora, já que ao questionar essa validade (no caso, a grande mídia com matérias negativas sobre o Bolsonaro), há uma contribuição para o fortalecimento da própria narrativa. O papel da grande mídia, na retórica bolsonarista, é justamente o de se opor àqueles que tem uma atitude diferente e contra o sistema.

Nas postagens contra corrupção, encontramos conteúdos como “você quer mudar o Brasil de verdade? A corrupção é a engrenagem mais importante do sistema. Collor só caiu porque não teve como pagar”; “não existe processo de corrupção ou processo de improbidade administrativa contra Jair Bolsonaro”, “no momento, a certeza: a condução da política não pode continuar nas mãos de corruptos e comunistas”, “quem desconsidera o plano de poder e a ideologia por trás da corrupção observada em nosso Brasil, ou é muito inocente ou está com más intenções”.

Nas críticas à direita, “O Brasil não suporta mais 4 anos de PT, PSDB e aliados ideológicos. Eis porque todos estão contra nós”, “FHC, a princesa Isabel da maconha do PSDB, pediu dinheiro para Marcelo Odebrecht a fim de financiar a campanha de tucanos”. “Gerado Alckmin me rotula de atrasado por conta dos meus votos no passado. Um dos votos que mais me orgulha foi o contra a reeleição de FHC. Não aceitei a propina do seu partido PSDB. Concluo, sr. Alckmin, estou aguardando alguém da sua laia me chamar de corrupto”.

Em relação às postagens que lançam críticas em relação à confiabilidade do sistema de maneira geral, tal como ele funciona atualmente, temos conteúdos como, por exemplo: “conheça o mecanismo (sistema). Impossível mudarmos o Brasil sem quebrarmos as suas engrenagens”, “o sistema não admite Jair Bolsonaro”, “com a descentralização são 3 coelhos numa cajadada só: seca mais uma fonte de corrupção, fruto da relação promíscua entre as esferas Federal, Estadual,

Municipal que o atual modelo causa; efetividade no combate aos problemas de cada região; governabilidade sem o toma lá, dá cá”.

Na parte das críticas às esquerdas, temos postagens como: “na divisão de classes, o avanço do socialismo”; “a esquerda sempre posando de vítima”; “mais um ‘professor’ militante da pátria educadora da era esquerdista. A mentira, a difamação, a desinformação e a falta de compromisso com o ensino dos alunos é o que deixa o Brasil na situação educacional em que se encontra”, “desde a emenda constitucional 81/2014 que relativizou a propriedade privada, potencializou-se as invasões de terras levando mais mortes e conflitos no campo. A minoria representada pelos comunistas não pode continuar mandando no Brasil”.

Já o seu discurso mais explicitamente anti-política fica evidenciado em postagens como “o que importa para os políticos é uma nação analfabeta” e “Brasília: nem sempre quem está aqui trabalha”.

4.4.1.2 EIXO 2: O problema da segurança

A ausência de uma resposta satisfatória ao grave problema da segurança pela esquerda quando esteve no governo abriu um vácuo para que retóricas punitivistas e demagógicas da direita ganhem espaço (SOLANO, 2018).

O discurso que mobiliza o medo dos cidadãos e elenca um inimigo determinado que combater está presente fortemente nas novas direitas europeias e também na direita radical representada por Bolsonaro.

Esse eixo que agrupa os conteúdos que apontam em direção à existência de um problema de segurança pública interna que precisa de maneira urgente ser resolvido cuja causa está relacionada a uma má fé da esquerda que, na nossa história recente, quando esteve no governo, permitiu que bandidos se armassem e a população, não.

Na narrativa de Olavo de Carvalho, o objetivo primeiro em deixar a população vulnerável – uma vez que o porte de armas não é legalizado para todos – é fazer com que ela permaneça dependente do Estado para ser protegida. Dessa maneira, por trás do problema da pauta da segurança também é possível que se faça uma conexão com o discurso ideológico.

Os conteúdos que foram organizados nesse eixo argumentativo são (1) os de caráter securitário (denúncia do problema da segurança pública), (2) os de defesa do armamento, (3) os que valorizam as polícias e (4) os que valorizam os policiais militares.

Os posts que trazem referências às questões securitárias defendem um projeto punitivista em relação ao problema da segurança pública e fazem alusão a militares e/ou à disciplina e à ordem militar.

Nessa categoria, enquadraremos postagens que simplesmente tratam de valorizar a polícia militar como em “parabéns à polícia”, valorizar as forças armadas, como em “enquanto os políticos dividem, o exército une o nosso povo” e em “o partido do exército é o Brasil. Homens e mulheres, de verde, servem à pátria”, assim como postagens que dão notícia de casos de violência que acontecem no Brasil e em outros países, como em “mais um pai de família que trabalha combatendo o crime foi assassinado por conta das regalias dadas aos criminosos”, “parabéns, mães! um presente verdadeiro é possibilitar que durmam mais tranquilas sabendo que seus filhos voltarão seguros para as suas casas”, e em “qual parte você ainda não entendeu que o Rio está em guerra?”, “é surreal, mais um pai assassinado se torna mais um em meio a mais de 60 mil assassinados por ano (índices maiores que de guerra) mas ninguém verá a ONU se manifestar por isso”, assim como as postagens que defendem projetos relacionados à segurança pública, como a flexibilização do porte de armas para os cidadãos como em “Armas de fogo com regras!”, “não foi pensando em segurança e liberdade que a esquerda nos desarmou”, “mais um pré-candidato cai na real quanto às armas. Cidadãos do campo e da cidade têm direito à legítima defesa” e “segurança jurídica para que nossos policiais eliminem esse tipo de bandido, sem o receio de virarem réus, é o mínimo que a legislação deveria garantir”.

4.4.1.3 EIXO 3: O problema do Estado grande e autoritário

Agrupamos, neste conjunto de postagens que soma 8% do conteúdo analisado, os conteúdos (1) Estado Menor/Menos Impostos, (2) Defesa do simbólico liberal, (3) Elogio a países de governo liberal.

São conteúdos que expõem a necessidade de que o tamanho do Estado seja reduzido, seja através da redução de impostos ou da necessidade de privatizações, quanto as que somente

apontavam os problemas do Estado ineficiente e burocratizado, passando também por todas as postagens que elogiam a “liberdade”.

Como já foi discutida na primeira parte deste trabalho, a compreensão do conceito de liberdade como uma ausência de coerção do Estado que, menos do que ajudar, atrapalha a vida dos cidadãos, está presente em grupos libertários e conservadores, e é verificada na lógica narrativa do Bolsonaro.

Há também uma outra dimensão do elogio das ideias de “liberdade” no discurso analisado, que não podemos deixar passar despercebido. Novamente, a crítica fundamental à “ideologia de esquerda”, que está no cerne da estruturação do discurso do Bolsonaro, passa por defender uma conexão entre esquerda e autoritarismo. Não à toa as referências à Venezuela e Cuba (e, mais especificamente, a identificação de eventos e formas de atuação com traços claramente autoritários) são recorrentes em suas falas. Não à toa a crítica ao “policciamento do politicamente incorreto” também existe. Esses fragmentos contribuem para que seja construída uma imagem de que o campo da esquerda é um campo autoritário que se contrapõe às liberdades individuais, tanto em sua dimensão econômica quanto na dimensão pessoal. Dito de uma forma ainda mais simplificada, quando críticas a discursos homofóbicos são feitas, a esquerda é autoritária por não garantir a liberdade de pensamento e de expressão daqueles que pensam diferente e quando defesas de taxações de fortunas e de um Estado com programas sociais robustos são feitas, a esquerda é autoritária por estar querendo impor a vontade de uma classe dirigente (que comanda o Estado e, conseqüentemente, a formulação de políticas) ao povo.

Aqui conseguimos tocar em mais um ponto em que a nova direita radical se distingue da antiga direita radical. Na defesa de um Estado menor, cola-se à esquerda uma imagem de defesa de Estado inchado e coercitivo. Essa é a ponte para uma compreensão que ficou banalizada em fóruns de debate de direita na internet de que o “nazismo é de esquerda”⁶⁴ pois, nos regimes fascistas, estávamos falando de um Estado inchado. Esse argumento contribui para distanciar retoricamente as novas direitas dos regimes totalitários.

⁶⁴ Para uma informação curiosa e ilustrativa sobre isso, ver o link seguinte que conta o episódio em que apoiadores do Bolsonaro criticaram a Embaixada alemã por dizer que o nazismo era de direita: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/grupos-de-direita-no-brasil-contestam-embaixada-alema-sobre-nazismo.shtml>

Quando as palavras “liberdade” e “livre” aparecem no conteúdo analisado, elas são um atalho cognitivo que evocam uma compreensão presentes no subsolo discursivo do Bolsonaro, de que os regimes de esquerda são autoritários.

Não compreender que a defesa de liberdades – no nível da atuação de empresas e também no nível da atuação individual – é uma maneira de contrapor-se ao campo da esquerda, na lógica discursiva do Bolsonaro, torna possível fazer análises que apontam que essa defesa é “vazia”, como se a exposição do desejo de “defender a liberdade”, vindo do Bolsonaro, fosse apenas uma concessão discursiva para fornecer um lustro de comportamento democrático à sua pessoa. Contudo, há mais densidade por trás dessa defesa do que poderíamos enxergar se desconsiderássemos as diferentes possibilidades para o conceito de liberdade. Dessa forma, só é possível argumentar que o discurso do Bolsonaro não defende *verdadeiramente* a liberdade se desconsiderarmos as possibilidades conceituais dessa palavra no léxico liberal/conservador.

“Todo dia é dia para lutarmos por liberdade e democracia” é um exemplo de postagem que conclama a luta pelos ideais de liberdade e democracia. Longe de tentar se afastar das defesas desses ideais, eles são apropriados pelo seu discurso de uma forma a lançar o Bolsonaro como aquele que verdadeiramente defende esses conceitos de maneira integral, sem fazer concessões ao que é autoritário, em nome de uma suposta falsa busca por mais igualdade na sociedade.

Postagens como “Não foi pensando em nossa segurança e liberdade que a esquerda nos desarmou” contribuem para afirmar a ideia descrita acima de que o compromisso da esquerda não é com a liberdade dos indivíduos – tampouco com a segurança.

A compreensão do golpe militar no Brasil em 1964 como uma necessidade para que o avanço comunista de esquerda fosse barrado também é um dos pontos essenciais que estruturam a narrativa discursiva do Bolsonaro. “31 de março de 1964. Hoje todos sabem contra quem lutamos no passado. Mais importante que a própria vida é a liberdade de um povo pois sem liberdade não há vida. Parabéns Brasil pelas suas forças armadas”. Revisitar a história do regime militar e justificar o *modus operandi* dos governos do período é crucial para que a narrativa apresentada atualmente de “busca por liberdade” não pareça paradoxal. A liberdade de um povo está acima da própria vida, em seu discurso. O que significa que, se vidas foram perdidas em nome da garantia de liberdade para o país, isso é válido. Se durante o regime militar há traços inquestionáveis de autoritarismo é porque havia um mal maior, que ameaçava ainda mais as liberdades do povo: a “ideologia de esquerda”, na imagem do comunismo.

A “liberdade econômica” é um assunto de pauta frequente em suas postagens. Postagens como, por exemplo, “as estatais eu gostaria muito de privatizar sim, mas não pelo viés apenas de combater a corrupção para buscar mais produtividade e transparência. Pretendemos sim priorizar muita coisa (...) eu sou plenamente favorável a até nem privatizar, simplesmente extinguir” foram contabilizadas nesse grupo.

“Reduzir ministérios, privatizar e até extinguir parte das estatais (...) Pensamos diferente. Insistir no mesmo de sempre é manter o Brasil na lama”; “Mais impostos? Taxar herança? Não”; “A CLT aqui no Brasil, atiquíssima... lugar nenhum do mundo tem isso”; “A melhor maneira de resolver problemas é evitar que apareçam. Os responsáveis pela crise são ótimos para distribuir ministérios, estatais, diretorias de bancos... que geram ineficiência do estado e corrupção. Essa é a ‘governabilidade’ que vem destruindo o Brasil”.

4.4.1.4 EIXO 4: A falsa divisão do país em grupos segmentados – nacionalismo como solução

Nesse eixo, contabilizamos os conteúdos de (1) patriotismo, (2) crítica às políticas identitárias e ao politicamente correto e (3) um só Brasil.

Assim como os outros problemas apresentados como fundamentais para que a situação difícil pela qual passa o país seja resolvida, a questão da “falsa divisão” do país em grupos segmentados é atribuído de uma maneira abstrata à “esquerda”.

Existe uma compreensão de fundo nos seus argumentos que pontua que as políticas específicas para negros, mulheres, LGBTQs, etc, funcionam de uma maneira perversa para impedir que a sociedade brasileira se compreenda como um único povo com interesses iguais. Dessa forma, parte relevante de sua fala é dedicada a pontuar a importância de unir o Brasil como “um único Brasil”. O direcionamento nacionalista do seu discurso nas redes foca bastante em atacar esse problema e fazer o Bolsonaro se apresentar como alguém que tem desejo de acabar com esse fracasso da sociedade. A divisão da sociedade em classes, raças, homens e mulheres com necessidades diferentes perante o Estado teria sido criada pelo “marxismo cultural” cujo objetivo, em última instância é impedir que o “povo” se perceba como igual e se una para ameaçar o sistema.

Em frases como “nossos irmãos, uma só pátria”, “o Brasil precisa de união”, “um só Brasil”, há o destaque para o desejo de uma unidade em relação à ideia de Brasil e endereça a questão de que a ideia de “Brasil” é indesejada. “Somente com a união de todos é que poderemos ter chances de evitar um mal maior nessa combalida democracia” reitera a necessidade de união entre os brasileiros contra o “mal maior” que no imaginário discursivo do Bolsonaro seriam as “ideologias de esquerda”.

O aspecto central do nacionalismo em seu discurso fica evidenciado, por óbvio, também em seu slogan de campanha “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Essa frase “Brasil acima de tudo” é bastante repetida em suas postagens e utilizada para finalizar comentários e posicionamentos sobre assuntos diversos e, para além da compreensão mais imediata de insuflar uma ideia de que o bem do país deve estar acima dos outros interesses e dar destaque a uma projeção de construção nacional que se sobressaia à possíveis construções individuais ou de grupos segmentados da sociedade, há implícito também uma ideia de projetar o país internacionalmente como uma potência. Em “faremos o Brasil grande” essa ideia fica um pouco mais clara. Essa ideia inclusive é bastante similar ao slogan de Donald Trump, nas eleições de 2016, nos Estados Unidos, que clamava “Make America Great Again”.

A escolha do slogan “Brasil acima de tudo” é uma apropriação do brado da brigada paraquedista de infantaria do Exército⁶⁵, o que identificaria a sua chapa à presidência com a sua trajetória militar, já que Jair Bolsonaro tem uma formação de paraquedista no Exército Brasileiro.

A conclamação para que os cidadãos “acreditem” no país também é verificada nas postagens analisadas. Há frases como “Acreditemos em nossa Pátria amada Brasil”, “Vamos acreditar no Brasil. Essa é a nossa pátria” que explicitamente solicita aos seus seguidores acreditar que é preciso lutar pelo país.

Abaixo, observando os gráficos que analisam o volume de likes, compartilhamento e comentários referentes aos 4 principais eixos de conteúdo sobre os quais acabamos de discorrer, podemos observar que, o eixo “Problemas do Sistema”, que agrupa as críticas ao *establishment*, além de ser o principal eixo de conteúdo presente nas postagens das páginas de Bolsonaro, é também aquele que gera o maior engajamento nas redes, apresentando uma parcela maior do

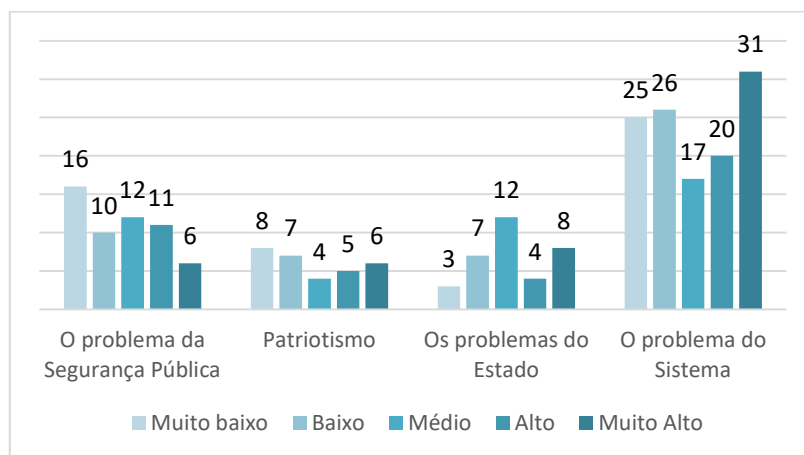
⁶⁵ A origem do slogan, nos anos 60, entre os paraquedistas do Exército brasileiro: <https://www.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/brasil-acima-de-tudo-conheca-a-origem-do-slogan-de-bolsonaro-7r6utek3uk1axzyruk1fj9nas>

quartil de “volume muito alto” de interação quando analisamos tanto o número de *likes* nas postagens quanto o número de compartilhamentos e comentários.

Sobre isso, podemos entender que é plausível considerar que os problemas relacionados ao “sistema” são, de fato, aqueles que mais sensibilizam a audiência de Bolsonaro, fazendo-a curtir, comentar e compartilhar mais o seu conteúdo.

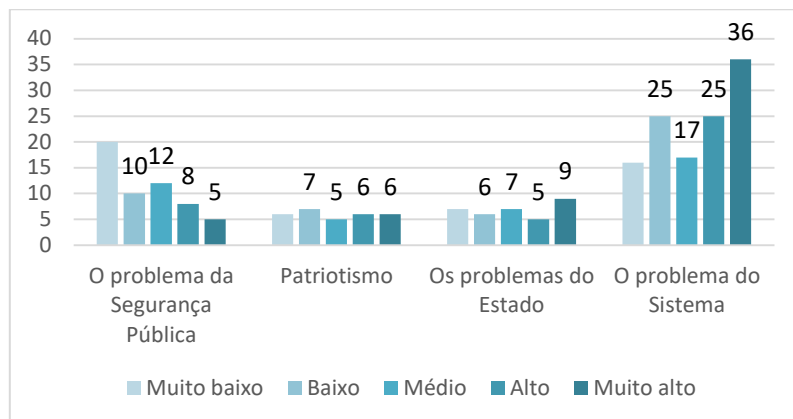
Podemos também observar, em relação ao engajamento, que, para qualquer um dos três parâmetros analisados, o eixo temático relacionado à “denúncia do estado grande e autoritário” gera uma maior interação da audiência do que os eixos relacionados ao problema da segurança pública e o conteúdo patriótico.

Gráfico 5 - Volume de likes das postagens separados por 4 eixos temáticos, analisados a partir de 5 recortes: muito baixo, baixo, médio, alto, muito alto



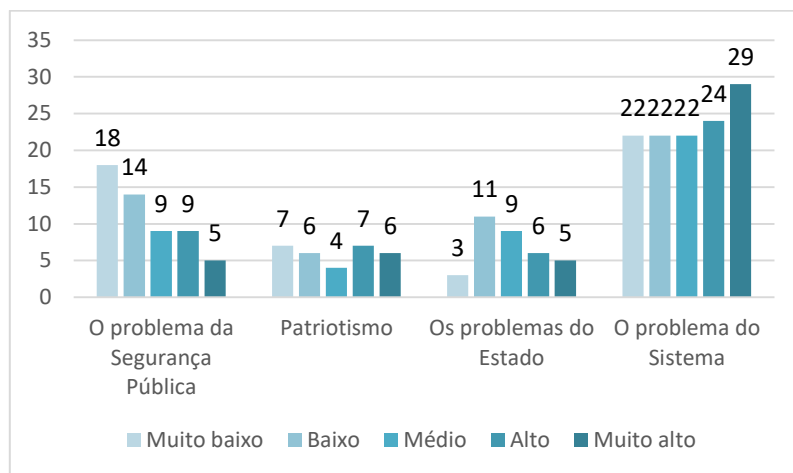
Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 6 - Volume de compartilhamento das postagens separados por 4 eixos temáticos, analisados a partir de 5 recortes: muito baixo, baixo, médio, alto, muito alto



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 7 - Volume de comentários das postagens separados por 4 eixos temáticos, analisados a partir de 5 recortes: muito baixo, baixo, médio, alto, muito alto

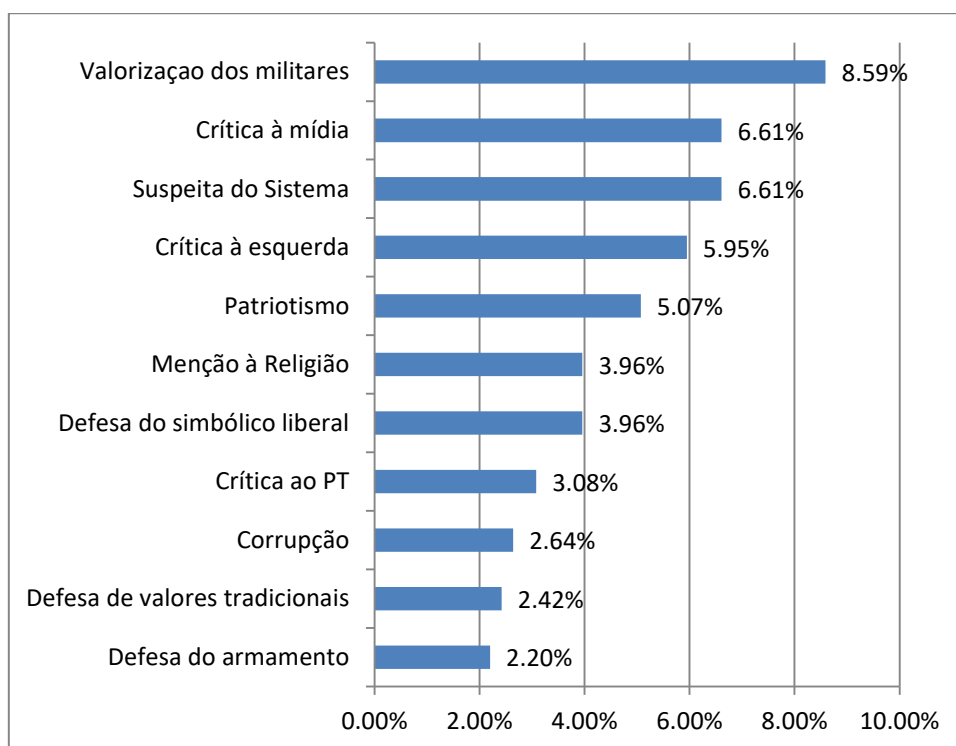


Fonte: Elaborado pela autora

4.5 Os conteúdos analisados

No apêndice 1, é possível ver o gráfico completo com as 27 categorias analisadas. Vamos nos debruçar mais detidamente, neste trabalho, apenas sobre os 11 conteúdos com maior percentual de postagens correspondentes. No anexo 2, há imagens de postagens da página de Jair Bolsonaro, que ilustram a nossa análise.

Gráfico 8 - Os onze principais conteúdos que se repetem



Fonte: Elaborado pela autora

Os dois conteúdos que mais se repetem nas postagens do período da pré-campanha eleitoral de Jair Bolsonaro são diretamente ligados à publicidade de sua campanha, correspondem às categorias “O ‘mito’ em campanha” e “Multidões em apoio a Bolsonaro”. O primeiro deles é majoritariamente formado por divulgação de pesquisas de opinião mostrando o então candidato Jair Bolsonaro à frente nas pesquisas e, o segundo, essencialmente formado apenas por imagens de multidões recebendo Bolsonaro nas cidades que ele visitava durante a pré-campanha, em aeroportos ou carreatas, e serve, esteticamente, para conferir força à imagem de um *mito pop star*

com alta identificação popular. Entendendo que esses dois grupos trazem conteúdos que são muito específicos do período de pré-campanha, eles foram retirados do gráfico principal, onde priorizamos observar os conteúdos que tem um potencial maior de fornecer insights próprios de um discurso de direita alternativa para que caminhemos no sentido de tentar compreender melhor as bases que alicerçam as principais narrativas do discurso de Bolsonaro de maneira geral.

Conteúdos de divulgação de pesquisas de opinião e imagens de multidões em carreatas são encontradas também nas redes dos outros candidatos em campanha. É um tipo de conteúdo que, apesar de interessante para outros tipos de análise, traz poucos insights sobre as idiossincrasias da retórica do Bolsonaro. Retirando-se essas duas categorias codificadas, o primeiro conteúdo que mais se repete é o de valorização dos militares.

Valorização dos militares

Conteúdos que de alguma forma valorizavam os militares, apresentavam informações positivas sobre os seus feitos e parabenizavam pessoas específicas que são militares foram agrupados nessa categoria.

Há postagens com notícias que saíram na mídia *mainstream* ou em blogs de internet com opiniões favoráveis ao setor militar, como em “Mainardi: os militares são guardiães da democracia e poderão eleger um capitão para a presidência”, e também em “Desde quando a Aeronáutica passou a apoiar transporte de órgãos, nos últimos 10 meses, 476 fígados, corações, rins, pâncreas, pulmões, baços salvaram vidas. Parabéns Forças Armadas”.

Outras postagens com referências a diferentes ações que o exército faz em diversas regiões do interior do país, geralmente acompanhadas de fotos e vídeos de militares, como “Exército unindo e integrando. Maturacá é Brasil”.

Diversas postagens parabenizam formaturas de turmas de escolas militares com frases como “Escola Naval: Espadim/2018. Parabéns, aspirantes”. Outros destacam nominalmente militares, uns que já faleceram, como, por exemplo, “O dia de hoje marca exatos 50 anos da morte do Soldado Mario Kozel filho assassinado em um atentado com carro-bomba organizado pelo grupo comunista e terrorista Vanguarda Popular Revolucionária ao qual fazia parte Dilma Rousseff”, ou simplesmente “Capitão Stefan Cruz Contreiras. Nossos sentimentos”, outros que ainda estão vivos mas recebem postagens de destaque por algum feito no exército, como “Temos

a nossa heroína. Exército homenageia a Tenente Carlota com 104 anos pela sua participação na 2ª Guerra Mundial”.

Suspeita do Sistema

A segunda temática mais recorrente no discurso analisado de suas postagens é a ideia de que precisamos suspeitar da política em termos de sistema e de indivíduos (os políticos). Há diversas postagens que direcionam o leitor para um entendimento de que políticos mentem e não trabalham, como podemos verificar em “Nem sempre quem está aqui trabalha” (em referência ao Congresso Nacional) ou em “Até quando na política a mentira prevalecerá sobre a verdade?”. Há um entendimento claro de que precisamos destruir o que foi construído até o momento para que possamos consertar as coisas em postagens como “Conheça o Mecanismo (Sistema). Impossível mudar o Brasil sem quebrarmos suas engrenagens. Peço compartilhar (sic)”. Há também, explicitamente posta, uma desconfiança em relação ao sistema eleitoral, como observamos em “Enquanto persistir desconfiança em nosso sistema eleitoral, a classe política continuará na UTI”, e uma crítica ao atual modelo federativo que aumentaria a possibilidade de corrupção nas relações dos políticos entre as três esferas, que fica evidente em postagens como “Com a descentralização, são 3 coelhos numa cajadada só: seca mais uma fonte de corrupção, fruto da relação promíscua entre as esferas Federal, Estadual e Municipal que o atual modelo causa; efetividade no combate aos problemas de cada região; governabilidade sem o toma lá, dá cá”. Foram incluídas na contabilidade deste tema também as vezes que apareceram uma frase recorrente no repertório do candidato: “O Sistema não admite Bolsonaro”.

Crítica à mídia

A crítica à mídia é, sozinho, o terceiro conteúdo presente em maior quantidade em suas postagens. A grande maioria desses ataques são explícitos e diretos, como observamos em “Grande parte da imprensa consegue ficar pior do que sempre foi. A calúnia é o seu norte”, “Imprensa diz que não se governa sem o toma-lá-da-cá, logo ela seria favorável à corrupção?”, “Globo.com noticia que eu baixei no Hospital Central do Exército. Não existe limites para me desgastarem. Nunca estive tão bem para lutar pelo nosso Brasil”, “Mais um fakenews da Imprensa e dos canalhas! A verdade sobre os debates. Vídeo de muitos dias atrás. Link no youtube”, “É fakenews todo dia: a sujeira atinge limites estratosféricos a ponto de tudo que possa

ser negativo no mundo quando não descontextualizam tentam associar boçalmente ao nome de Bolsonaro. Por que? Será? (sic)”, “Por que as TVs não mostram essas imagens? Grande parte da mídia vive de mentiras”. Em uma menor parte há ataques mais sutis como em “A imprensa diz que o nosso palanque é frágil para 2018. Digo-lhes que o nosso palanque é o povo, e não partidos políticos”; “Revista Veja diz que uso robôs de última geração para obter sucesso na internet. (...) Meus ‘robôs’, na verdade, é o povo brasileiro”.

Crítica à esquerda

A crítica às esquerdas aparece na sequência. É importante destacar que na contabilidade desse grupo não se encontram as postagens críticas ao PT (elas foram separadas em uma categoria separada, que encontraremos abaixo), nem a outros partidos de esquerda, tampouco à políticos específicos de esquerda.

Aqui foram contabilizados apenas os conteúdos que atacam, *latu sensu*, a esquerda enquanto campo ideológico. Sejam ataques específicos às ideias defendidas pelo campo ou ataques direcionados para a parte da sociedade que se identifica com essas ideias. Também entraram na contabilidade as postagens que, apesar de textualmente não criticar o campo da esquerda, funcionam como título para um link acoplado que direciona o leitor para um vídeo que o faz como em “Controle da internet, da mídia e a esquerda”. Os ataques ao campo ideológico podem ser percebidos em postagens como “Sexo para as crianças nas escolas e relatório da comissão da verdade da esquerda rejeitados no plano municipal de educação”; “Na divisão de classes, o avanço do socialismo”; “O foro de SP bolivarianismo. Pátria Grande e suas derivações são o Plano de Poder da esquerda roubando o seu dinheiro e mente em prol da perpetuação no Poder!”; “Mais um ‘professor’ militante da Pátria Educadora da era esquerdista. A mentira, a difamação, a desinformação e a falta de compromisso com o ensino dos alunos é o que deixa o Brasil na situação educacional que se encontra”; “Competência e caráter estão acima de sexo, raça, sexualidade, classe social, etc. A esquerda divide a sociedade para enfraquecê-la e assim conquista-la. Nosso desafio é fazer diferente. Vamos lutar para que as pessoas recebam destaque por respeito”; “Não nos esqueçamos da agenda comunista ainda viva no Brasil”; “No momento, a certeza: a condução da política não pode continuar nas mãos de corruptos e comunistas”; “Porque

a esquerda potencializou demarcações de terras indígenas quilombolas, etc. Muito do falado foi tratado dentro da Câmara dos deputados. Conheça o seu futuro. O Brasil já acabou?”.

Patriotismo

Essa categoria aglutina, sobretudo, os conteúdos que fazem referência ao slogan de Campanha do Bolsonaro. Não há, no conteúdo analisado, discursos sobre patriotismo. O que há é a repetição da expressão “Brasil acima de tudo” e frases como “Faremos o Brasil grande”, “O partido do Exército é o Brasil” e “temos um coração verde e amarelo”.

Defesa do simbólico liberal

A defesa de um Estado mais enxuto – que por ser menor, é mais eficiente e menos corrupto – com menos impostos e menor interferência nas atividades econômicas do país fica claro em seu discurso. Explicitamente a defesa de Jair Bolsonaro é de um “projeto econômico liberal”. Por mais que algumas análises apontem o fato de no passado, Bolsonaro ter defendido projetos relacionados a um Estado forte e interventor, isso não se verifica no seu discurso mais recente. Não há margem para a dúvida nem contradições no seu discurso recente analisado em relação a qual o tipo de projeto econômico é necessário adotar para trazer desenvolvimento para o Brasil. É um projeto que se alinha à direita com menos impostos, sobretudo, já que eles sobrecarregam os cidadãos do país, como verificamos em postagens como: “não queremos um Brasil tomado pela corrupção ou por impostos escorchantes”.

Entendemos, para a finalidade desta análise, como defesas que se relacionam a ideologias liberais tanto postagens que explicitamente usam a palavra “liberal”, como aquelas que defendem a “liberdade” *lato sensu*, assim como também aquelas que parabenizam governos estrangeiros que são tidos como de direita e defensores de um Estado menor e com menos impostos, como a Argentina de Macri, e também as postagens que implícita ou explicitamente valorizam as ideias de “meritocracia”, são contrárias a taxações e multas às empresas ou aos cidadãos.

A “questão ideológica” é um fator de relevância no seu discurso. Longe de ser escondida por trás de outras questões polêmicas, há um convite explícito aos seus seguidores para que eles entendam que as ideologias políticas estão por trás da formulação de projetos políticos e que as “ideologias de esquerda” são um mal a ser combatido.

Menção à religião

Em seu discurso, as menções religiosas acabam sendo numerosas por conta da repetição da parte de seu slogan de campanha “Deus acima de todos”. Foram contabilizadas nessa categoria todas as postagens que traziam palavras que fizessem referência à religiosidade, como “Deus”, “Jesus”, “Missa”, por exemplo. Para além do slogan, há poucas referências a conteúdo religioso. Algumas exceções são frases como “Seguimos honrando nossos compromissos com a força de Deus e com a confiança dos Brasileiros”; “Hoje é um importante dia para os cristãos e por que não dizer para toda a humanidade. Sempre respeitamos quem não acredita e é uma escolha pessoal (...) Que este dia sirva também para restaurarmos a nossa fé seja espiritual seja no futuro do país, seja no mundo... Feliz Páscoa a todos!”.

Crítica ao PT

A crítica ao PT é um tema importante do discurso do Bolsonaro. Agrupamos aqui tanto as postagens que fazem críticas diretas ao partido, de maneira geral, como as que fazem críticas a políticos do partido. Há postagens no sentido de denunciar supostas más ações de partidários do PT, como observamos em “Sindicalista jornalista petista ameaça colega de profissão da Rede Record que cobria acampamento do PT em Curitiba”; “A relação dos ‘movimentos sociais’, que invadem propriedades no campo e na cidade com o PT e o Psol”; “Candidato do Psol, linha auxiliar do PT, acusa Bolsonaro do que eles são. Assista”; “Wadih Damous, PT/RJ, chama juízes e procuradores de nazi-fascistas. Tudo para defender Lula”; “Dep. Eduardo Bolsonaro denuncia vereador do PT por tentativa de homicídio e omissão de socorro”. Também há tentativas de claras de conectar a imagem do PT à imagem de terror e autoritarismo, como vemos em “ Hamas lá e o PT/MST cá. Mentiras e vitimismo como arma na propaganda do Poder”; “E quanto aos tiros que mataram Celso Daniel, alguém ouviu o PT querer sua elucidação? Sempre viveram de mentiras, cadáveres e miséria produzidos por eles mesmos”; “Queremos uma imprensa livre. O PT tudo fez para censurá-la via controle social da mídia. O povo mostra pra Globo que liberdade não é publicar mentiras”.

Crítica à corrupção

Como sabemos, a bandeira anticorrupção foi um forte elemento aglutinador para os públicos de direita que passaram a se redescobrir no espaço público (TELLES, 2016). Pegando

carona nesse contexto, há uma tentativa de evidenciar o problema da corrupção como um dos principais problemas que precisamos enfrentar no Brasil, nos conteúdos de Jair Bolsonaro, como vemos em “Você quer mudar o Brasil de verdade? A corrupção é a engrenagem mais importante do Sistema. Collor só caiu porque não teve como pagar”. O tema é também abordado com o objetivo de mostrar Bolsonaro como alguém que não está envolvido em esquemas corruptos como no trecho “Não existe processo de corrupção contra Jair Bolsonaro”. Há a valorização daqueles que lutam contra a corrupção, como foi o enfoque dado durante a greve dos caminhoneiros do final de maio de 2018, como podemos perceber em “parabenizo os caminhoneiros pela luta justa contra as mazelas que atingem a população causadas pela corrupção enraizada em nosso país”.

Defesa de valores tradicionais

Como Nagle, 2017, apontou, descrevendo os movimentos da Alternative Right, uma das pautas mais visíveis desses grupos é a ideia de que há, na contemporaneidade, uma decadência cultural.

Observamos no conteúdo analisado que diversas referências ao que ele considera “bons” valores e costumes são feitos em suas postagens, como vemos em frases como “hoje é um dia importante para todos os Cristãos e por que não dizer para toda a humanidade. Sempre respeitamos quem não acredita e é uma escolha pessoal, contudo sempre é válido lembrar que independentemente de religião sempre deixou ao longo de tempos mensagens positivas e reflexivas”; “vemos no General Mourão, os bons valores da nossa sociedade” ou em “O sertanejo, o produtor, o ruralista é conservador e trabalhador, preza pelos bons costumes e meritocracia. Podem ter certeza que o agro está em nosso coração”.

Há também, contabilizado nessa categoria, frases que denunciam valores que precisam ser combatidos como podemos exemplificar nas postagens que dizem “Sexo para crianças nas escolas e relatório da comissão da verdade da esquerda rejeitados no plano municipal de Educação. Contem sempre conosco!” e “Traficantes ditam as normas a escola, ‘fumar maconha aqui não’”.

Defesa do armamento da população

Contabilizamos em uma categoria separada as postagens que fazem referência explícita ao problema do “desarmamento” da população, tamanha a sua frequência no conteúdo analisado.

Há uma conexão construída retoricamente que liga o desarmamento da população a diversos outros problemas sociais causados pelo “esquerdismo”. A postagem em texto que citamos a seguir é emblemática: “Stédile chefe dos marginais do MST prega a destruição do campo arruinando grande parte de nossa economia. Elege os Bolsonaros da vida como seus inimigos. Não foi pensando em nossa segurança e liberdade que a esquerda nos desarmou. Assista” (sic).

Frases como “mais um pré-candidato cai na real quanto as armas. Cidadãos do campo e da cidade têm direito à legítima defesa”, “Não foi pensando em nossa segurança e liberdade que a esquerda nos desarmou”, e “Armas de fogo com regras” são frequentes no conteúdo analisado.

1. Vídeos com maior número de compartilhamentos

Para observarmos de maneira mais clara como os conteúdos listados acima são articulados em postagens, optamos por trazer para o trabalho, neste momento final, um olhar mais cuidadoso sobre as 5 postagens que foram mais compartilhadas no período analisado. As postagens do *Twitter*, como explicamos no início desta seção, também foram observadas (comparamos com o número de *retweets*), contudo, todas as 5 postagens mais compartilhadas são da rede *Facebook*.

Quadro 6 - Os 5 vídeos mais compartilhados nas redes de Jair Bolsonaro⁶⁶

Nº	Tipo	Link	Data	Shares
1	vídeo	https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/vídeos/1074630439352608/	25/05/2018	143343
2	vídeo	https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/vídeos/1142211689261149/	2/8/2018	117217

⁶⁶ Há imagens ilustrativas para cada um dos vídeos que podem ser vistas no Anexo 3 deste trabalho

3	vídeo	https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/1151205861695065/	9/8/2018	76469
4	vídeo	https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/1070370526445266/	19/05/2018	73167
5	vídeo	https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/1144638472351804/	4/8/2018	70943

Fonte: Elaboração da autora

Vídeo 1 - (duração de 2:59 minutos)

Bolsonaro está dentro de um carro, assistindo, pelo celular o vídeo de uma jornalista sobre o assunto da greve dos caminhoneiros. Olha para a câmera e, **após tecer críticas à jornalista**, fala a sua opinião sobre a greve.

“Questão dos caminhoneiros: **preço abusivo do pedágio** que todo mundo paga (...) **multagem eletrônica**, uma vergonha, uma verdadeira **indústria da multa** (...) outra questão: valor do frete (...) **outro problema, roubo de carga**, só no Rio de Janeiro, aqui na região da Avenida Brasil e Dutra são **27 roubos em média por dia** (...) e esse caso, agora, preço dos combustíveis (...) para tapar o rombo da Petrobrás **o governo quer arrombar o consumidor brasileiro** e entre eles os caminhoneiros, e mais ainda, para satisfazer a sanha arrecadatória dos governadores (...) ou seja, **temos muito o que fazer para desconstruir isso tudo** (...) caminhoneiros, parabéns (...) eu só peço uma coisa a vocês, não bloqueiem a estrada (...) com toda a certeza, onde porventura estiver havendo bloqueio é porque tem **alguém infiltrado do PT**, do MST ou da CUT, fora isso, prossigam na missão (...) é uma oportunidade de mostrar **aos bandidos que nos governam** que os patrões são vocês, trabalhador, povo brasileiro”.

Conteúdos presentes: Securitário, Estado Menor/Menos Impostos, Crítica ao PT.

Vídeo 2 – (duração de 2:02 minutos)

Jair Bolsonaro está sendo sabatinado por jornalistas do programa de TV “Roda Viva”. Ele responde a uma jornalista, que o pergunta sobre o que será feito para “resgatar a dívida da escravidão”.

“Que dívida? Eu nunca escravizei ninguém na minha vida (...) **se for ver a história realmente** o português nem pisava na África, os próprios negros que entregavam os escravos (...) não caçavam os negros (...) eram entregues pelos próprios negros”.

Há um corte para outro vídeo. Aparece a imagem do cantor Mister Catra, homem negro, sendo entrevistado na Rádio Jovem Pan, dizendo que;

“mas **na realidade não foi o branco que escravizou o preto**, tá?, foi o negro que escravizou o negro e vendeu para o branco na costa, todo mundo sabe disso (...) eu acho que o negro, **a gente não precisa de cota**, a gente não precisa de nada, a gente é igual (...) isso pra mim é racismo também ”.

Conteúdos presentes: Reescritura da história, Crítica às políticas identitárias.

Vídeo 3 – (Duração de 0:33 minutos)

O apresentador Luciano Huck, em close, fala olhando para a câmera. No parte inferior da imagem, há a legenda “não deixem esse vídeo morrer”.

“Pro **exército** eu acho que é um **reconhecimento de um trabalho que vocês fazem, sério**, e que eu acho que tinha que ser multiplicado por todo o ensino público brasileiro. Vocês mostraram o quanto a organização, o processo claro e organizado se colhe resultados (sic) (...) ter na final do soletrando três alunos de três escolas militares de três estados diferentes, é coroar **o resultado de um trabalho muito bem feito pelo exército brasileiro**”.

Conteúdos presentes: Valorização dos militares

Vídeo 4 – (Duração de 6:48 minutos)

Trecho do programa de TV “Brasil Urgente”. Fala-se sobre um assalto em um bairro de São Paulo que resultou em morte de um dos assaltantes por um policial militar. No início do vídeo o apresentador introduz a reportagem dizendo que “essa mãe me procurou (...) **não procurou para falar mal do policial**, falar mal da polícia que tinha matado o filho dela não, **muito pelo contrário**”. Na sequência, a mãe do homem morto é entrevistada.

“Se foi dessa forma que **Deus** achou, para barrar, para parar, para que ele não tirasse vidas de pais de família, amém (...) **eu não vou questionar o meu Deus nunca, jamais** (...) eu não dei droga pro meu filho, não fui eu que ensinei o meu filho a usar droga, **infelizmente ele era um usuário de droga** (...) **essa droga maldita está acabando com as famílias**”.

Conteúdos presentes: Valorização das polícias, Menção à Religião, Defesa de valores tradicionais.

Vídeo 5 – (Duração de 1:19 minutos)

Trecho do programa de TV “Globo News” em que Bolsonaro foi convidado para ser sabatinado por jornalistas.

Bolsonaro, olhando para a câmera, diz, “eu quero um Brasil onde tenhamos **um só povo**, né, um **país sem divisões de brancos, negros, heteros e homos, ricos e pobres, nordestinos e sulistas**. Eu quero um Brasil que **respeite a família acima de tudo**, que é a base da sociedade. Eu quero um Brasil onde a criança seja respeitada em sala de aula. Eu quero um **Brasil menos violento** e com mais emprego. Eu quero um Brasil negociando com o mundo todo **sem um viés ideológico**. Eu quero um Brasil que **invista em pesquisa e desenvolvimento para explorarmos a nossa biodiversidade** e agregue valor a nossos outros recursos minerais que nós temos aqui. Eu quero um Brasil sorridente. Que se abra para o turismo **dado a condições de segurança (sic) e infraestrutura**. **Nós temos tudo, mas tudo para sermos uma grande nação**. O que precisamos para chegar lá: precisamos, sim, de um homem, ou de uma mulher, que seja honesto, **seja patriota, e tenha Deus no coração**. É esse o Brasil que eu quero para todos nós. E se essa for a vontade de **Deus**, eu tenho certeza de que cumprirei essa missão **ao lado do povo brasileiro**.

Conteúdos presentes: (1) Um só Brasil, (2) Defesa de valores tradicionais, (3) Securitário, (4) Patriotismo, (5) Menção à Religião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma parcela majoritária do conteúdo presente nas principais redes sociais do Bolsonaro dialoga com as angústias dos cidadãos que foram identificadas em pesquisas de opinião que buscaram entender as motivações alucinadoras de multidões nas ruas, durante os anos de 2015 e 2016, quando a crise política brasileira ficou evidenciada, como pudemos perceber na análise feita no capítulo anterior.

O sentimento *antipetista* e o forte sentimento de desconfiança em relação às instituições políticas, quer sejam partidos, o congresso ou até mesmo o próprio sistema eleitoral, são abraçados pela retórica de Bolsonaro que oferece um discurso de críticas a praticamente todas as instituições consolidadas que organizam as relações formais da política no Brasil. Dessa maneira ele, consegue, apesar de ele mesmo ser um antigo político com longa trajetória no Congresso, se lançar como um *outsider*, pois ele desconfia das instituições. As denúncias sucessivas de que todos os partidos do establishment agem de fé ou mentem, de que a mídia mente e de que há suspeitas sobre o sistema eleitoral, conferem a ele a imagem de um político que não faz parte desse sistema e que, para além de não fazer parte, quer “quebrar as suas estruturas”. Revela-se uma espécie de outsider qualificado, com conhecimento prático do funcionamento do sistema, afinal, passou quase 30 anos trabalhando dentro dele. Para “transformar tudo isso que está aí”, melhor do que eleger um novo desconhecido na política, é eleger um “cavaleiro solitário” de longa data, com vasto conhecimento das artimanhas do sistema e que tem, como mote principal de seus discursos, apontar os verdadeiros “problemas que a mídia não mostra”.

Jair Bolsonaro tem um caráter messiânico de desvelar novas verdades para a sua audiência. O que compõe o conteúdo de seu discurso não é exatamente um agrupamento de “Fake News” que podem ser combatidas isoladamente, ao se apontar uma ou outra informação falsa. É um pacote narrativo bem acabado, constituído de lógica interna, que propõe uma nova maneira de olhar para os acontecimentos.

Por isso é tão difícil, de maneira isolada, desconstruir os seus argumentos. O caso clássico do “kit gay”, durante o período de campanha, exemplifica bem o que estou tentando ponderar aqui. Para desmentir a existência dos supostos “kits” nas escolas, precisaríamos passar por várias camadas distintas de compreensão da realidade. A de que “a mídia mente” – logo uma

informação desmentindo o “kit” vindo da grande mídia poderia ser falsa –, a de que o “estado está aparelhado pela esquerda”, logo é lógico concluir que, se não há evidências claras sobre a existência do “kit” nas escolas é porque possivelmente pessoas trabalharam para ocultar essa informação e a de que “existe um projeto em curso de transformação cultural posto em marcha pela esquerda”, o “marxismo cultural”, que passa por flexibilizar noções rígidas do conceito de família.

A maneira como o problema da segurança pública é evidenciado se conecta narrativamente aos problemas do “sistema” acima, uma vez que há o entendimento de que a flexibilização moral posta em curso pela esquerda, que dá demasiado respeito aos direitos humanos, impede que penas mais severas possam ser adotadas pela legislação, o que faz a criminalidade aumentar e, por fim, com o objetivo de manter os cidadãos reféns do cuidado do Estado e impedidos de se defenderem por si próprios, há o controle em relação ao porte de armas.

De maneira semelhante, as narrativas sobre o tamanho do Estado e da suposta falsa divisão dos cidadãos do país em grupos identitários alimentam a principal ideia que alicerça a construção do discurso do Bolsonaro, que é a de que as transformações econômicas, políticas e sociais ocorridas nos últimos anos que foram negativas tem como causa a “ideologia de esquerda”.

Dessa feita, há uma complexa teia argumentativa que une elementos retóricos distintos que, entre falácias e informações verdadeiras, propõem uma nova interpretação para a história da nossa sociedade.

Essas reflexões abrem caminhos para toda uma ampla agenda de novas pesquisas na área. É relevante tentar descobrir, por exemplo, quanto dessa compreensão de mundo presente no conteúdo oferecido pelo Bolsonaro nas redes é assimilada pela sua audiência. Há muito ainda por descobrir.

Contudo, a partir das observações que foram feitas por esse trabalho, entendemos que as análises que explicam o resultado eleitoral de 2018 principalmente a partir da defesa de que a ação de difusão massiva de *Fake News* pelo *whatsapp* influenciou de maneira fundamental o resultado eleitoral precisam ser nuançadas pela compreensão de que havia, anteriormente, há muito, uma construção narrativa das novas direitas, trazendo símbolos e valores, exemplificadas no discurso de Bolsonaro nas redes, que parece ter ganhado aderência na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Jeffrey A. **Vociferando contra o iluminismo: a ideologia de Steve Bannon.** Sociologia & Antropologia, Rio de Janeiro, v.08.03; p. 1009–1023, set.–dez., 2018.
- ALLISON, Lincoln. **Right Principles: A Conservative Philosophy of Politics.** Oxford: Blackwell, 1984.
- ALMEIDA, Ronaldo. **A onda quebrada-evangélicos e conservadorismo.** Cadernos Pagu, n. 50. 2018
- ALONSO, Angela. **A política das ruas. Protestos em São Paulo de Dilma e Temer.** Novos Estud. - CEBRAP, n. especial, junho de 2017.
- _____, Angela. **A política das ruas. Protestos em São Paulo de Dilma a Temer.** São Paulo, Novos Estudos CEBRAP Especial (pp.49-58) 2017.
- ANDERSON, Perry Et Al. **Balanço Do Neoliberalismo. Pós-Neoliberalismo: As Políticas Sociais E O Estado Democrático.** Rio De Janeiro: Paz e Terra. 1995.
- ARZHEIMER, K. **Contextual Factors and the Extreme Right Vote in Western Europe, 1980-2002,** American Journal of Political Science, Vol. 53, nº 2, pp. 259-275, 2009.
- BARON, L. **Os novos movimentos de direita no Brasil e o discurso partidário: ambivalências e contradições.** Leviathan. 2016
- BELL, Daniel. **The End of Ideology: On the Exhaustion of Political Ideas in the Fifties.** New York: Free Press, 1965.
- BELL, Daniel. **The Winding Passage.** Cambridge Mass.: ABT Books, 1980.

BOKHARI, Allum e; YIANNOPOULOS, Milo. **An Establishment Conservative's Guide to the Alt-Right**. 29 de março de 2016. Disponível em: <<https://www.breitbart.com/tech/2016/03/29/an-establishment-conservatives-guide-to-the-alt-right/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2018.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda. Razões e Significados de uma distinção política**. São Paulo: Editora. UNESP. 2011.

BOIANOVSKY, Mauro **The Brazilian connection in Milton Friedman's 1967 Presidential Address and 1976 Nobel Lecture**. CHOPE Working Paper No. 2018-11 July 2018. Center for the History of Political Economy Duke University. 2018.

BOISARD, Stéphane. **Pensando as direitas na América Latina . Objeto científico, sujeitos e temporalidade?** Varia História, Belo Horizonte, vol.30, nº 52, p. 85-100, janeiro- abril 2014.

BRANDÃO, Gildo Marçal. **Linhagens do Pensamento Político Brasileiro**. Dados – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 48, n. 2, 2005, p. 231 a 269.

BURKE, Edmund. **Edmund Burke: Selections from His Political Writings and Speeches**. London: T. Nelson & Sons, 1911.

CAMPBELL, A.; CONVERSE, P.; MILLER, W.; STOKES D. **The American Voter**. New York: John Wiley & Sons, 1960.

CARREIRÃO, Yan. **Identificação ideológica, partidos e voto na eleição presidencial de 2006**. Opinião Pública, v. 13, n. 2, p. 307-339. 2007.

CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**: Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais & Stella Caymmi. 1994.

CASIMIRO, Flávio Henrique. **A Dimensão Simbólica do Neoliberalismo no Brasil: O Instituto Liberal e a Cidadania como Liberdade de Consumo**. Cadernos de Pesquisa do CDHIS, 23(1). 2011.

CASTELLS, Manuel. **Communication Power**. Oxford: Oxford University Press. 2009.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro : Zahar. 2017.

CEPEDA, Vera Alves. **A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais**. *MEDIAÇÕES*, Londrina, v. 23 n°. 2, p. 75-122, mai.-ago. 2018.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. **A Nova Direita Brasileira: Ideias, Retórica e Prática Política**. *Insight Inteligência* N 72; Ano XIX; Janeiro/Fevereiro/Março. 2016.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. **Intelectuais da Nova Direita brasileira: ideias, retórica e prática política**. *Insight Inteligência* n° 82, jan.- mar., 2016.

CODATO, Adriano; BOLOGNESI, Bruno; ROEDER, Karolina Mattos. **A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador**. In VELASCO E CRUZ, Sebastião et al. (orgs.) *Direita Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo : Editora Perseu Abramo. 2015.

CONSTANTINO, Rodrigo. **Esquerda caviar: a hipocrisia dos artistas e intelectuais progressistas no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

COWAN, Benjamin Arthur. **Nosso Terreno. Crise moral, política evangélica e a formação da 'Nova Direita' brasileira**. *Varia Historia*, v. 30, n. 52, p. 101-125. 2014.

CRESPO, Miguel Urban. **Europe: A Continent in Crisis, a Rising Far Right**. Disponível em: <<http://www.internationalviewpoint.org/spip.php?article1931>>. Acesso em 27 de dezembro de 2018.

CRUZ, Sebastião Velasco ; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.). **Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

DALTON, Russel. **Citizens Politics in Western Democracies**. Chatham: Chatham House Publishers, 1988.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo : Boitempo. 2016.

DELCOURT, Laurent. **Um TeaParty tropical: a ascensão de uma “nova direita” no Brasil**. Lutas Sociais, Revista do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (NEILS), Vol. 20, n. 36, 2016.

DOWNEY, John, FENTON, Natalie. **New media, counter publicity and the public sphere**. *New media & society*, 5(2), 185-202. 2003.

FREEDEN, Michael.. **Ideology: A very short introduction**. Oxford : Oxford University Press. 2003.

FREIRE, André e; KIVISTIK, Kats. **Mapping and explaining the use of the left-right divide**. *Brazilian Political Science Review*, Vol. 7, n. 3, São Paulo: SP, 2013.

FUKUYAMA, Francis, **O fim da história e o último homem**. Tradução de Aulyde S. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GIDDENS, Anthony. **The Third Way and its Critics**. Cambridge: Polity Press. 2001.

GIORDANO, Verónica. ¿ **Qué hay de nuevo en las «nuevas derechas»?** *Nueva Sociedad*, (254), 46. 2014.

GLOBO NEWS. **Painel**. Publicado em 28 dez. 2013. Disponível em: <: <https://www.youtube.com/watch?v=-BYsM3peQPw&t=141s>> Acesso em: 29 out. 2017.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. São Paulo: Editora Unesp. 2014.

HAMILTON, Malcolm B. **The Elements of Ideology**. *Political Studies*. XXXV, 1987.

HARVEY, David. **A Brief History of Neoliberalism**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

HAUNTINGON, Samuel. **Conservatism as an Ideology**, American Political Science Review, 51, Issue 2, Cambridge, Massachusetts, 1957.

HAWLEY, George. **Making sense of the Alt-Right**. New York: Columbia University Press, 2017.

HAYEK, Friedrich. **The Constitution of Liberty**. London: Routledge & Kegan Paul, 1960.

HAYEK, Friedrich. **The Road to Serfdom**. London: Routledge & Sons, 1944.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. **Strangers in their own land: Anger and mourning on the American right**. Nova Iorque : The New Press. 2018.

IGNAZI, Piero. **Extreme right parties in Western Europe**. New York: Oxford University Press, 2003.

IGNAZI, Piero. **The silent counter revolution: Hypotheses on the Emergence of Extreme Right-Wing Parties in Europe**. European Journal of Political Research, Vol. 22, Issue 1, Julho de 1992.

INGLEHART, Ronald. **The Silent Revolution**. Princeton: Princeton University Press, 1977.

KING, D. **The New Right**. London: Macmillan, 1987.

KIRK, R. **The Conservative Mind**. Chicago: Henry Regnery, 1967.

KITSCHELT, Herbert; MCGANN, Anthony. **The Radical Right in Western Europe: A Comparative Analysis**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995.

LIMONGI, Fernando. **Impedindo Dilma**. In: Novos Estudos CEBRAP (Impresso), v. Especial, 2017.

LYNCH, Christian Edward Cyril. **O conceito de liberalismo no Brasil (1750-1850)**. Araucaria: Revista Iberoamericana de filosofía, política y humanidades, n. 17, p. 212-234. 2007.

LYONS, Matthew N. CTRL-ALT_DELETE. **The Origins and ideology of the Alternative Right. Political Research Associates. Challenging the Right Advancing Social Justice.** January 2017.

MADEIRA, R. M.; TAROUCO, G. S. **Esquerda e direita no Brasil: uma análise conceitual**, In: 33º Encontro Anual da Anpocs, 2009, Caxambu-MG. Anais do 33º Encontro Anual da Anpocs, 2009.

MANNING, D. **Liberalism**. London: Dent, 1976.

MAINWARING, Scott; MENEGUELLO, Rachel e POWER, Timothy. **Partidos conservadores no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MESSEMBERG, Débora. **A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros**. Sociedade e Estado, v. 32, n. 3, p. 621-647. 2017.

MIGUEL, Luis Felipe; COUTINHO, Aline. **A crise e suas fronteiras: oito meses de mensalão nos editoriais dos jornais**. Opinião pública, v. 13, n. 1, p. 97-123. 2007.

MILLER, Daniel. et al. **How the world changed social media**. London: UCL Press. 2016.

MISES, Ludwig von. **Liberalism: The Classical Tradition**. Indianapolis: Liberty Fund Inc., 2005.

MORAES, Dênis.. **Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci**. Revista Debates, 4(1), 54. 2010.

MUDDE, Cas. **The Far Right in America**, London: Routledge, 2017.

_____, Cas. **The Ideology of the Extreme Right**. Manchester: Manchester University Press. 2002.

NAGLE, Angela. **Kill all Normies: Online Culture Wars from 4Chan and Tumblr to Trump and the Alt-Right**. Zero Books, 2017.

NISBET, Robert. **La formacion del pensamiento sociológico, v. 1-2**. Buenos Aires: Amorrortu. 2003.

NOBRE, Marcos. **Curso livre de teoria crítica**. São Paulo: Papyrus Editora. 2008.

_____, Marcos. **Imobilismo em movimento: da abertura democrática ao governo Dilma**. São Paulo: Editora Companhia das Letras. 2013.

NORRIS, Pippa. **Radical Right: Voters and Parties in the Electoral Market**. Cambridge, Massachusetts: Harvard. University Press, 2005.

_____, Pippa; INGLEHART, Ronald. **Cultural Backlash: Trump, Brexit and the Rise of Authoritarian Populism**. New York: Cambridge University Press, 2018.

ONOFRE, Gabriel. **O papel dos intelectuais e think tanks na propagação do liberalismo econômico na segunda metade do século XX**. Tese História UFF, 2018.

ORTELLADO, Pablo; RIBEIRO, Márcio. **O que são e como lidar com as notícias falsas**. In: Sur. Revista internacional de direitos humanos (Impresso), v. 27, 2018.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **As bases da nova direita**. Novos Estud. - CEBRAP, Edição 19, Vol. 3., Dez. 1987.

PINTO, Céli Regina. **A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015)**. Lua Nova, n. 100. 2017.

POWER, Timothy. **The Third Way in the Third World: Theoretical Considerations and a Case Study of Cardoso's PSDB in Brazil.** In: World Congress of the International Political Science Association, Quebec City. 2000.

POWER, Timothy. **Political right in postauthoritarian Brazil: elites, institutions, and democratization.** Penn State University Press. 2010.

PRISK, Dan. **The hypereality of the Alt Right: how mmeme magic Works to create a space for far right politics.** 26th March 2017.

RIBEIRO, Ricardo. **Decadência longe do poder: refundação e crise do PFL.** Revista de Sociologia e Política, 22(49), 5-37. 2014.

ROCHA, Camila. **Direitas em rede: think tanks de direita na América Latina.** In VELASCO E CRUZ, Sebastião et al. (orgs.) *Direita Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro.* São Paulo : Perseu Abramo. 2015.

_____, Camila. **O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância? In: O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil.** SOLANO, Esther (org.). Boitempo, 2018.

_____, Camila. **O papel dos think tanks pró-mercado na difusão do neoliberalismo no Brasil.** Millcayac – Revista Digital de Ciências Sociais, vol. IV, n.7 (pp.95-120). 2017.

SALLUM, Brasílio. **Labirintos: dos generais à Nova República.** São Paulo: Hucitec. 1996.

SECCO, Lincoln. **A direita militante. Carta Maior, 7 de novembro de 2014.** Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/A-Direita-Militante/4/32189>>. Acesso em 3 de novembro de 2017.

SILVA, Thiago Moreira da. **Para além de esquerda e direita: a multidimensionalidade das crenças no Brasil contemporâneo (1989-2014)**. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Política, Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

SILVEIRA, Amadeu. **Para analisar o poder tecnológico como poder político** In SILVEIRA, Sérgio Amadeu; BRAGA, Sérgio; PENTEADO, Cláudio. Cultura e ativismo nas redes sociais. Salvador. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2011.

SILVEIRA, Luciana. **Fabricação de ideias, produção de consenso: Estudo de Caso do Instituto Millenium**. IFCH-UNICAMP, Campinas. 2013.

SINGER, André. **Esquerda e direita no eleitorado brasileiro**. São Paulo: Edusp, 2000.

_____, André. **Os Sentidos do Lulismo. Reforma Gradual e Pacto Conservador**. São Paulo: Companhia das Letras. 2012.

_____, André. **O lulismo em crise: Um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)**. Editora Companhia das Letras. (2018).

SKOCPOL, Theda; HERTEL-FERNANDEZ, Alexander. **The Koch Network and Republican Party Extremism** In: American Political Science Association, Perspectives on Politics, September 2016.

SOLNIK, Alex. **Vanguarda popular: a direita sai do armário (com roupas de esquerda)**. Brasileiros, n. 62, dezembro de 2012. Disponível em: < <http://brasileiros.com.br /2012/12 /vanguarda-popular-a-direita-sai-do-armario-com-roupas-de-esquerda/>>. Acesso em 12 de abr 2018.

SOUZA, Wender M. L. O Brasil Pós-1822: **Nem tão moderno, nem tão conservador. Faces de Clio**. Revista Discente do programa de pós-graduação em história- UFJF- Volume 3 Nº 5. Janeiro-Junho 2017.

SOLANO, Esther; ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Márcio; **Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à operação Lava Jato e contra a reforma de previdência.** Em Debate: Periódico de Opinião Pública e Conjuntura Política, Belo Horizonte, ano 9, n. 2, p. 35-45. 2017.

SOLANO, Esther. **Et al O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil.** In: SOLANO, Esther (org.). Boitempo, 2018.

TARROW, Sidney., **Power in movement. Social Movements and Contentious Politics.** New York: Cambridge University Press. 2007.

TAROUCO, Gabriela da Silva e; MADEIRA, Rafael Machado. **Partidos, programas e o debate sobre esquerda e direita no Brasil.** Revista de Sociologia e Política, Vol. 21, n. 45, p. 149-165, Mar. 2013.

TATAGIBA, Luciana. **Os protestos e a crise brasileira. Um inventário inicial das direitas em movimento (2011-2016).** Sinais Sociais, Sesc: Rio de Janeiro, Vol. 11, n. 33, jan-abr. 2017.

TATAGIBA, Luciana; TRINDADE, Thiago; TEIXEIRA, Ana Cláudia. **Protestos à direita no Brasil (2007-2015).** In VELASCO E CRUZ, Sebastião et al. (orgs.) Direita Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Perseu Abramo. 2015.

TELLES, Helcimara. **A Direita Vai às Ruas: o antipetismo, a corrupção e democracia nos protestos antigoverno.** Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais, n. 19. 2016.

TELLES, H. **A emergência dos Alternative Right (AR).** Revista Cult, São Paulo, v. n. 234, p. 22-25, maio, 2018.

TELLES, Helcimara. **Democracia de democratas insatisfeitos e a emergência dos Alternative Right (AR),** Revista Em Debate, Conservadorismo, Novas Diretas e Grupos Insurgentes. Periódico Eletrônico do Grupo de Pesquisa, UFMG, Ano X, Número I, Abril de 2018.

_____, Helcimara; STORNI, Tiago. **Ideologias, atitudes e decisão de voto em eleitores de direita e de esquerda.** Revista latinoamericana de opinión pública: investigación social aplicada (año 2011), Buenos Aires: Editorial Teseo, 2011.

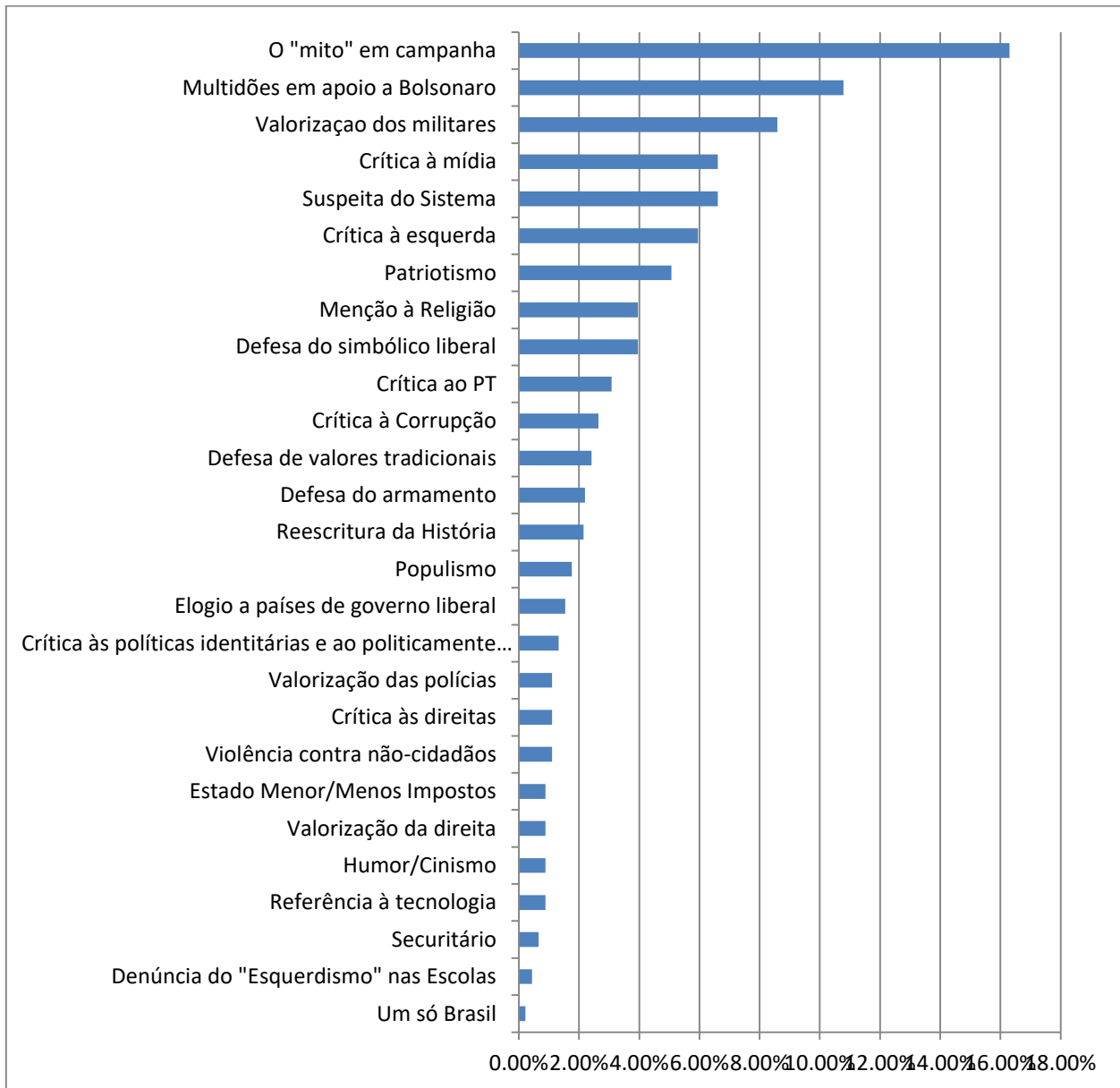
VENTURI, Gustavo. **A opinião pública diante da crise.** Teoria e Debate, vol.66. 2006.

WALLACE, Hunter. **What Is the Alt-Right?** Publicado em Occidental Dissent, 25 de agosto de 2016. Disponível em: <<http://www.occidentaldissent.com/2016/08/25/what-is-the-alt-right/>>. Acesso em 5 de março de 2018.

WENDLING, Mike. **Trump's shock troops: Who are the 'alt-right'?** BBC Radio 4 – The Briefing Room. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/magazine-37021991>>. Acesso em 23 de fevereiro de 2018.

WILLIAMSON, Vanessa; SKOCPOL, Theda; COGGIN, John. **The Tea Party and the remaking of Republican conservatism. Perspectives on Politics**, v. 9, n. 1, p. 25-43. 2011.

APÊNDICE 1



Fonte: Elaborado pela autora

ANEXO 1




Fonte: *print screen* da página Gab.ai

ANEXO 2

 **Jair M. Bolsonaro** @jairbolsonaro · 28 de mar de 2017
Tão grave quanto a CORRUPÇÃO é **questão IDEOLÓGICA**. Assista e prepare-se p/ lutar por sua liberdade. tinyurl.com/keuwzvu


47 312 1,1 mil

 **Jair M. Bolsonaro** @jairbolsonaro · 2 de out de 2018
A **questão ideológica** é tão, ou mais grave, que a corrupção no Brasil. São dois males a ser combatido. O desaparecimento do Estado, e o fim das indicações políticas, é o remédio que temos para salvar o Brasil.


1,4 mil 9,2 mil 44 mil

 **Jair M. Bolsonaro** @jairbolsonaro · 15 de jul de 2018
O Foro de SP não é brincadeira. @OdeCarvalho já denunciava há muito o plano de manutenção de poder de seus componentes!


O Antagonista @o_antagonista
Gleisi: "Estou aqui em Cuba para participar do Foro de São Paulo"
oantagonista.com/brasil/gleisi-...

 **Jair M. Bolsonaro** @jairbolsonaro · 30 de jul de 2018
O acontece em Fortaleza nesta semana e no Brasil como um todo nas últimas décadas é reflexo de um país onde reina a impunidade e a priorização dos vagabundos. É preciso mudar esta mentalidade, não há razão para atender bandido antes do que quer a população: segurança e liberdade.

198 1,2 mil 6,8 mil

 **Jair M. Bolsonaro** @jairbolsonaro · 27 de jul de 2018
Por representar um risco à esquerda na sua intenção de controlar a mídia, sou um dos alvos favoritos de mentiras e distorções maldosas veiculadas pela mesma, que atua grande parte à serviço da própria esquerda. É a imprensa lado a lado com quem mais ameaça sua liberdade. Irônico!

496 2,8 mil 13 mil

 **Jair M. Bolsonaro** @jairbolsonaro · 31 de jul de 2018
Utilizando a desinformação, o desespero da mídia internacional está superando todas as barreiras do inacreditável! Por que será?

Perfil.com @perfilcom
¡INCREDIBLE! El #polémico candidato brasileiro Jair Bolsonaro minimizó la #esclavitud
Por @DLBillier

269 771 5,1 mil



Jair M. Bolsonaro @jairbolsonaro · 30 de jul de 2018
O Brasil não aguenta mais um ciclo de PT ou PSDB.



Jair M. Bolsonaro @jairbolsonaro · 20 de ago de 2018
FHC reafirma união do PSDB com o PT contra Jair Bolsonaro. PSDB nunca foi oposição ao PT, sempre foram farinha do mesmo saco. Assista e compartilhe:



629 4,7 mil 14 mil



Jair M. Bolsonaro @jairbolsonaro · 14 de jul de 2018
Você sabe o que é o Foro de SP? basicamente é roubar seu dinheiro para manutenção no poder de alinhados políticos e muito mais como descrito na imagem. Pesquise e se informem sobre este perigo que destrói o Brasil há décadas e pode acabar com nossa liberdade brevemente:





Jair M. Bolsonaro @jairbolsonaro · 4 de jun de 2018

- O petista Pedro Dalari, a serviço da Globo, fala em corrupção no governo militar.
- Estariam com medo da possível eleição de um militar em outubro?
- Em editorial de capa do Jornal O Globo de 07/out/1974, Roberto Marinho diz que participou da Revolução de 1964.



459 1,4 mil 5,7 mil



Jair M. Bolsonaro @jairbolsonaro · 9 de jul de 2018

Olhe quem está por trás do HC do Lula... Tão grave quanto a corrupção... É o aparelhamento das instituições no Brasil. A esquerda, ao contrário como muitos pensam, está melhor preparada que o pré 1964...



Jair M. Bolsonaro @jairbolsonaro · 14 de jun de 2018

Recepção há pouco em São Luís - MA! Obrigado a todos pela consideração! Seguindo agenda de compromissos no Estado. 🇧🇷





Jair M. Bolsonaro @jairbolsonaro · 2 de ago de 2018

Dívida histórica: E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.



Jair M. Bolsonaro @jairbolsonaro · 11 de jun de 2018

- O desespero toma conta dos sanguessugas da política.

- Mentem, distorcem ou potencializam tudo que fiz ao longo dos meus últimos 40 anos.

- Juntos construiremos um novo Brasil.



Jair M. Bolsonaro @jairbolsonaro · 30 de jun de 2018

Canais do youtube como os de @OdeCarvalho , @padre_paulo @moura_101 , @bernardopkuster , @tradutores e tantos outros são ótimas fontes de informação que contrapõem muitos pontos omitidos pela maior parte da grande mídia! Boa noite a todos! 👍

185 1,1 mil 5,3 mil



Jair M. Bolsonaro @jairbolsonaro · 14 de abr de 2018

- Muito racismo e homofobia juntos...

- Chega do politicamente correto.





Jair M. Bolsonaro @jairbolsonaro · 29 de jun de 2018

O brasileiro respira aliviado com a decisão do STF pela não obrigatoriedade do imposto sindical? Sim, mas ainda é muito pouco para quem trabalha grande parte do ano só para pagar tributos e sustentar a máquina corrupta que não traz retorno algum para nosso país.

376 2,5 mil 12 mil



Jair M. Bolsonaro @jairbolsonaro · 1 de ago de 2018

O Brasil ocupa posição vergonhosa no Ranking Internacional de Educação. Pude ver de perto o modelo educacional da Coreia do Sul, por exemplo, hoje um dos melhores. Enquanto lá estimulam o raciocínio lógico nos mais jovens, aqui priorizam sexo e ideologias. Não tem como dar certo!

720 5,1 mil 22 mil



Jair M. Bolsonaro @jairbolsonaro · 2 de jun de 2018

- Com esses marginais de boné vermelho não pode haver diálogo.....

- Diálogo somente com pessoas civilizadas.....



1:08 121 mil visualizações



Jair M. Bolsonaro @jairbolsonaro · 27 de jul de 2018

Quem esquece seu passado está condenado a não ter futuro. A família é a base de uma sociedade sadia. Deus nos ilumine em todas as decisões que tomarmos, em especial, naquela do dia 07 de outubro.



1:51 49,1 mil visualizações

ALEXANDRE FROTA retweetou



Jair M. Bolsonaro @jairbolsonaro · 5 de jul de 2018

O politicamente correto é uma das táticas da esquerda para fazer o que sempre fizeram em países que implementaram seu plano de poder: aos simpatizantes tudo, aos adversários a força e à população o controle, a mordça e nada mais.

290 2,4 mil 10 mil

ANEXO 3



Imagem do vídeo 1

Fonte: *Printscreen* da página Facebook



Imagem do vídeo 2

Fonte: *Printscreen* da página Facebook



Imagem do vídeo 3

Fonte: Printscreen da página Facebook



Imagem do vídeo 4

Fonte: Printscreen da página Facebook



Imagem do vídeo 5

Fonte: Printscreen da página Facebook